



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

ELIDIANE DA SILVA AMANCIO DE MELO

**A PERCEPÇÃO DA TRANSFORMAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DO ESPAÇO
PERIURBANO DE ALDEIA: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DA GEOGRAFIA
HUMANISTA**

RECIFE

2017

ELIDIANE DA SILVA AMANCIO DE MELO

**A PERCEPÇÃO DA TRANSFORMAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DO ESPAÇO
PERIURBANO DE ALDEIA: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DA GEOGRAFIA
HUMANISTA**

Dissertação ao Programa de Pós-Graduação
em Geografia da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientação: Dr. Rodrigo Dutra Gomes

RECIFE

2017

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

S729s Melo, Elidiane da Silva Amancio de.

A percepção da transformação socioambiental do espaço periurbano de Aldeia : uma análise sob a ótica da Geografia Humanista / Elidiane da Silva Amancio de Melo. – 2017.

148 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Rodrigo Dutra Gomes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Recife, 2017.

Inclui referências.

1. Geografia. 2. Representações sociais. 3. Espaços públicos. 4. Mundo vivido. 5. APA Aldeia Beberibe. 6. Espaço periurbano. I. Gomes, Rodrigo Dutra (Orientador). II. Título.

918 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2018-119)

ELIDIANE DA SILVA AMANCIO DE MELO

**A PERCEPÇÃO DA TRANSFORMAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DO ESPAÇO
PERIURBANO DE ALDEIA: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DA GEOGRAFIA
HUMANISTA**

Dissertação ao Programa de Pós-Graduação
em Geografia da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em: 13 /03 /2018.

BANCA EXAMINADORA:

Profº. Dr. Rodrigo Dutra Gomes (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª Drª Edvânia Torres Aguiar Gomes (Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº Dr. Adauto Gomes Barbosa (Examinador Externo)
Instituto Federal de Pernambuco

Á Arthur Duran y Amancio, meu filho.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Pernambuco;

À Facepe pelo apoio financeiro;

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco;

Ao meu orientador, por todos os ensinamentos, confiança e paciência;

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia, por todos os ensinamentos prestados ao longo da minha formação;

À banca desta, por ter aceito o convite;

Às professoras Fátima Santos e Renata Lira, que gentilmente me receberam no Labint para estudar a Teoria das Representações Sociais;

À Professora Edvânia Torres, por todo aprendizado e paciência;

À Aداuto Gomes, por participar de mais este momento em minha formação;

À Escola Internacional de Aldeia, por me permitir a realização das entrevistas em suas dependências;

Aos meus pais Ana Amancio e Edson Genuíno, por todos os esforços realizados para que eu concluísse esse projeto;

A Felipe Duran y Barros, pelo companheirismo e incentivo;

À minha irmã Aline Amancio por todo apoio prestado ao longo destes dois anos;

À Ezequiel, Vinícius Sobral e Clara Philips (Jardim Digital), pela ajuda durante as atividades de campo e com material bibliográfico e iconográfico;

À Joaquim, pelas dicas e orientações durante os mapeamentos;

À Pietro Queiroz, pelas conversas motivacionais ao longo desses dois anos;

Aos amigos que encontrei durante as disciplinas e que de alguma forma contribuíram para a melhoria deste trabalho;

E a todos que de maneira direta ou indireta contribuíram para que este trabalho fosse concluído.

RESUMO

Na abordagem humanista o mundo vivido constitui uma articulação dos espaços de ação e percepção onde as intencionalidades e temporalidades se materializam na paisagem e no lugar. Nas áreas periurbanas, no contato entre rural-urbano, natureza-cultural, também constituem um abrigo das relações socioculturais e socioambientais espacialmente desenvolvidas, repletas de símbolos, significados e afetividades. Na perspectiva do sujeito que vive nestas áreas, é no mundo vivido onde o indivíduo e a coletividade desenvolvem suas experiências e, balizados nestas, constroem suas memórias, representações e identidades. Nesta direção, buscou-se estudar a percepção e o espaço vivido dos moradores nas áreas periurbanas da região de Aldeia, na Região Metropolitana de Recife/PE, diante das recentes transformações sociais e ambientais provocadas pela expansão urbana. A abordagem foi construída em diálogo com a Teoria das Representações Sociais, sendo um dos meios para se estudar o mundo vivido. Observou-se percepção e valores que remetem tanto ao sentido bucólico quanto ideológicos urbanos, se materializando nas atitudes frente ao cotidiano. Áreas onde o natural e o cultural urbano entram em contato, uma área de transições e intervenções, que trazem novos sentidos; e acarretam problemas ambientais diversos. Mas vivências boas ligadas a identidade e memórias permanecem.

Palavras-chave: Mundo vivido. APA Aldeia Beberibe. Representações Sociais. Espaço Periurbano.

ABSTRACT

In the humanistic approach the lived world constitutes a relation of the spaces of action and perception where the intentionalities and temporalities are materialized in the landscape and in the place. In the periurban areas, in the contact between rural-urban, nature-cultural. They also constitute a shelter of socio-cultural and socio-environmental relations, full of symbols, meanings and affectivities. In the perspective of the subject who lives in these areas, it is in the lived world where the individual and the community develop their experiences and, referent the construct of their memories, representations and identities. In this direction, we sought to study the perception and living space of the residents in the periurban areas of the Aldeia region, in the Metropolitan Region of Recife / PE, area of recent social and environmental transformations generated by urban expansion. The approach was built in dialogue with the Theory of Social Representations, being one of the alternative to study the lived world. It was observed perception and values that refer both ideological sense, bucolic and urban, materializing in the attitudes towards the daily. Are related areas where the natural and the urban cultural come into contact, and areas of transitions and interventions, which bring the construction of new meanings. This expansion entail diverse environmental problems. But good experiences, linked to identity and memories of the places, remain.

Key-words: Lived World. APA Aldeia Beberibe. Social Representations. Periurban Space.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	O PERIURBANO PELO VIÉS HUMANÍSTICO: MUNDO VIVIDO E AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS EM ALDEIA.....	17
2.1	A GEOGRAFIA DOS SENTIDOS E SUBJETIVIDADES DOS MUNDOS VIVIDOS: ASPECTOS GERAIS DAS ÁREAS PERIURBANAS.....	17
2.2	MUNDO VIVIDO, SENTIDOS E EXPERIÊNCIAS DOS LUGARES PERIURBANOS.....	34
2.3	INTENCIONALIDADES, TEMPORALIDADES E FUNCIONALIDADES: ALDEIA UM ESPAÇO EM DINAMISMO.....	45
3	PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO MUNDO VIVIDO PERIURBANO: direcionamento para o inquérito da APA Aldeia Beberibe.....	66
3.1	PERCEPÇÃO SOCIAL E ATITUDES	68
3.2	DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS À ABORDAGEM SOCIETAL (TRS): CONSIDERAÇÕES PARA O ESTUDO DO MUNDO VIVIDO PERIURBANO.....	76
3.3	MEMÓRIA E IDENTIDADE NO CONTEXTO DA EVOLUÇÃO ESPACIAL PERIURBANA	83
3.4	O MUNDO VIVIDO E PERCEBIDO PELAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM ALDEIA: DIRECIONAMENTO PARA O INQUÉRITO DA APA ALDEIA BEBERIBE	89
3.5	A COMPLEMENTARIDADE TÉCNICA: A INTERPRETAÇÃO DAS SUBJETIVIDADES ATRAVÉS DA ANÁLISE DE DADOS TEXTUAIS.....	95
4	PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES DO MUNDO VIVIDO EM ALDEIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS.....	100
4.1	MEMÓRIAS, IDENTIDADES E PERCEPÇÕES DOS GRUPOS SOCIAIS ANALISADOS.....	100
4.2	EXPERIÊNCIAS, INTENCIONALIDADES, CONFLITOS E SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL.....	112

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
	REFERÊNCIAS.....	140

1 INTRODUÇÃO

As transformações provocadas no espaço periurbano através da intensificação da urbanização do meio rural podem alterar significativamente as relações entre o sujeito e o meio onde este está inserido. No nível individual e coletivo, além dos aspectos econômicos e materiais, estas transformações influenciam suas percepções, significações, afetividades e representações. Em decorrência disso novas formas de entender e se relacionar com o mundo vivido são reveladas. Dardel (1952) já destacava que o entendimento das transformações socioambientais e de seus possíveis desdobramentos nas experiências individuais e coletivas, pressupõe o inquérito de um mundo experienciado geograficamente, e que também é sentido pelos sujeitos que estão a ele ligados por estruturas perceptivas e afetivas. Compreender estas relações ligadas à vivência, às subjetividades, e como as transformações espaciais periurbanas as modificam, constitui a principal direção desta pesquisa; a região de Aldeia/PE, mais especificamente a APA Aldeia Beberibe, será a referência empírica.

A região de Aldeia vem passando por intensas transformações pela expansão da estrutura e funcionalidade urbana sobre uma área tradicionalmente reconhecida como rural. A APA Aldeia Beberibe corresponde à uma área situada na Região Metropolitana do Recife (RMR), que se encontra inserida em parte dos territórios municipais de Camaragibe, Recife, Paulista, Abreu e Lima, Igarassu, Araçoiaba, São Lourenço da Mata e Paudalho, único município situado fora da RMR, apresentando uma área de 890 Km². A área caracteriza-se como periurbana, ou, em termos genéricos, de transição rural-urbana. A APA foi instituída com a finalidade de promover a preservação do maior fragmento de Mata Atlântica ao norte do Rio São Francisco, bem como dos mananciais e nascentes presentes em grande quantidade na região.

A expansão dos serviços, estruturas e funcionalidades urbanas geram diversas contradições ligadas justamente ao choque de duas lógicas com propriedades distintas. Por um lado, experiências relacionadas aos usos urbanos, ao comércio, ao lazer, à vida em comunidade, à circulação e mobilidade, e por outro, experiências que estão vinculadas ao ambiente rural como o desenvolvimento das práticas agrícolas familiares, das monoculturas, da extração de recursos para subsistência própria, da dificuldade de

acesso e mobilidade espacial e da carência em infraestrutura e equipamentos. Contudo, as consequências da expansão urbana em áreas rurais não dizem respeito somente às problemáticas materiais e econômicas, mas também subjetivas. As transformações socioambientais promovem nos moradores e viventes locais a reorganização de rotinas, dos hábitos das vivências, experiências, das identidades e das subjetividades contidas no mundo vivido experienciado. Tais impactos refletem-se diretamente nas experiências, percepções e representações dos sujeitos, e em decorrência disso, nas atitudes, nos comportamentos e condutas diárias desenvolvidas no lugar. Na perspectiva, pode-se dizer que as áreas periurbanas como, por exemplo, Aldeia, são compostas por espaços de percepção e ação, onde a partir das experiências ocorre o consumo do espaço para realização das necessidades mais básicas (moradia, comércio, lazer etc), e, a partir destas necessidades, desenvolvem-se as percepções através do arcabouço social associado às vivências individuais.

Diversos problemas ambientais podem ser observados na região de Aldeia, fruto da expansão urbana: - o aumento expressivo do número de condomínios, - ausência de estrutura adequada de circulação, - aumento do tráfego de veículos, - carência de estrutura de saneamento e destinação dos resíduos sólidos, - poluição atmosférica e sonora, - contaminação do solo e dos mananciais por defensivos agrícolas, - reprodução das ocupações desordenadas em áreas de proteção ambiental, - queimadas etc. Tais problemas compõem o cotidiano experienciado dos habitantes de Aldeia e podem ser investigados a partir dos discursos construídos por intermédio das percepções.

Na perspectiva de Tuan (1980), os estímulos provocados por tais impactos como, por exemplo, o odor das queimadas (estímulo olfativo), o ruído das instalações industriais (estímulo sonoro), a modificação das paisagens (estímulo visual), dentre outros, apontam para o entendimento de novos espaços de percepção que diferem do essencialmente bucólico e familiar. Isso abre caminhos para novas formas de representações baseadas em experiências e atitudes negativas em relação ao ambiente tradicionalmente bucólico. Nesta perspectiva, Aldeia pode também ser caracterizada como espaço de pressões antrópicas e em processo de degradação de sua qualidade socioambiental.

A modificação das estruturas do mundo vivido em termos naturais e sociais apontam para a necessidade de formas de inquérito, que, tendo como ponto de partida

os aspectos objetivos da realidade, fornecem apontamentos para a compreensão dos aspectos tipicamente subjetivos das experiências desenvolvidas. Nesta direção, e relevando a problemática apresentada, pode-se perguntar: Quais as memórias e identidades que caracterizam Aldeia (espaço em transformação) enquanto mundo vivido? Quais as transformações observadas neste espaço? Quais os novos sentidos criados a partir destas transformações? Como tais sentidos implicam na reconfiguração de percepções, atitudes e representações dos sujeitos? Como novos sentidos podem orientar as condutas e comportamentos individuais e coletivos? Quais as condutas e comportamentos surgidos?

Considerada esta problemática pretende-se a partir do objetivo geral estudar a percepção e o espaço vivido dos moradores nas áreas periurbanas de Aldeia, na Região Metropolitana do Recife, diante das recentes transformações sociais e ambientais provocadas pela expansão urbana. Em relação aos objetivos secundários esta pesquisa pretende: a) realizar o levantamento da evolução do espaço periurbano de Aldeia, identificando as áreas de maiores transformações, os agentes promotores, os marcos históricos, e as tendências de expansão das dinâmicas espaciais centrípetas e centrífugas que geram tais transformações; b) analisar as percepções, representações e valores dos moradores frente a transformações urbanas e ambientais ocorridas em Aldeia, bem como a maneira como os indivíduos interagem com o espaço diante dessas transformações e percepções; c) mapear as áreas de maiores transformações urbanas e ambientais e que colaboram para o processo de periurbanização de Aldeia e, sob esta referência, propor, segundo a percepção e vivência dos grupos sociais investigados, alternativas que conciliem o processo de expansão e ocupação urbana com a conservação e preservação ambiental, tanto humana (dos moradores mais tradicionais), quanto natural (dos sistemas físicos-naturais).

A pesquisa adere-se assim aos questionamentos humanísticos em relação a estas transformações socioambientais periurbanas. Em diálogo, então, com a perspectiva humanística da Geografia, utilizou-se o conceito de mundo vivido de Hursel como catalizador do inquérito; com respeito ao mundo cotidiano dos indivíduos e coletividades, suas ambiguidades, símbolos e ambivalência. A partir da concepção mundo vivido buscaremos incorporar abordagens da psicologia social, utilizando a Teoria das

Representações Sociais de Serge Moscovici e a Abordagem Societal de Willem Doise como abordagens para se estudar este mundo vivido, especificamente suas experiências, percepções, atitudes e representações.

Com isso, a abordagem construída para o estudo das transformações socioambientais em Aldeia realizará um diálogo interdisciplinar, de forma a fornecer alternativas para o inquérito humanístico, no caso, do mundo vivido na Geografia. Tal diálogo entre Geografia humanística e representações sociais, pretende fornecer diferentes perspectivas de abordagem do mundo vivido a partir de distintos segmentos sociais, com suas respectivas temporalidades, interesses, valores e crenças. Nesta perspectiva, as representações sociais atuam como mediadoras entre as memórias e a realidade, estabelecendo parâmetros de regulação social de condutas e comportamentos do mundo vivido. Tal diálogo interdisciplinar constitui um desdobramento teórico-metodológico ainda pouco praticado no tocante à Geografia humanista, nesta perspectiva também este trabalho constitui-se como uma proposta para o desenvolvimento de novas abordagens dos fenômenos e experiências relacionados o mundo vivido geográfico.

Para o alcance dos objetivos apresentados foram definidas três etapas de desenvolvimento da pesquisa: a pesquisa bibliográfica; a pesquisa de campo para coleta de dados e realização das entrevistas e o tratamento dos dados obtidos com o auxílio da ferramenta digital Iramuteq.

Faz-se importante esclarecer que foram empregadas concomitantemente as abordagens qualitativa, para o inquérito das questões relativas aos valores, crenças, sentimentos e demais aspectos subjetivos, e quantitativa no que se refere ao tratamento dos dados com o auxílio da ferramenta computacional Iramuteq. Evidencia-se que as abordagens qualitativas e quantitativas não são mutuamente excludentes, mas complementam-se.

A primeira etapa, correspondente à pesquisa bibliográfica, constitui a base necessária para que o inquérito das transformações ambientais em Aldeia fosse realizado. Inicialmente, foi levantada uma vasta bibliografia focada nas categorias de análise que norteiam este trabalho: espaço e lugar. Além das categorias de análise adotadas, a pesquisa bibliográfica também abrangeu o estudo das representações sociais.

A segunda etapa corresponde ao trabalho de campo onde foram realizadas as aferições empíricas acompanhadas da realização das entrevistas e dos diálogos com os sujeitos que experienciam os fenômenos alvo deste inquérito, bem como a coleta de material iconográfico do recorte espacial investigado. As entrevistas realizadas basearam-se nos princípios humanistas que valoriza os sujeitos da experiência, suas relações afetivas, memórias e representações sociais individuais e grupais, assim, mediante uma relação dialógica de valorização do conhecimento subjetivo e das experiências é que foram analisados os diferentes segmentos sociais aqui investigados.

Na sequência das etapas mencionadas, após a coleta dos dados obtidos através dos diálogos, ocorreu o tratamento dos dados. A princípio, realizou-se uma leitura minuciosa a fim de verificar o grau de detalhamento das informações coletadas e, conseqüentemente, selecionar os depoimentos mais relevantes para com os objetivos desta pesquisa, principalmente no tocante aos aspectos subjetivos, tais como, valores, crenças, afetividades, relações de pertencimento e representações sociais. Após a seleção dos depoimentos os dados obtidos foram tratados com o auxílio do software Iramuteq, ferramenta que viabiliza diferentes tipos de análises de dados textuais como, por exemplo, o cálculo da frequência das palavras em um corpus textual.

Partindo do direcionamento teórico-metodológico apresentado, o primeiro capítulo se inicia com o inquérito do ambiente periurbano de Aldeia através da ótica humanística, com o foco no conceito de mundo vivido e nas experiências desenvolvidas pelos sujeitos. O espaço periurbano é balizado na noção de mundo vivido que congrega experiências desenvolvidas tanto do ponto de vista físico-natural, quanto da perspectiva sociocultural relacionada aos ambientes rurais e urbanos com suas respectivas características. O desdobramento desta abordagem se propõe a analisar o periurbano a partir de seus sentidos e das subjetividades que se constroem com base nas relações entre o sujeito e o mundo vivido, identificando, a partir de então, as diversas funcionalidades e intencionalidades construídas através de uma perspectiva espaçotemporal no mundo vivido periurbano da região de Aldeia. Neste movimento, são também apresentadas as principais modificações antrópicas em um contexto espaçotemporal resultante da dinâmica de periurbanização, que, por sua vez, implica em transformações diretas nas percepções e rerepresentações sociais dos sujeitos inseridos neste espaço.

A partir das dinâmicas socioespaciais e das experiências identificadas, o segundo capítulo desenvolve-se através de uma abordagem empírica hermenêutico-interpretativa, onde as percepções ambientais e as representações sociais são cotejadas a partir da Teoria das Representações Sociais e da Abordagem Societal. Estas propostas vêm para compreensão das experiências e de suas estruturas cognitivas e afetivas, propondo entendimentos a respeito das percepções e representações sociais em termos individuais, coletivos a partir das inter-relações desenvolvidas no mundo vivido entre os segmentos sociais investigados.

Ainda no tocante à abordagem das representações sociais e da percepção ambiental, enquanto direcionamento metodológico, propõe-se o inquérito das memórias individuais e coletivas, pretéritas e recentes, como forma de identificar a construção da identidade do lugar em termos de mundo vivido geográfico. A intenção foi a de identificar e analisar as intencionalidades circunscritas nas experiências que resultam em modificações diretas nos sentidos do mundo vivido. Nesta perspectiva, são apresentadas as representações sociais de Aldeia como um direcionamento para o inquérito das transformações ocorridas na APA Aldeia Beberibe.

No terceiro capítulo, apresentam-se as memórias, identidades e percepções (re)construídas a partir da perspectiva do diálogo, ou seja, a partir dos indícios da realidade coletados durante as visitas e entrevistas realizadas. Nesta perspectiva, as vivências apresentadas buscarão dialogar com os sentidos do mundo vivido associados às transformações periurbanas descritas. Os indícios coletados culminam no tratamento das experiências e intencionalidades a partir dos conflitos socioambientais e impactos detectados na área estudada sendo averiguadas também as questões referentes à sensibilização ambiental para a conservação deste espaço em termos ecológicos e sociais.

Nesta perspectiva pretende-se expor os sentidos do periurbano identificando as evoluções espaciais e suas relações com a resignificação dos mundos vividos em termos de reestruturação dos laços afetivos e consequentemente em termos de modificações ambientais presentes e futuras. A pretensão é, assim, a de entender as percepções e valores estruturados frente às transformações urbanas e ambientais ocorridas em Aldeia, bem como as formas de interação ambiental e sociocultural

proveniente de tais percepções e transformações. Nesta direção, no entremeio entre natural e cultural, rural e urbano, a compreensão do periurbano envolverá tanto ambientes destinados à conservação dos serviços ambientais em termos ecológicos, quanto ambientes culturais que abrigam experiências vinculadas ao urbano e ao rural. Balizado, então, neste referencial desvendar-se-á as implicações oriundas da descaracterização espacial e, conseqüentemente, das identidades, percepções e representações sociais.

2 O PERIURBANO PELO VIÉS HUMANÍSTICO: MUNDO VIVIDO E AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS EM ALDEIA

2.1 A GEOGRAFIA DOS SENTIDOS E SUBJETIVIDADES DOS MUNDOS VIVIDOS: ASPECTOS GERAIS DAS ÁREAS PERIURBANAS

É inerente ao homem a necessidade de conhecer o seu lugar no mundo, pois ele também é parte desse lugar, mas nem sempre o sentido de pertencimento é tão evidente e externalizado quanto a necessidade de conhecer os lugares. Desde a infância desenvolvemos pequenos reconhecimentos a partir das vivências cotidianas. Assim, o quarto onde ocorre o repouso, o jardim onde as crianças passam a maior parte dos seus dias, a mesa onde a família costuma se reunir, os muros que delimitam o terreno da casa e todos os elementos que realizam a vida cotidiana. Todos eles criam uma rede de sentidos e significados que se ampliam com o passar dos anos e avançam para escalas que ultrapassam os limites da casa.

De forma simplória os elementos que envolvem a vida no cotidiano poderiam ser resumidos a objetos ou elementos físico-materiais, no entanto, visto a partir dos significados subjetivos o muro, por exemplo, é mais que o limite físico da residência, pois todas as crianças sabem que não devem ultrapassar estes limites físicos que também se tornam limites de sua liberdade e essencial para a manutenção de sua segurança. O jardim, por sua vez, pode ser encarado por crianças apenas como um espaço de recreação, mas ao tornar-se adulto as memórias da chuva ao tocar o solo, o cheiro das frutas no jardim, o canto dos pássaros o som das folhas ao balanço do vento certamente provocarão uma lembrança acolhedora. E, se este adulto, for habitar em um ambiente urbano, provavelmente despertará nele aspirações e sonhos de retorno ao ambiente equilibrado e seguro de sua infância.

Nesta perspectiva, as memórias e sentimentos ligados aos ambientes campestres, onde as experiências se desenvolvem ancoradas em tradições e representações que reafirmam o contato do homem com a terra e com a natureza, contrastam com o ritmo frenético e instantâneo das experiências desenvolvidas nas urbes. No campo a percepção temporal se dá em uma perspectiva de pausa, onde os modos de manejo dos

abundantes recursos naturais, as festas e os convívios sociais reforçam os vínculos afetivos dos sujeitos em relação a este ambiente; nos ambientes urbanos o tempo é líquido, assim como as experiências desenvolvidas espacialmente e impressas na paisagem, neste contexto, a urbanização do rural molda o espaço, os fixos, geram outras representações, mas não extinguem as tradições e memórias que fundamentam a vida social periurbana.

Questionamentos semelhantes ao realizado a respeito do ambiente doméstico podem ser ampliados para uma infinidade de objetos que necessitem de sensibilidade para serem investigados, estes ao serem explorados com mais profundidade revelam uma enorme variedade de sentidos e significados, pois são objetos que passam por transformações ao longo do tempo e, simultaneamente, provocam transformações nos sujeitos que de alguma forma o experienciam. Neste difícil jogo entre o concreto e o subjetivo, como resgatar a sensibilidade imprescindível a uma investigação científica das áreas periurbanas? Como analisar os problemas da rua, do bairro, e da mistura do campo rural e das cidades, sem cair em meros reducionismos planificadores, resgatando as singularidades dos lugares e valorizando a dimensão humana e subjetiva da investigação científica? Algumas das respostas para estes questionamentos foram apresentadas com a inserção do humanismo nas pesquisas científicas; e é por este caminho que se discorrerá, inicialmente sobre a abordagem humanística na Geografia e depois a sua contribuição para o estudo das áreas periurbanas.

Segundo Tuan (1976), no campo das investigações científicas o humanismo surgiu como tentativa de analisar as ações e produtos humanos a partir de uma perspectiva que fugisse aos padrões científicos cartesianos, unindo os estudos das humanidades aos temas geográficos. A abordagem humanista na pesquisa científica representa uma possibilidade real de superação dos reducionismos e implica na preocupação com o sujeito que vive no mundo, negando os pressupostos teóricos e metodológicos de uma ciência positiva, utilitarista e quantificadora, valorizando as experiências existenciais.

Para Entrikin (1980), “a abordagem humanista [...] é definida, em geografia e em outras ciências humanas, como uma reação contra o que eles acreditam ser um objetivo superficial, uma visão mecanicista e determinística do homem”. Ainda na visão do autor,

o humanismo em Geografia surge com o objetivo de estudar os “aspectos do homem que são mais distintamente “humanos”: significações, valores, metas e propósitos”.

A ideia de uma ciência preocupada com o estudo da ação e imaginação humana, tanto do ponto de vista objetivo quanto subjetivo na Geografia surge, a priori, no ano de 1925 através de Carl Sauer e seus estudos sobre a fenomenologia da paisagem e a relação do homem para com o meio. Os estudos relacionados à paisagem cultural resultaram no surgimento de cursos de Geografia Cultural que tinham por objetivo uma geografia que captasse os significados do variado cenário terrestre (SAUER, 1983).

Diante da necessidade de surgimento de novas perspectivas para os estudos geográficos que não excluíssem os aspectos humanos e subjetivos, a geografia humanista passa a ser reconhecida como um campo científico a partir da década de 1960 tendo como uma de suas principais características a valorização dos sentimentos espaciais e a percepção ambiental.

A afirmação da Geografia Humanista enquanto campo científico ocorre em um momento onde há um amplo domínio da Geografia analítica, no entanto observa-se a convergência de pesquisas geográficas de diversas linhas que apresentam em comum o interesse pela percepção ambiental. No âmbito das transformações de paradigmas científicos percebe-se por parte dos geógrafos da chamada Geografia analítica, bem como dos geógrafos culturais, uma forte inclinação em incorporar os avanços da Psicologia comportamental e de outras ciências como a Antropologia e a Sociologia aos estudos geográficos. Em 1965, no encontro anual da *Association of American Geographers* ocorre o Simpósio sobre Percepção Ambiental e Comportamento onde importantes passos em direção à estruturação do pensamento humanista na Geografia são dados através dos trabalhos de dois grandes geógrafos desta corrente: Lowenthal (1967) e Tuan (1967).

Para Lowenthal (1967), três grandes temas permeavam as pesquisas em Geografia: a) o mundo físico e dos fenômenos naturais e construídos pelo homem; b) as crenças e os valores relacionados ao meio ambiente; c) como as pessoas interagem e se comportam com o meio ambiente. Nesta perspectiva o foco da atenção dos trabalhos em Geografia recaía predominantemente sobre o primeiro tema, ou seja, sobre os fenômenos do mundo “real” ou “objetivo” enquanto que os aspectos subjetivos ligados às

percepções, significados e valores humanos em relação ao meio ambiente eram negligenciados.

A respeito da ausência de análises sensíveis aos aspectos humanos nos estudos em Geografia, Tuan (1967) afirma que as análises geográficas poderiam ser interpretadas a partir dos processos físicos que afetam as formas da Terra e através das marcas que o homem imprime na natureza como agente. Nesta perspectiva os estudos em Geografia deveriam observar as manifestações espaciais caracteristicamente humanas e a relação entre as pessoas e o meio ambiente: de como elas se dão, de quais sentimentos e ideias surgem a partir dessa relação que irão afetar as atitudes e valores individuais e grupais.

A criação de um campo disciplinar autônomo denominado Geografia Humanista tem seu surgimento no meio acadêmico diante das insatisfações com os chamados paradigmas cartesianos, mas o ambiente intelectual instaurado ao final dos anos 1960 também teve forte influência neste contexto. Segundo Parsons (1969), em um momento onde eclodiram diversos movimentos como, por exemplo, o movimento hippie, movimento feminista, revoltas estudantis, dentre outros, a necessidade era de surgimento de uma Geografia pautada nos valores humanos, na sensibilidade, na estética e fundamentalmente em um novo estilo de vida. Ainda na visão de Parsons, o interesse por uma Geografia operacional, mecanicista e criadora de modelos de mundo já não era necessária, pois o cientificismo e o economicismo característicos dessa Geografia tradicional resultaram na eliminação de valores morais e das subjetividades humanas. Nesta perspectiva Buttiner (1969, p. 417) afirma que:

Dramáticos e excitantes desafios confrontam os geógrafos hoje em dia. Mudanças revolucionárias nos padrões sociais empíricos significaram obsolescências para muitos procedimentos analíticos tradicionais: transformações radicais no mundo acadêmico fizeram nascer questões relativas à base filosófica dos procedimentos da ciência social. Comportamentalistas e existencialistas colocam a questão fundamental: pode a ciência continuar a servir uma função útil medindo e explicando a face objetiva e esboçando mecanismos da realidade social, ou deve ela também penetrar e incorporar suas dimensões subjetivas (BUTTIMER, 1969, p.417).

Criadas as condições para o surgimento de uma Geografia preocupada com os sentidos e as subjetividades, havia agora a necessidade de estruturação de um aporte

filosófico capaz de unir os geógrafos preocupados com as questões subjetivas das análises espaciais. É na Geografia Humanista onde as matrizes filosóficas da fenomenologia, do existencialismo e da hermenêutica servirão para fundamentar os estudos das subjetividades contidas nas relações espaciais.

É sob a influência da fenomenologia que a noção de mundo vivido, referência para esta pesquisa, foi de forma recente concebida. Assim, cabe apresentá-la no âmbito desta perspectiva, justamente para esclarecer sua proposta teórico-metodológica matricial, para nos próximos capítulos utilizá-la em diálogo às representações sociais aplicadas aos estudos geográficos, no caso, para o estudo das transformações em áreas periurbanas.

Concebida inicialmente por Edmund Husserl, a fenomenologia é na perspectiva de Lencioni (1999) o método que possibilita ao indivíduo o contato com o mundo dos objetos exteriores através das vivências e experiências. Ainda na visão da autora a fenomenologia:

[...] considera os objetos como fenômenos, os quais devem ser analisados como aparecem na consciência. A fenomenologia prioriza a percepção e entende que qualquer ideia prévia que se tem sobre a natureza dos objetos deve ser abolida. Afirma que toda disciplina deve questionar a essência que funda o objeto de sua investigação científica (LENCIONI, 1999, p. 148).

Na Geografia a fenomenologia surge como um aporte filosófico capaz de diferenciar os geógrafos humanistas dos chamados comportamentalistas, Segundo Holzer (1998) esta foi utilizada como base teórica e metodológica por alguns autores como Dardel, Sauer, Lowenthal e outros, mas foi Relph o responsável pela caracterização da fenomenologia na Geografia como um procedimento útil na descrição do mundo cotidiano da experiência humana. Para Relph (1979), o método fenomenológico seria usado com o objetivo de realizar uma descrição do mundo vivido da experiência humana objetivando o alcance da essência das estruturas perceptivas.

As abordagens da fenomenologia são capazes de proporcionar investigações científicas a partir da valorização das experiências espaciais dos sujeitos. Os estudos geográficos contam com importantes contribuições teóricas como a proposta de mundo

vivido (*Lebenswelt*) de Husserl, a de habitar (*dwelling*) de Heidegger, e a valorização das experiências geográficas. É a partir de então que novos horizontes começam a ser redesenhados em relação ao entendimento do lugar e do espaço.

No contexto das experiências, o lugar enquanto espaço apropriado simbolicamente e materialmente através dos laços afetivos corresponde ao mundo vivido. Este é um dos horizontes geográficos onde os fenômenos espacialmente distribuídos são compreendidos a partir das relações simbólicas e afetivas desenvolvidas entre o sujeito e o lugar em que está inserido. A respeito da relação desenvolvida entre as experiências do mundo vivido e a Geografia, o precursor Dardel (1952) escreveu que a “ciência geográfica pressupõe um mundo que pode ser entendido geograficamente e, também, que o homem possa sentir e conhecer a si como sendo ligado a Terra”.

Na perspectiva fenomenológica o mundo vivido corresponde ao mundo cotidiano, repleto de ambiguidades, símbolos e ambivalência onde estão inseridos os indivíduos. A consciência geográfica não se limita às estruturas mentais internas dos indivíduos e não se caracteriza como um receptáculo da cultura externa, mas resulta da internalização das essências apreendidas de objetos físicos e simbólicos. Este processo de internalização resulta no mundo vivido, em um espaço afetivo proporcionado a partir das experiências desenvolvidas para com os objetos e suas essências. Nesta perspectiva a essência dos objetos (fenômenos) antecede o sujeito da experiência.

A partir da descrição fenomenológica são apresentadas as consciências e significados dos fenômenos, o que possibilita a compreensão das estruturas de um fenômeno experienciado, ou seja, como se formam as experiências e como estas se desenvolvem. Outro aspecto importante com relação ao mundo vivido e às experiências nele desenvolvidas, para a abordagem dos conceitos de lugar e espaço na perspectiva humanista e fenomenológica diz respeito aos componentes do mundo vivido identificado por Husserl (1970), o mundo vivido natural e o mundo vivido cultural; estratégico para se pensar as áreas periurbanas.

O mundo vivido natural é preestabelecido temporalmente e espacialmente, consiste em um mundo que é experienciado, mas que resulta de uma situação necessária, imposta. O mundo vivido cultural é para Husserl (1970), o mundo onde estão inseridos “os seres humanos com toda ação e interesses humanos”, este mundo vivido é

representado pelas relações interpessoais, pelos símbolos e subjetividades contidas na relação homem meio. Neste mundo nada é preestabelecido, pois há uma constante interação no sentido de construção das experiências, ou seja, este é o mundo onde se passa a vida e onde são construídas as representações, significados e percepções.

Para Merleau-Ponty (1962) as duas dimensões do mundo vivido são complementares, pois o mundo natural pode conter também elementos do mundo cultural; e tal sentido permeará a discussão sobre o periurbano e vai ser estratégico para se discutir as transformações em áreas periurbanas:

Assim como a natureza acha seu caminho para o centro da minha vida pessoal e torna-se inextricavelmente ligada a ela, também os padrões de comportamento instalam-se no da natureza, sendo depositados na forma de um mundo cultural. Não tenho apenas um mundo físico, não vivo apenas no meio da terra, ar e água, tenho em torno de mim estradas, plantações, cidades, ruas, igrejas [...] O mundo cultural é ambíguo, mas está presente. (MERLEAU-PONTY, 1962, p.147)

Complementando em termos geográficos, para Relph (1979), o mundo é visto e experienciado através de um sistema de relações entre o homem e sua vizinhança, considerando que há estruturas experienciadas nestas relações e uma delas é o mundo vivido geográfico, o mundo experienciado como cenário artificial e natural. Não há nada de misterioso, ou abstrato ou exclusivo nesse mundo vivido geográfico [...] é simplesmente o mundo de espaços, paisagens e lugares o qual todos devemos encontrar em nossas vidas diárias. (RELPH, 1979, p. 7)

Contudo, é a abordagem da teoria das representações sociais que se pretende utilizar para o inquérito do mundo vivido nas transformações periurbanas, e, neste sentido oferecer novos meios de inquérito para a Geografia Humanista. Por isso, agora, tangenciar-se-á para o esclarecimento de um direcionamento metodológico interpretativo mais amplo e contextual: a hermenêutica. Esta é concebida como a investigação de fenômenos que envolvem aspectos subjetivos e que objetivam a valorização do sujeito da experiência em relação ao objeto. Com isso, pode-se dizer que será a hermenêutica o “par” metodológico da teoria das representações sociais, com o mundo vivido sendo o conceito catalizador, para investigar a área empírica.

Dentro da perspectiva do mundo vivido, as representações sociais atuam no âmbito dos discursos e da comunicação como mediadoras entre a construção simbólica

da realidade e as experiências desenvolvidas, orientando condutas e comportamentos individuais e coletivos. Na perspectiva geográfica, espacialmente falando, as representações sociais estão inseridas nos lugares e são importantes indícios para o inquérito do mundo vivido. Neste sentido, compreendendo sua formação e atuação enquanto regulador das dinâmicas socioespaciais compreenderemos melhor os lugares periurbanos e suas particularidades.

A hermenêutica corresponde à teoria ou filosofia de interpretação dos sentidos e até o final do século XIX era considerada como um esforço de interpretação. Ela constitui uma reflexão filosófica, interpretativa ou compreensiva sobre os símbolos e mitos em geral (SPÓSITO, 2004). Araujo (2007), baseado no pensamento de Jean Grondin, afirma que o surgimento da hermenêutica como forma de interpretação ocorre a partir da Idade Moderna, embora anteriormente a esta época já se tenham evidências dessa prática relacionada à interpretação de escritos bíblicos, entretanto, é apenas com os trabalhos de Heidegger que a hermenêutica atinge sua universalização. Para alguns pesquisadores o termo hermenêutica deriva etimologicamente da palavra grega *hermeneuein* e está ligada à Hermes, o deus grego considerado mensageiro, versão que é vista com certa incredulidade por muitos estudos (GRONDIN, 1999).

Segundo Coreth (1973), a hermenêutica é derivada do verbo grego [*herminévin* - *hermeneuein*] e é sinônimo de anunciar, declarar, esclarecer, traduzir, interpretar. Em outras palavras, significa dizer que a função da hermenêutica é trazer à compreensão informações e sentidos que podem ser expressos de forma dúbia ou subjetiva objetivando considerar os respectivos pontos de vista.

Na perspectiva de Falcão (1997), é natural do ser humano o desenvolvimento de percepções a respeito do ambiente no qual está inserido, estas percepções resultam em interpretações geradas a partir da apreensão dos sentidos e significados do mundo. Neste movimento a hermenêutica corresponde a um sistema de diretrizes voltadas à orientação das atividades interpretativas. De acordo com Gadamer (2002), ela não pode ser considerada um método, mas uma capacidade natural dos seres humanos. Uma postura interpretativa fundamentada em um olhar sensível sobre os objetos e em saberes não metódicos capazes de revelar as percepções e subjetividades invisíveis para os métodos tradicionais de análises.

Em síntese, segundo a perspectiva de Assis *et al* (2013), as interpretações das subjetividades contidas nas distintas realidades podem ser analisadas pela hermenêutica através de informações verbais e não verbais, contidas em distintas temporalidades e indispensáveis para a compreensão de um determinado fenômeno, seja em seu aspecto mais amplo ou em suas particularidades.

Pode-se entender o papel da hermenêutica de perceber os sentidos gerais e particulares das distintas realidades, através do fornecimento de informações da linguagem, dos sinais e dos símbolos, para a realização de uma interpretação totalizante do ambiente, sem deixar de considerar nem as partes e muito menos o todo. Nesta perspectiva é preciso considerar também o contexto histórico vivido, pois se sabe que a humanidade “evoluiu” mudando a forma de ver o mundo, logo, o período histórico e as experiências vivenciadas influenciam, em muitos casos, de maneira determinante, na forma de captação e entendimento dos sentidos fornecidos tanto pelos indivíduos quanto pelo meio” (Idem, 2013, p. 23).

Neste contexto, através da capacidade interpretativa-hermenêutica inerente ao homem, os estudos das relações espaciais desenvolvidas por um indivíduo ou por uma determinada coletividade na perspectiva geográfica encontra no humanismo um aporte necessário para o entendimento de fenômenos que envolvem não apenas a produção e reprodução dos espaços, mas a apropriação dos mesmos e a criação de vínculos e anseios fundamentais para a construção de identidades e que não podem ser compreendidos através de um olhar puramente técnico.

Os vínculos, as relações de afeto, as memórias, as identidades construídas na (re)produção espacial, constituem experiências que são vivenciadas nos espaços periurbanos de forma intensa e heterogênea, estes ambientes concentram grupos sociais com diferentes olhares em relação ao espaço. Enquanto mundo vivido (ambiente físico-natural e sociocultural) e na trama do cotidiano estruturam um verdadeiro mosaico de compartilhamento de memórias, culturas, convivências comunitárias e práticas socioeconômicas que resultam em constantes metamorfoses espaciais e que demandam sensibilidade para sua compreensão.

A Geografia Humanista surge assim, na perspectiva desta pesquisa, como uma alternativa para a análise dos processos criadores e estruturadores das chamadas “novas periferias”, franja rural-urbana ou ainda espaços periurbanos; justamente na apreensão

dos mundos vivos. Os espaços periurbanos abrigam distintas temporalidades repletas de vivências que revelam uma dimensão de um espaço subjetivo, de um mundo vivido onde coexistem os espaços físicos e os simbolicamente construídos. Porém mesmo diante de tal diversidade a perspectiva do sujeito da experiência que vivencia e anima tal espaço ainda é deixada de lado nas pesquisas preocupadas com a gestão e planejamento dos espaços urbanos e de transição.

Segundo Gomes (2006), geógrafos e urbanistas desenvolveram diferentes concepções de cidade e estudos urbanos, sobretudo a partir da década de 1970, que possibilitaram diversos desdobramentos para a classificação e ordenamento dos espaços intraurbanos. Mas os aspectos relacionados à internalização e compreensão simbólica dos elementos físico-naturais carecem ainda de atenção e sensibilidade, tanto em termos práticos, quanto teóricos.

Os diagnósticos, análises e estudos, culminando/resultando ou não em intervenções, não contribuíram para o atingimento de definições precisas e operacionalizáveis, a partir do que se quer nas cidades, quanto aos seus elementos físicos-naturais, suas ancoragens socioculturais, suas paisagens, seu meio, sua natureza [...] Informações sobre o meio ambiente da cidade, especialmente a percepção e o nível de satisfação da população quanto ao entorno de sua habitação apresentam-se como elementos fundamentais no auxílio à tomada de decisões para o planejamento urbano e gestão das cidades. Emergem distintos campos de conhecimentos e elenco de informações, configurando importantes fontes para investigação das cidades” (GOMES, 2006, p. 298).

Partindo da reflexão proporcionada por Gomes (2006), percebe-se que as cidades e as novas periferias, ou áreas de transição rural-urbano, ainda são concebidas em muitos diagnósticos, estudos e intervenções de maneira semelhante aos conceitos desenvolvidos durante a década de 1970, de forma estática e meramente operacional, resultando em impactos negativos na qualidade dos sistemas físico-naturais, bem como na qualidade de vida dos indivíduos que habitam tais ambientes, uma vez que suas representações socioculturais, seus anseios, suas relações simbólicas para com as paisagens e os lugares não são integradas ao planejamento espacial.

No que tange à questão urbana verifica-se na Geografia da Percepção uma preocupação com os estudos urbanos pelo desenvolvimento de pesquisas buscando a compreensão da forma como os indivíduos percebem o espaço urbano e a avaliação que

os mesmos fazem dos respectivos espaços vividos. É a partir da base teórica fornecida por esta vertente da Geografia que Downs (1970), baseado em influências behavioristas, concebe a distinção espacial entre “Espaço da Percepção” e “Espaço da Ação”¹, que na perspectiva de Horton e Reynolds (1971) correspondem ao meio físico e ao meio social, respectivamente. É no espaço da ação onde a vida cotidiana se realiza, onde as necessidades dos indivíduos e da coletividade são supridas e é a este espaço que estes sujeitos estão ligados de forma afetiva e prática.

A abordagem humanista da geografia promove uma perspectiva antropocêntrica na realização dos estudos ligados aos ambientes urbanos. Nesta abordagem o foco das investigações anteriormente centrado na elaboração de levantamentos e projetos voltados para o meio urbano desloca-se para a análise social do urbano, objetivando um olhar mais apurado a respeito das subjetividades contidas nas relações espaciais. Esta mudança de perspectiva está relacionada à influência da Escola de Chicago que voltou suas atenções para o estudo dos indivíduos na cidade, bem como de suas percepções e representações. Na Geografia Urbana a influência de uma perspectiva antropocêntrica é perceptível na atualidade por meio da análise social dos espaços, mantendo estreita relação de interdisciplinaridade com a Psicologia, a Antropologia e a Sociologia. Tal perspectiva vem proporcionando análises que não se limitam apenas às condições objetivas da vida, mas avança em direção ao esforço de compreensão dos aspectos subjetivos, uma vez que a ligação espacial dos indivíduos inseridos no espaço não pode ser analisada apenas de forma racional, mas se estende ao nível emocional. Seus resultados buscam revelar uma ligação entre sujeito e espaço justamente no processo de apropriação do espaço pelo sujeito pela construção de vínculos afetivos e de identidade. Neste movimento este espaço de apropriação também se configura como um lugar (GOMES, 2006).

As relações subjetivas de representação e percepção espacial, bem como a estruturação dos vínculos simbólicos com o espaço se assemelham tanto em ambientes

¹ O “Espaço da Percepção” é entendido como um recorte do meio cotidiano que o indivíduo procura transmitir ou fazer conhecer a uma terceira pessoa, seja através de descrição, relatório ou desenho, ou por meio de uma experiência. O “Espaço da Ação” corresponde a uma parte dos espaços percebidos utilizada por um indivíduo em um determinado período para atendimento e satisfação de suas necessidades no âmbito das funções básicas (GOMES, 2006).

urbano, quanto nos limites de transição desses espaços para com as áreas periféricas das urbes. As chamadas áreas de transição rural-urbana ou espaços periurbanos abrigam uma enorme multiplicidade de espaços de ação e de percepção e, conseqüentemente, uma enorme variedade de lugares apropriados mediante a construção de vínculos simbólicos estruturados em distintas temporalidades por diversos segmentos sociais. No entanto, como já comentado, ainda carece de olhares apurados e dispostos a investigar estes espaços, a partir da perspectiva dos sujeitos que os experienciam.

Souza (2003) classifica as áreas de transição como espaços onde coexistem duas lógicas distintas de uso do solo, uma rural e outra urbana. Estes espaços constituem reservas de valor em áreas de especulação imobiliária e são afetados por problemas de origem social e ambiental, tais como ocupações irregulares, aumento da criminalidade, segregação espacial, destruição da vegetação nativa, contaminação e exploração de recursos hídricos, sobretudo nascentes.

Segundo Miranda (2008), os espaços periurbanos correspondem a:

[...] Espaços plurifuncionais em que coexistem características de uso do solo tanto urbanos como rurais - presença dispersa e fragmentada de usos e ausência de estrutura urbana que proporcionem uma unidade espacial, submetidos a profundas transformações econômicas, sociais e físicas, com uma dinâmica estreitamente vinculada à presença próxima de um núcleo urbano (MIRANDA, 2008, p. 28)

Os processos espaciais materializados nas áreas de transição rural-urbana resulta em distintas manifestações espaciais que revelam permanências e discontinuidades que resulta em um espaço fragmentado onde espaços habitacionais, naturais, exclusivos, industriais etc., se avizinham, mas muitas vezes não se comunicam ou se relacionam. Esta diversidade de processos caracteriza os chamados espaços periurbanos, dificultando a identificação dos limites entre o rural e o urbano. Nesta perspectiva os espaços periurbanos são entendidos como áreas de reserva para expansão urbana ou como áreas de reserva de mananciais e recursos naturais (MIRANDA, 2008).

Estas áreas de transição podem ser analisadas mediante duas perspectivas distintas: a) como decorrentes do processo de expansão urbana; b) enquanto resultado de práticas espaciais objetivando a transformação do solo rural em urbano. A análise do

espaço periurbano como resultado de práticas espaciais que promovem a transformação do ambiente rural em urbano é a que mais se aplica aos objetivos deste trabalho sendo balizadas a partir das considerações como as de Donne (1979) e Corrêa (1995) que observam tais espaços como trechos dinâmicos e descontínuos suscetíveis à ação de agentes de produção e comercialização do solo.

Segundo Donne (1979), a mudança do uso do solo rural para usos notadamente urbanos está atrelada ao movimento de deslocamento do espaço residencial das elites onde se verificam mecanismos de especulação fundiária e segmentação social. É a partir deste deslocamento promovido pelos promotores imobiliários que são balizadas as principais transformações do espaço rural em espaço urbano. Em relação à valorização do solo periférico Miranda (2008) analisa os espaços periurbanos em função da especulação imobiliária e defende que a expectativa da demanda para fins de urbanização eleva o preço do solo agrícola na periferia urbana, tornando aprazível aos proprietários de terra a exaustão do solo sem efetuar novos investimentos objetivando futura valorização do solo em função da urbanização.

Assencio (2005) conceitua as áreas periurbanas a partir das relações socioespaciais entendendo-as como:

[...] zonas rurais onde a influência urbana é mais forte por sua proximidade física com a cidade, em sua extensão física e funcional, que as invade e integram através de processos únicos cujos efeitos são de natureza diversa: econômica, demográfica, social e territorial, de forma que o aspecto mais importante é a mescla de usos do solo, o qual repercute em um incremento na complexidade dos fluxos de pessoas, bens, serviços e informações, promovido pela presença de uma rede de comunicação bem desenvolvida (ASSENCIO, 2005, sp).

A partir do ponto de vista do autor as áreas periurbanas podem constituir diversos usos: - zonas de circulação/ passagem, promovendo o fluxo entre o rural e o urbano e entre o urbano e o rural; - zonas de amortecimento ecológico funcionando como filtro ambiental e área de preservação de recursos; - áreas de lazer diferenciado e quase sempre relacionado aos aspectos bucólicos das paisagens campestres; - espaços de especulação imobiliária e concentração fundiária, principalmente pela proximidade locacional em torno do núcleo urbano; - zonas de uso habitacional isoladas; - polo de

implantação de grandes equipamentos industriais e comerciais; e - áreas onde a expansão urbana tem como obstáculos os fatores naturais. A partir das considerações realizadas, os espaços periurbanos são classificados como urbano-periurbano, periurbano-rural ou urbano-rural, conforme o quadro 1 apresentado por Miranda (2008).

Quadro 1 - Áreas periurbanas segundo Asensio (2006)

TIPOS	CARACTERÍSTICAS
Urbano – periurbano	Caracterizado por encontros dinâmicos e bidirecionais com intercâmbios de informação e energias, com maior pressão do urbano.
Periurbano-rural	Áreas que apresentam menor dinamismo, portanto menores pressões.
Urbano-rural	Quando não se distingue uma franja periurbana.

Fonte: Miranda, 2008.

A caracterização do espaço periurbano como um ambiente conflituoso e alvo de múltiplos interesses, tem suas origens relacionadas ao modelo de desenvolvimento das aglomerações metropolitanas que historicamente promove um processo de acumulação de disparidades socioespaciais. Estas são acentuadas quando se leva em consideração as políticas públicas que sustentam um modelo centro-periferia onde ocorre um contínuo deslocamento da mancha urbana em direção às áreas rurais e aos espaços naturais quase sempre resguardados como reserva de valor fundiário.

Os diversos conflitos presentes nas metrópoles brasileiras reafirmam o caráter complexo e desigual das áreas periurbanas cujo desenvolvimento ocorreu com base no binômio modernidade-pobreza resultando em aglomerações urbanas marcadas pela difícil distinção de seus limites institucionais urbanos e que se caracterizam por uma expansão extensiva, mas carente da provisão de infraestrutura, equipamento e serviços. Lacerda (1978) e Bitoun (2004) reiteram as considerações sobre as condições de desigualdades presentes nas metrópoles brasileiras onde coexistem realidades que expressam modernização e crescimento em oposição aos espaços que expressam realidade bastante carentes, um exemplo desta contradição é o município de Araçoiaba,

situado dentro do perímetro investigado neste trabalho e que também compõe a APA Aldeia Beberibe. Embora situado em áreas de especulação imobiliária, esse município apresenta precária infraestrutura, elevados índices de pobreza e desigualdade social, apresentando segundo o IBGE o mais baixo IDHM², dentre os municípios que compõem a RMR.

A partir de variáveis como as condições geográficas locais e a intensificação das desigualdades são definidos modelos de centro-periferia, que expressam a situação da área estudada, onde comumente verificam-se características como: - problemas rodoviários; - tendências à expansão pelo espraiamento; - carência de infraestrutura e serviços públicos e urbanos; - especulação imobiliária e fundiária, déficit habitacional; - acesso desigual a moradias e propriedade da terra; - periferização. A respeito destas características presentes na relação centro-periferia, Santos (1993) afirma que “cada qual destas realidades sustentam e alimentam as demais e o crescimento urbano, é, também, o crescimento sistêmico destas características”.

As áreas de transição entre campo e cidade apresentam diversas alternâncias em distintas temporalidades que são motivadas pela intensificação da urbanização e consequentemente seu espraiamento. Conforme Graziano da Silva (2002) podem ser observadas em três momentos temporalmente específicos da relação espacial entre o rural e o urbano: a) o primeiro momento revela que rural e o urbano configuram-se como polos opostos segregados a partir de uma relação dicotômica; b) o segundo momento caracteriza-se pelo domínio do urbano sobre o rural na medida em que os complexos processos organização espacial promovem uma maior industrialização, acentuam as migrações e promovem um avanço da urbanização em direção ao rural; c) o terceiro, e mais recente momento, é marcado por uma diversificação espacial para além dos processos de urbanização e das atividades econômicas ligadas ao campo, de forma que o rural e o urbano são entendidos como um *continuum rural-urbano*, onde não existem delimitações estáticas e precisas.

Nota-se que teoricamente as explicações relacionadas aos limites entre o rural e o urbano são formuladas a partir de um sentido de confronto, onde ocorre ou a

² Segundo o IBGE, Araçoiaba apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,592, considerado o mais baixo entre os municípios da RMR.

superioridade do urbano em relação ao rural, ou a resistência e renovação das atividades rurais frente à expansão urbana. A ideia de superioridade do urbano em relação ao rural está atrelada ao conceito de sociedade urbana, entendido por Lefèbvre (2002) como resultante da urbanização completa. O oposto desta ideia é defendido por Kayser (1990) a partir do conceito de nova ruralidade que na visão do autor é entendida como um modo particular de utilização do espaço e da vida social, e que é caracterizado através dos componentes ecológicos, socioeconômicos e socioculturais. Tanto o conceito de sociedade urbana, quanto o conceito de nova ruralidade quando analisados no mundo contemporâneo reafirmam a superação de dicotomias historicamente estabelecidas. Neste processo, a relação de domínio e dependência são substituídas por relações independentes resultando em espaços mais ou menos conectados aos processos globais, tanto em ambiente urbano, quanto nas periferias ou espaços periurbanos. A antiga oposição entre campo e cidade perde cada vez mais o sentido no que se refere aos aspectos socioeconômicos, sendo considerado como um *continuum rural-urbano* (KAYSER, 1990).

Seguindo a sugestão de um *continuum rural-urbano* verifica-se nestas áreas que usos caracteristicamente rurais dos espaços se apresentam cada vez mais dotados de urbanidades, seja na perspectiva da produção econômica ou do uso e ocupação do solo. Graziano da Silva verifica espaços caracteristicamente rurais sendo reconfigurados em função dos processos de produção econômica e do uso e ocupação do solo que acabam constituindo um novo rural marcado por atividades relacionadas ao agronegócio, à persistência das atividades ligadas à agricultura de subsistência, principalmente agricultura familiar, e atividades ligadas à moradia, lazer, indústrias e prestação de serviços, gerando o que o autor denomina de novas atividades agropecuárias originadas no campo, mas que proporcionam intervenções típicas de ambientes urbanos (GRAZIANO DA SILVA, 2002).

Assim, nas áreas periurbanas o urbano e o rural são realidades que se complementam. Na perspectiva de Jacobs (2000) a busca pela superação da dicotomia entre esses espaços deve ser intensa, objetivando uma unidade de contrários, uma vez que as cidades carecem de zonas rurais próximas e, também, o campo se beneficia das atividades e oportunidades geradas no contexto urbano. A expansão do urbano em

direção ao rural é incentivada a partir de representações de paz, equilíbrio, natureza e pela manutenção da proximidade com o núcleo urbano. Mas, observando-se este movimento por outra perspectiva percebe-se que as áreas periurbanas são necessárias aos núcleos urbanos por abrigar equipamentos indispensáveis à cidade (aterros, estação de tratamento e captação de água, geração de energia etc.), gerando pressões nos sistemas físicos naturais que podem muitas vezes ser irreversíveis.

Diante dos processos socioespaciais que estruturam o espaço periurbano são desenvolvidas distintas apreensões, percepções e representações por distintos segmentos sociais e agentes produtores deste espaço, tais representações contribuem para a manutenção das identidades e vínculos historicamente construídos. Contudo, se por um lado, tais representações expressam sentidos de vivências e construções de significados dos moradores locais, por outro, também podem ser reconstruídas objetivando a propagação de novos conceitos que atendam interesses de segmentos específicos como, por exemplo, interesses relacionados ao mercado imobiliário.

Neste aspecto, relação rural-urbano de maneira genérica se expressa no imaginário e no discurso como um mosaico de formas e funções geradas por intencionalidades distintas, são espaços que abrigam: tradições, como as festas religiosas; culturas, como a manifestação cultural do caboclinho, maracatu e outras; convívios rurais (relação de vizinhança, espírito comunitário); práticas socioeconômicas, como o agronegócio e a policultura para o abastecimento local (milho, macaxeira, hortaliças); identidade e potencial ecológica (unidades de conservação, áreas em recuperação); espaços vulneráveis à ação antrópica (áreas degradadas); ambientes de consumo, lazer e exclusividade (condomínios, chácaras, sítios, fazendas); e do ponto de vista da inserção do urbano no rural, a crescente expansão dos núcleos urbanos e distritos industriais.

Assim, o mundo vivido periurbano é evocado através dos discursos e percebido como espaço de equilíbrio, oportunidades, tradição quando referenciados a partir das vivências dos sujeitos tradicionalmente rurais, cuja vida é ligada ao campo e dele retira sua subsistência; como ambiente que proporciona a fuga do urbano e do ritmo frenético de vida presente nele, principalmente pelos sujeitos que desenvolvem suas experiências nos espaços de lazer e exclusividade desses ambientes; como áreas carentes de

estruturas básicas e sujeitas à impactos oriundos das interações antrópicas para com o ambiente; por fim, um aspecto que é evidenciado tanto por quem objetiva o lazer e a exclusividade, como por quem convive em áreas rurais e comunidades é a percepção de que estes espaços estão cada vez mais marcados pela aproximação dos modos de vida urbano e de suas comodidades, serviços e estruturas, como se anunciasse um futuro em que a área que é considerada de expansão urbana esteja totalmente tomada pela urbanização.

Os aspectos citados fazem referência aos modos como são representados na memória a partir dos estímulos sensoriais, principalmente visuais através da paisagem, porém esta realidade também se expressa através do discurso que atua como regulador dos comportamentos individuais e/ou coletivos, nesta perspectiva o mundo vivido onde as experiências desenvolvidas ocorrem no limiar entre o rural e o urbano é reproduzido através da comunicação como sinônimo de lazer, segurança, exclusividade, degradação, reserva de recursos, campo (no sentido rural), área de produção e abastecimento das urbes e, finalmente, área para onde a cidade cresce.

2.2 MUNDO VIVIDO, SENTIDOS E EXPERIÊNCIAS DOS LUGARES PERIURBANOS

Um ambiente saudável e tranquilo para viver é mais que um anseio que acompanha a humanidade ao longo de seu desenvolvimento, corresponde a valores que se materializam em um espaço e apresentam uma dimensão física e simbólica, são espaços de consumo e de transformação, mas, também, compreendem lugares idealizados e apropriados através de experiências que resultam em laços afetivos e culturais.

Em termos de significação os lugares periurbanos revelam-se a partir de três perspectivas distintas e complementares: os espaços de consumo e exclusividade, os espaços de tradições rurais, ambos erigidos a partir dos aspectos bucólicos e os espaços segregados e favelizados, carente de infraestrutura e serviços básicos. São experiências distintas e contrastantes onde os significados do lugar divergem a partir da perspectiva do sujeito sobre o espaço, ou seja, a partir de sua intencionalidade, desta forma verificam-se os espaços modernos e significados como núcleos de tranquilidade, exclusividade,

segurança e lazer, em oposição aos espaços do caos, da insegurança, da carência de serviços e equipamentos e do comércio informal; e o campo abrindo a natureza nativa e a modificada pelo manejo antrópico. Nesta perspectiva as significações atribuídas ao espaço revelam a segurança limitada às “ilhas de lazer e exclusividades” situadas em meio ao “mar de conflitos” tipicamente urbanos que destoam da realidade vivenciada no campo onde o lugar é sinônimo de pausa e tranquilidade mesmo estando associado à ideia de obsoleto.

Em Topofilia, ao escrever sobre a percepção, atitudes e valores do meio ambiente, Tuan (1980) afirma que “as pessoas sonham com lugares ideais”. Nesta perspectiva o lugar é definido por Tuan (1976) como um conjunto complexo e simbólico, que pode ser analisado a partir da experiência pessoal de cada um ou através da experiência coletiva, constituindo um centro gerador de significados, identidades e memórias. O lugar ideal emerge na consciência humana a partir de suas aspirações ou mediante suas experiências espaciais geradoras de vínculos simbólicos. Desta forma o ambiente ideal pode ser o litoral, o campo, a cidade ou mais de um desses ambientes; como o periurbano.

O espaço geográfico ao ser apropriado e experienciado por um indivíduo ou por uma coletividade transforma-se em um lugar através da construção de estruturas simbólicas entre o sujeito da experiência e o meio no qual está inserido. Os indivíduos e/ou a coletividade estão no espaço, transformam esse espaço, atribuem significados e distintas funções a este espaço e, simultaneamente, geram novas formas que expressam na paisagem a marca de distintas temporalidades.

Neste sentido, o enredo por trás de todas as modificações que constroem e reconstroem as novas espacialidades revela espaços que estão repletos de lembranças, de afetividade e de aspirações. Os espaços ao serem dotados de sentido transformam-se em lugares que se inserem não apenas no cotidiano dos indivíduos que o experienciam, mas, também, em seus desejos e memórias como lugares sonhados, idealizados e amados que segundo Bachelard (2008) abrigam os anseios do lugar ideal ao mesmo tempo em que resguardam as memórias e laços afetivos: “Pelos sonhos [...] as diversas moradas da nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias mais antigos”.

Compreender a dinâmica de transformação dos espaços e lugares é um trabalho que não deve ser realizado excluindo a dimensão humana da pesquisa, mas valorizando as experiências. E as áreas periurbanas são áreas sujeitas a constantes processos de transformação, por se caracterizarem justamente como áreas de transição. O inquérito das relações socioespaciais e simbólicas do mundo vivido nestas áreas converte-se em uma tentativa de compreender não apenas as implicações materiais do processo de modificação espacial, mas diante da dimensão subjetiva, realizar uma leitura cotidiana das experiências proporcionadas pelas memórias das tradições rurais ancoradas no presente e espacialmente localizadas. Exemplos disso são os hábitos de utilizar o transporte animal; das percepções provocadas pelos estímulos sensoriais que comunicam a modificação do ambiente físico-natural, como a supressão vegetal, a destinação de resíduos, a poluição atmosférica; bem como dos discursos que orientam as atitudes e comportamentos dos indivíduos e seus respectivos grupos.

As áreas periurbanas apresentam ritmos e rotinas espaçotemporais diárias e sazonais que promovem um dinamismo cotidiano específico em relação às áreas urbanas (o comércio da produção local ao longo das vias de circulação, cavalgadas e apresentações de caboclinho). No âmbito das análises espaciais através da ótica humanista, Hissa e Corgosinho (2006) afirmam que “compreender os lugares é especialmente considerar as possíveis e necessárias leituras da vida cotidiana”. Ainda na visão dos autores, a vida cotidiana é carregada de sentidos e subjetividades que devem ser consideradas em qualquer análise espacial. Para eles,

A vida cotidiana dos lugares é uma fábrica de aproximações, estranhamentos, emoções, afetividades, subjetividades. A vida cotidiana dos lugares, por sua vez, faz emergir o que é comum, desenvolvido pela comunicação entre os sujeitos da vida, fortalecidos pelos laços de identidade (HISSA E CORGOSINHO, 2006, p. 17).

A relação desenvolvida entre o sujeito e o ambiente, aqui pela referência da categoria lugar, sugere na perspectiva de Tuan (1984) uma relação de afetividade que envolve sentimentos de dominação e afeição. Este ao ser apreendido, percebido e internalizado evoca no sujeito da experiência o sentimento de fragilidade do ambiente que justifica a necessidade de cuidados e proteção, ou em outras palavras de conservação. Porém da mesma forma que este espaço, tornado lugar a partir das

experiências, revela-se frágil, também é para os indivíduos uma proteção, um aconchego, um refúgio e no sentido mais preciso desta pesquisa, um lugar. Nesta perspectiva, os lugares periurbanos apresentam-se como nichos de proteção contra os problemas tipicamente urbanos (poluição sonora, trânsito, qualidade do ar, abastecimento hídrico deficiente, segurança e violência urbana etc.), mas numa perspectiva quase que contraditória, também necessitam de proteção dos sujeitos no sentido de conservá-lo.

Retomando a noção de lugar como sinônimo de lar, Tuan (1983) indaga e oferece respostas para o que seria o lugar enquanto lar dos homens no decorrer de sua existência, assim o lar é a casa, é o bairro, a cidade, a pátria, o planeta (principalmente se considerado o aspecto ecológico), o lar de maneira geral se materializa na construção dos vínculos com tudo o que pode ser vivido e experienciado a partir de uma complexa rede de sentimentos e apreensões que transformam espaços idealizados ou materialmente vivenciados em nichos de conforto, proteção e significação. Na concepção de Bachelard (1968) o lugar assemelha-se a todo espaço habitado que carrega consigo a essência da noção de casa, pleno de aspectos familiares.

Diante da aconchegante noção de lar, o lugar é tomado como centro de apoio, referência e ação. É lugar que contém os espaços da percepção, mas que também contém os espaços da ação, palco onde as experiências e vivências individuais e coletivas se desenvolvem consolidando identidades a partir do sentimento de pertencimento a tais lugares.

As identidades construídas a partir das experiências são identidades que se constituem em duplo sentido tornando-se identidade dos lugares e dos indivíduos, estas são estruturadas a partir da totalidade de aspectos objetivos e subjetivos experienciados. Mello (2011) afirma que experiência, símbolos, significados e permanência contribuem para forjar o sentido do lugar gerando a sensação de apego, pertencimento, filiação e bem-estar. Construídas as identidades do lugar ocorre a apropriação simbólica do mesmo, sendo entendido por símbolos a parte representativa de um todo conforme Tuan (1980), desta forma o indivíduo se apropria de equipamentos urbanísticos como praças, ruas, de aspectos naturais como bosques e lagos, dentre outros, pois constituem parte de sua identidade e qualquer que seja a alteração provocada nesses símbolos afeta

também vida das pessoas uma vez que eles atuam como veículo de significados (MELLO, 2011).

Os lugares da experiência, centro de referência para a construção das identidades apresentam um caráter transitório e/ou eterno, estes podem ser reestruturados ou completamente modificados a partir das metamorfoses espaciais e a partir do caráter mutável e ambíguo de nossos valores, representações e sentimentos em relação aos lugares. No comércio periurbano encontramos uma expressão das ideias apresentadas, percebe-se que as funções e serviços se sofisticam, mas boa parte deles permanecem ligados às necessidades do campo, sendo abundante o número de estabelecimentos como clínicas veterinárias, casas de ração e produtos agrícolas, floriculturas e outros. Mas, que paralelamente, convivem com as lojas de fast food, estabelecimentos de estética, academias e uma infinidade de serviços tipicamente urbanos, embora a coexistência das atividades não caracterize a obsolescência da identidade campestre.

A diversidade de processos socioespaciais presentes em ambientes periurbanos remetem à noção de uma identidade que ora apresenta um modo de vida rural, mas que em outros momentos reforçam a ideia de modificação dos lugares e assimilação de aspectos e identidade urbana. No entanto Mello (2011) faz uma importante advertência ao citar esses ambientes como exemplo de que a construção ou destruição dos lugares “não se reduz às mudanças da forma, da função ou do conteúdo” dos mesmos, nesta perspectiva o autor explica que

[...] campos agrícolas transfigurados em espaços urbanos, nas periferias de ontem convertidas em bairros nobres, em razão dos atrativos/amenidades como mar/verde/montanha, ou nas devastações inclementes proporcionadas pelas cirurgias urbanas. Nestes termos, as paisagens ou os fixos sociais, outrora tidos como sólidos em suas características físicas e econômicas [...] não podem ser enquadradas no rol dos lugares transitórios, na medida em que a cristalização de suas fisionomias, durante um certo período de tempo, conferem às paisagens pretéritas ou hodiernas um grau de permanência. [...] No íntimo das pessoas, transitivos ou duradouros, os lugares da atualidade ou do passado podem variar de acordo com os valores, a quebra de preconceitos, a formação de conceitos e a aceitação de novas normas. Nestes termos a ambivalência colabora para tal alternância, gerando atitudes inconstantes. (MELLO, 2011, p. 11).

Nesta perspectiva, mesmo diante das modificações verificadas nas paisagens das áreas periféricas de expansão urbana, a identidade construída através das experiências desenvolvidas permanece cristalizada no cotidiano do lugar, resistindo até mesmo às transformações das formas e funções espacialmente desenvolvidas de forma acelerada.

Experiências, vínculos, símbolos, sentidos, mas também transformações materiais e funcionais, são termos que permeiam e estruturam o mundo vivido nas áreas periurbanas. Esse é estruturado a partir de vivências espaciais expressas no espaço, na paisagem e principalmente no lugar aqui entendido como dimensão simbólica que abarca paisagens e espaços. O mundo vivido corresponde ao mundo das experiências concretas, mundo onde os aspectos socioculturais urbanos e rurais se unem aos aspectos físico-naturais cuja atribuição de significados e vivências também se misturam aos sentidos urbanos e rurais. Para Husserl (1970), esse mundo de experiências concretas se constitui a partir de dois grandes componentes denominados por ele de mundo vivido natural e social, estes constituem o chamado mundo vivido geográfico.

Neste contexto, o natural é vivido no urbano como sinônimo de equilíbrio ambiental, como objeto de contemplação e lazer, já no rural assume uma postura de identidade, é o elo que liga o sujeito ao seu ambiente e é a partir do natural que as experiências rurais no periurbano se desenvolvem (lavouras, criação, contato com as florestas e outros). A perspectiva social revela-se no periurbano de forma segmentada com manifestações sociais e culturais definidas a partir dos grupos aos quais os sujeitos pertencem. Desta forma observam-se no ambiente urbano interações sociais voltadas às elites como centros de compras diferenciados, participação em atividades culturais restritas a clubes exclusivos (cavalgadas, polos carnavalescos privados etc.). Tanto nas comunidades, quanto nas áreas rurais percebe-se uma convergência das interações sociais, o rural como produtor está em constante contato com estas áreas onde seus produtos são comercializados. Ademais, muitos dos habitantes das comunidades são provenientes das zonas rurais próximas e delas saíram motivados pela oferta de emprego no comércio e equipamentos residenciais. Assim, do ponto de vista cultural, as tradições são mantidas (carnaval de rua, as festas juninas, manifestações de origem indígena como caboclinho e outras). A concretização destas vivências cotidianas é que exprime o sentido do mundo vivido geográfico.

Segundo Relph (1979), o mundo vivido natural corresponde ao ambiente imposto aos sujeitos da experiência, nele as estruturas são pré-determinadas e podem ser permanentes ou efêmeras no tocante à sua espacialidade e temporalidade. Este é o mundo dos atributos vegetais, geológicos, hídricos e etc., sobre o qual o homem inserido age intencionalmente desenvolvendo vivências que atribuem a este mundo as características dos espaços da ação. Em outras palavras, o mundo vivido natural é

[...] um mundo pré-determinado ou natural de coisas, formas e de outras pessoas, as quais possuem modos variantes de aparência, no tempo e no espaço; este é o mundo que vemos e sentimos, mas no qual estamos apenas implicados, porque se constitui numa situação necessária que nos é dada. (RELPH, 1979, p. 5).

As práticas cotidianas desenvolvidas no mundo vivido natural, imposto e pré-determinado transformam este espaço na medida em que atribui a ele as características de um espaço usado, consumido, transformado, palco de relações interpessoais, entre outros aspectos relacionados à realização da vida dos indivíduos. Nas áreas urbanas esse mundo vivido natural se expressa como a base para o desenvolvimento das práticas socioeconômicas como fonte de recursos, como espaços de uso para recreação e contemplação da natureza, configurado assim as diferentes perspectivas do rural e do urbano em relação ao natural no contexto periurbano.

Ao escrever sobre os mundos vividos sociais, Relph (1979), afirma que este carece de pesquisas que não se aprofundem apenas nos aspectos subjetivos dos mesmos, ou seja aos aspectos sociológicos ou psicológicos, mas a partir da diversidade que estes abrigam sejam evidenciados, revelados, descritos. Idem (1979) afirma que existe uma enorme carência de relatos nos estudos a respeito dos mundos vividos socioculturais, “espaços, ruas, edifícios e paisagens, nas quais passamos a maior parte das nossas vidas diárias”, complementando esta consideração Merleau-Ponty (1962) afirma que

[...] Não tenho apenas um mundo vivido físico, não vivo apenas no meio da terra, ar, água, tenho em torno de mim estradas, plantações, cidades, ruas, igrejas, implementos, um sino, uma colher, um cachimbo [...] Algumas maneiras de existência ou de vida podem achar seu lugar [...] na paisagem através da qual eu vagueio. O mundo vivido cultural é.... ambíguo, mas está presente (MERLEAU-PONTY, 1962).

O mundo vivido de forma integrada, sociocultural e natural, traduz-se em um sistema complexo e indissociável de relações desenvolvidas entre os indivíduos e suas vizinhanças a partir de suas intencionalidades, este supera a dimensão de espaço construído a partir da soma de objetos ou receptáculo de formas e funções.

Em seu sentido mais simples [...] o mundo experienciado [...] tanto o natural como o construído pelo homem, [...] provê sustento e uma moldura para a existência. [...] É nos lugares onde vive e através do manejo dos campos, rios e pradarias, no curso de sua vida e no movimento das coisas e pessoas, que o homem externa sua relação fundamental com a Terra. [...] Não há nada de misterioso ou abstrato, ou exclusivo nesse *mundo vivido geográfico*, embora ele tenha inspirado e influenciado numerosas religiões, filosofias e teorias; é simplesmente o mundo de espaços, paisagens e lugares, o qual todos devemos encontrar em nossas vidas diárias (RELPH, 1979, p.7, grifo nosso).

O espaço, enquanto experienciado, a paisagem enquanto superfície limitante dos espaços e o lugar tomado como centro de significados no espaço e na paisagem configuram os polos do mundo vivido geográfico (TUAN, 1975). A perspectiva apresentada enxerga o espaço através de uma ótica que se nega a considerá-los vazios abandonados passíveis de serem classificados e de se atribuírem qualidades e significados. Estes são, imprescindivelmente, contextos necessários e repletos de significações no que se refere às experiências nele desenvolvidas. A respeito da importância do espaço para as experiências desenvolvidas Matoré (1962) afirma que “[...]vivemos nele, nele projetamos nossa personalidade e a ele somos ligados por limites emocionais [...] ele é vivido”. Nesta perspectiva a multiplicidade de espaços está diretamente relacionada à multiplicidade de experiências, uma vez que a percepção espacial não é constante, logo os espaços também não se apresentam os mesmos sempre. Dessa forma, os sentidos do periurbano bucólico se confundem com a chegada de estruturas e rotinas comuns ao urbano e a partir de então ocorre a diferenciação espacial gerada pela perda da identidade essencialmente rural e pela assimilação de novas experiências a um espaço onde os usos e relações espaciais remetiam às tradições campestres, ou seja, a forma e a função não são as únicas que diferenciam os espaços. A forma como o sujeito o apreende e o percebe também gera uma alteração dos significados e símbolos espaciais cotidianos.

Além dos espaços estruturados com base na percepção, há os espaços cujas estruturas estão relacionadas à imaginação e à consciência. Para Bachelard (1969), o espaço psíquico apresenta uma forma topográfica e é composto por lugares seguros e inseguros, é um espaço que transcende o espaço físico. Em termos práticos, pode-se associar a existência de espaços psíquicos aos discursos dos que procuram os fins residenciais das áreas periurbanas. Atraídos pelas benesses ecológicas, costumam enfatizar que o campo é um lugar relativamente seguro e confortável para viver, tendo em vista a proximidade das metrópoles, mas uma análise aprofundada desta colocação revela que a dimensão da segurança está intimamente relacionada com os limites das estruturas residenciais, desta forma o espaço público, a rua, as comunidades, as áreas de florestas recebem uma conotação de perigo, de desconhecido e de ambientes que já estão afetados pela dinâmica da periurbanização no sentido da urbanização.

Dardel (1952) concebe os espaços do mundo vivido como espaços construídos. Para o autor este espaço é repleto de objetividades, que no aspecto periurbano podem ser expressos através das formas que coabitam o espaço no sentido do arcaico-rural/moderno-urbano; e subjetividades que o meio experienciado pode oferecer e que na dinâmica sociocultural ou sócio espacial do periurbano podem ser expressas através das atitudes positivas e/ou negativas em relação aos às florestas, comunidades, práticas agrícolas e etc..

A perspectiva do espaço construído evidencia um espaço que é físico, mas repleto e construído a partir de intencionalidades e experiências humanas, constitui o espaço do mundo vivido da experiência geográfica, que na visão de Relph (1979), corresponde aos “[...] espaços que encontramos em nossos mundos vividos [...] feitos pelo homem e, conseqüentemente, comunicando intenções e significados humanos”. Estes espaços assemelham-se aos espaços da ação na perspectiva de Gomes (2006). Assim os espaços construídos apresentam-se fechados, fabricados e selecionados ao contrário dos espaços da natureza que são experienciados como abertos, prontos e determinados. Nas áreas periurbanas, principalmente nas onde as características do urbano são evidenciadas, o espaço construído revela-se como uma mistura de atitudes contraditórias em relação ao sentido bucólico do campo, uma vez que tem-se o sentimento positivo em relação ao bem estar provocado pelos aspectos ecológicos, mas

em contrapartida verifica-se o anseio pela inserção cada vez mais crescente das comodidades do urbano no ambiente rural a fim de proporcionar experiências que evitem o retorno às urbes e “conservem” a noção do rural moderno.

De maneira conclusiva, o espaço é múltiplo e diverso e é ordenado a partir das intenções e experiências humanas, uma vez que todos os indivíduos encontram-se imersos e prolongados no espaço através de suas atitudes, percepções e representações. Os espaços que ao longo de nossa existência vivenciamos são únicos, mas não os únicos, apresentam uma dimensão persistente e ao mesmo tempo suscetível à mudança é parte essencial dos sujeitos mesmo estando à parte deles (RELPH, 1979).

As reflexões desenvolvidas acerca do lugar e do espaço enquanto polos do mundo vivido da experiência geográfica e centro de referência para a construção de identidades a partir das vivências desenvolvidas, constituem o norte que balizará as considerações teóricas e metodológicas a respeito das transformações socioambientais ocorridas no espaço periurbano da Região de Aldeia.

Na perspectiva apresentada, onde o eixo central das discussões aqui desenvolvidas se dá a partir do estudo do lugar e seus respectivos espaços, símbolos significados, identidades, experiências e transformações, são trazidos para o debate aspectos cotidianos que servirão para conduzir o estudo das percepções e representações sociais desenvolvidos no segundo capítulo de forma mais aprofundada, para tanto são tomados exemplos cotidianos expressos a partir das vivências verificadas através das entrevistas e das visitas de campo realizadas a partir das entrevistas e conversas com os locais.

A área de observação empírica ou recorte espacial escolhido para o desenvolvimento das observações e entrevistas compreende áreas de expansão da metrópole apresentando assim um mundo vivido físico onde as vivências e experiências ora se apresentam como tipicamente rurais e em outras situações apresentam-se como notadamente urbanas. Além de área de expansão periférica este espaço no contexto de um mundo vivido natural possui uma importância imprescindível atuando como reserva de recursos de bens naturais de grande relevância como, por exemplo, o maior fragmento de Mata Atlântica ao norte do Rio São Francisco.

Sob a referência de lugar - mundo vivido da experiência geográfica - serão investigados os modos de vida dos sujeitos inseridos em Aldeia, esses modos de vida objetivam o conhecimento do(s) lugar(es) em Aldeia, uma vez que as práticas socioespaciais diversificam-se a partir dos segmentos espaciais e sociais. Logo constata-se no ambiente empírico os lugares exclusivos e completos dos condomínios, os lugares da tranquilidade e descanso, mas que carecem de infraestrutura das comunidades mais distantes como Araçoiaba e os lugares das comunidades que se opõe aos padrões luxuosos tipicamente encontrados em Aldeia.

A identificação dos lugares provoca questionamentos a respeito da identidade dos sujeitos que vivenciam distintas realidades, desta forma verificam-se vínculos que envolvem afeição e negação ao ambiente. Coexistem em um mesmo espaço os sentimentos de lar e de ambiente inseguro. As disparidades entre as formas de apreensões destes espaços sugerem vínculos simbólicos atrelados às memórias e as relações interpessoais desenvolvidas.

As análises das modificações espaciais tomam como referência a noção de espaço construído e de espaço de ação onde ocorre a materialização das experiências cotidianas. Desta forma, aspectos como a inserção do urbano no rural, a supressão vegetal para especulação imobiliária e fundiária, a instalação de equipamentos urbanos, bem como a construção de estruturas para a utilização dos recursos naturais e toda sorte de alteração física deste ambiente são analisadas objetivando o entendimento das relações socioespaciais e intencionalidades que geraram tais modificações; e isso resulta em distintos mundos vividos físicos e espaços construídos.

Para fins de contextualização as referências empíricas são apresentadas neste capítulo de forma panorâmica, mas serão aprofundadas no decorrer do segundo e terceiro capítulo onde serão balizadas a partir das representações sociais averiguadas e embasarão as discussões sobre as transformações ambientais.

2.3 INTENCIONALIDADES, TEMPORALIDADES E FUNCIONALIDADES: ALDEIA COMO UM ESPAÇO EM DINAMISMO

O espaço geográfico é dinâmico e indissociável do tempo, do histórico. Essa propriedade inerente apresenta aos pesquisadores o desafio de não apenas descrevê-lo, classificá-lo ou observar seus processos e suas transformações materiais, mas de realizar esforços para interpretar as histórias, as memórias, as subjetividades contidas nos processos de estruturação e reestruturação do mesmo. O modelo de urbanização espraiado das grandes metrópoles e a necessidade de expansão da cidade, pautada em uma lógica de reprodução do capital, revela uma constante ampliação dos limites urbanos em direção às áreas periféricas da cidade onde passam a coexistir lógicas distintas de uso do solo. Isso gera um choque nas histórias, memórias e subjetividades, nas experiências, das pessoas que nessa área vivem. Mas outras intencionalidades também convivem e dinamizam essas transformações, exigindo também a realização de uma leitura mais “materialista” sobre as condições de produção e reprodução espacial de Aldeia; justamente para depois dialogar com os impactos no mundo vivido.

Neste sentido, nas áreas periféricas, a produção do espaço constitui um processo que envolve diversas intencionalidades, dentre elas a dominação política, envolvendo o Estado, as estratégias de reprodução do capital, através do mercado imobiliário, e os aspectos relativos à realização da vida humana em sociedade. Para Carlos (2015), a produção espacial é condição, meio e produto da ação humana, sendo um processo onde o homem constrói a si mesmo e ao mundo. Nesta perspectiva, a produção espacial periurbana concretiza-se através das relações sociais produtoras do espaço, e é vista, sentida e vivida, revelando a dimensão humana desse processo.

Santos (1985), afirma que o espaço é uma instância social e, desta forma, constitui um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações que contém e está contido na economia, na cultura, bem como nas experiências individuais e coletivas. O espaço pode ser apreendido, na perspectiva de Santos (1985), a partir das categorias analíticas forma, função, estrutura e processo, mediante uma abordagem que permite a análise e síntese dos elementos e processos que compõem o espaço. Nesta direção, em específico, os processos constituem a ação, o movimento e a dinâmica do espaço, e, por

sua vez, se expressam nas distintas funcionalidades que se corporificam através das formas.

Pode-se dizer que a forma, em qualidade de forma-conteúdo está sendo permanentemente alterada e que o conteúdo ganha uma nova dimensão ao encaixar-se na forma. A ação, que é inerente à função, é condizente com a forma que a contém; assim, os processos apenas ganham inteira significação quando corporificados (SANTOS, 1985, p. 2).

Nesta perspectiva, os elementos espaciais devem ser tomados de maneira integrada onde o espaço se apresenta como uma totalidade e os elementos são representados pelos sujeitos. Estes atuam no espaço na condição de consumidores ou fornecedores de mão de obra, sejam: - pelas infraestruturas, que representam o trabalho humano materializado; - pelo meio ecológico manejado, representado pelo meio já modificado onde as técnicas são cada vez mais presentes; - pelas instituições, responsáveis pelas normas e ordens; - e pelas firmas, que produzem os bens e serviços (SANTOS, 1985). É a partir da interação entre esses elementos que o espaço torna-se um sistema complexo de estruturas mutáveis e evolutivas que através de distintas temporalidades assumem novas formas e constitui novas estruturas que comporão (re)arranjos espaciais, “[...] O espaço, dessa maneira, é construído processualmente e contém uma estrutura organizada por formas e funções que podem mudar historicamente em consonância com cada sociedade” (SAQUET e SILVA, 2008, p. 32).

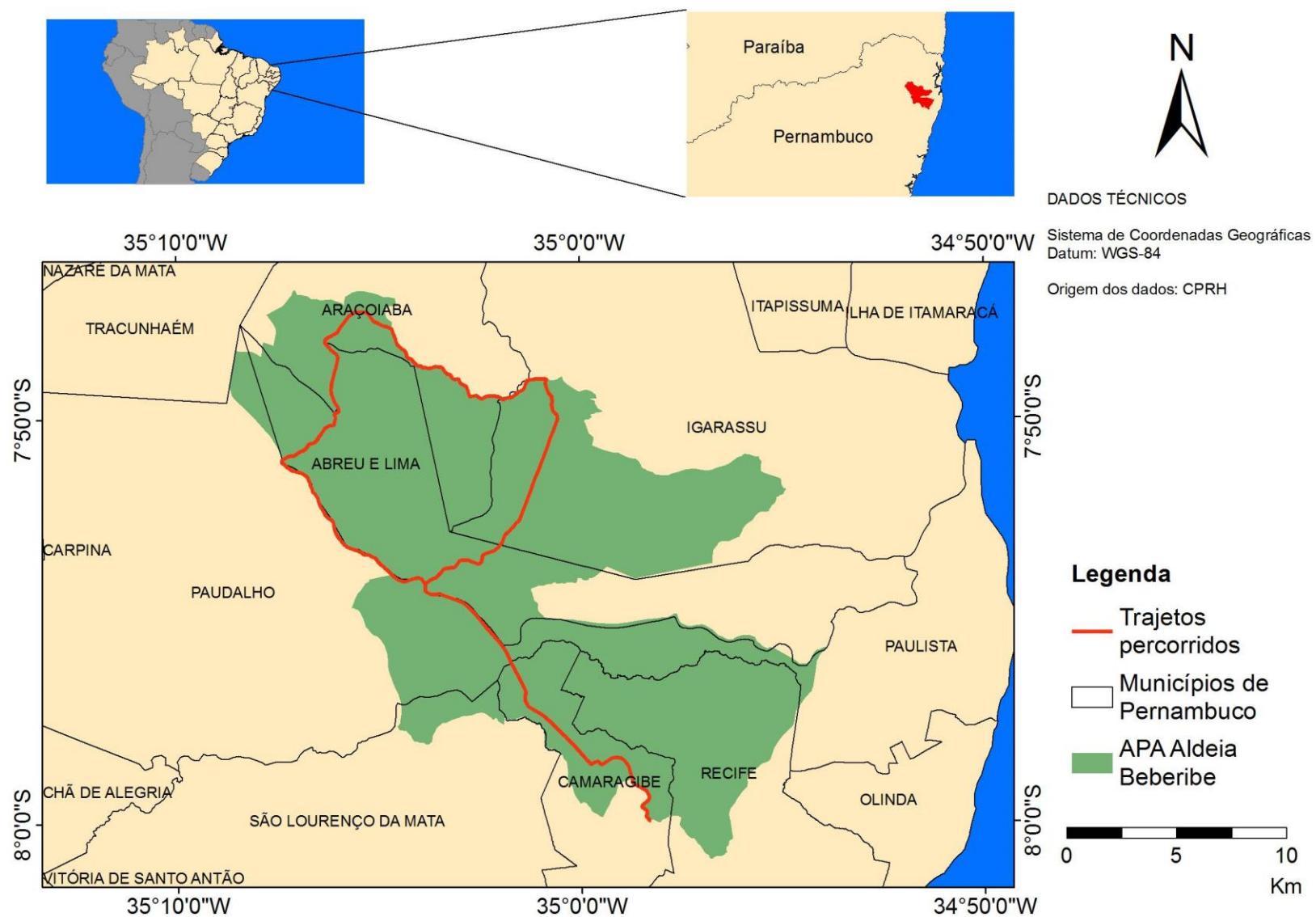
As formas, aspecto visível de um conjunto de objetos, e as funções, atividade desenvolvida pelo objeto criado, variam temporalmente e assumem as características e intencionalidades de cada grupo social. A partir desta premissa é que se desenvolve a análise de Aldeia enquanto espaço periurbano, sendo esta análise balizada nas funções e formas que foram construídas e reconstruídas neste espaço através de distintos processos.

Historicamente o espaço periurbano de Aldeia tem sofrido diversos processos socioespaciais que resultaram em um ambiente periférico marcado pela expansão da metrópole em direção aos espaços tipicamente rurais e na diversificação das atividades econômicas desenvolvidas. Isso com respeito tanto às atividades ligadas ao setor primário, quanto às relacionadas aos setores secundários e terciários.

Uma das formas de se ler os processos de transformação das formas e funções da área é a partir das noções de forças centrífugas e centrípetas (SOUZA, 2003). Assim, a (re)estruturação de Aldeia enquanto espaço periurbano tem sido intensificada a partir de forças centrífugas que atuam a partir das urbes no sentido das periferias urbano-rural, intensificando a ocupação e gerando novas formas e funções que contrastam com as características tradicionais. E de forças centrípetas, que no caso de Aldeia atuam nos limites externos da região realocando e concentrando os fluxos de serviços e pessoas para as áreas onde as formas, funções e estruturas urbanas predominam (SOUZA, 2003).

Para observar isso em termos de materialidade foram percorridas as áreas periurbanas de Aldeia (mais precisamente o recorte espacial da APA Aldeia Beberibe) onde se verificam as maiores transformações socioambientais, realizando aferição empírica das funções e formas que estruturam. O percurso abrange as principais vias de acesso e de deslocamento das pessoas e intenções (instituições empresas etc.) que vivenciam a área, abrange os municípios de Camaragibe, Paulista, Paudalho, Igarassu, Araçoiaba e Abreu e Lima e teve como principais rotas a PE – 027 (Estrada de Aldeia), a Estrada do Incra (Km 20 da Estrada de Aldeia) e a PE – 041 (Figura 1). A utilização de um percurso vem como estratégia metodológica de experienciar a vivência espacial da área, dos principais trajetos percorridos pelos moradores, sem perder de vista a transformação material. Contudo, a descrição das áreas não seguirá exatamente o roteiro do percurso, já que, apesar de serem as principais vias, este não é, em específico, o percurso (na direção, horário, tempo, distância etc), que os sujeitos locais experienciam no seu cotidiano. Assim, se por um lado, destaca-se a evolução e transformação espacial nestas áreas, por outro, o objetivo é identificar as áreas, os lugares de vivências e experiências dos sujeitos, pretéritos (história, memória) e atuais (cotidiano), procurando entender aspectos do mundo vivido dos bairros e comunidades visitadas frente à essas transformações.

Figura 1 - Trajetos percorridos durante os trabalhos de campo



Fonte: CPRH. Organização: Elidiane Amâncio, 2017.

De forma genérica, verifica-se nos municípios visitados formas de ocupações espaciais similares que se iniciam a partir das atividades relacionadas à agricultura canavieira e aos engenhos. Posteriormente esses foram transformados em glebas, passando pelas atividades granjeiras e seus respectivos usos de lazer, agricultura e outros, para depois serem transformados em loteamentos que abrigam principalmente usos residenciais e comerciais. Neste movimento, cabe uma breve descrição das distintas ocupações que antecedem o quadro atual.

Em termos de ocupações remotas, as primeiras formas de ocupação deste território foram realizadas por indígenas da tribo Tupi-Guarani, os vestígios desta ocupação foram encontrados por moradores locais que durante escavações em terrenos para fins de construção encontraram urnas fúnebres utilizadas pelos indígenas. Segundo o Laboratório de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), os vestígios encontrados apresentam uma idade estimada de 500 anos, período em que há relatos de ocupação desta tribo no Brasil (ANDRADE, 2006).

Após a ocupação do território pelos indígenas outra intencionalidade se impõe, ocorrendo a apropriação desta região pelos portugueses. Motivados pela exploração do Pau-Brasil e posteriormente pela instalação dos engenhos de cana-de-açúcar, foi neste período que as maiores transformações paisagísticas em relação à vegetação foram realizadas. No tocante às funcionalidades associadas ao ciclo de exploração da atividade açucareira na região vários engenhos foram instalados estruturas e processos visando à produção da cana-de-açúcar (Engenho Camaragibe, Engenho São José, Engenho Pitanga, e outros.). Dentre eles o Engenho Camaragibe merece destaque por ter sido considerado um dos mais prósperos da região, é a partir dele que futuramente viria existir o município de Camaragibe, se tornando um dos centros difusores da lógica imposta pelos europeus na região que hoje corresponde Aldeia (Figura 2).

Figura 2 - Casa grande do Engenho Camaragibe durante os anos de atividade



Fonte: <http://jesuslourdes.blogspot.com.br/2012/09/antigos-engenhos.html>

O Engenho Camaragibe foi fundado em 1549 e reconhecido por sua prosperidade até a invasão holandesa em 1645, este foi instalado em terras doadas por Duarte Coelho em 1542 a Diogo Fernandes e Branca Dias, cristãos-novos vindos de Portugal. Em 1645 o engenho foi atacado por João Fernandes Vieira que posteriormente migraria para a região de Aldeia deixando o engenho vulnerável à ação dos índios que saquearam e queimaram o engenho, após esse período as atividades do mesmo começam a decair. As atividades do Engenho Camaragibe são encerradas sob a posse do Dr. Pedro Francisco de Paula Cavalcanti que vendeu parte das terras à CIPER – Companhia Industrial Pernambucana – indústria do setor têxtil. Os resquícios dessa temporalidade colonial do famoso engenho encontram-se atualmente tombados pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE), restando apenas pequenas instalações. O casarão principal que passou por diversas reformas, atualmente constitui um centro de visitação turística e parque de convivência (caminhada, bicicleta) por moradores na praça em frente a ele. As demais áreas de propriedade da indústria têxtil Vivabrás, antiga CIPER e posteriormente Braspérrola, foram vendidas para a instalação do complexo multiuso Reserva Camará em Camaragibe.

Em termos de funcionalidade dos espaços relativos à Aldeia e entorno, o antigo engenho constitui um local estratégico. As antigas áreas hoje comportam equipamentos urbanos praças e futuras instalações do Shopping Camará. Nesta perspectiva, este complexo pode ser considerado um novo fator de atração centrífugo para quem deseja

migrar da metrópole em direção à Aldeia, uma vez que tem como proposta a instalação de grandes empreendimentos, como centros de convenções, empresariais, faculdades e outros, que trarão uma nova funcionalidade ao entorno da região estudada, deixando de ser apenas residencial para se tornar comercial e empresarial (Figura 3).

Figura 3 - Vista do atual casarão do Engenho Camaragibe e praça localizada no entorno



Fonte: <http://desbravandopernambuco.blogspot.com.br/2014/05/camaragibe.html>. Acesso em 02 de fevereiro de 2017.

Posteriormente à ocupação das terras pela atividade econômica dos engenhos, já no século XX observou-se em Aldeia a instalação do Campo de Instrução Marechal Newton Cavalcante, denominado inicialmente Campo de Instrução do Engenho Aldeia, este teve sua criação pelo Aviso N.º 134, de 29 de Janeiro de 1944, do gal. Eurico G. Dutra, Ministro da Guerra. O denominado atualmente Campo de Instrução Marechal Newton Cavalcanti, mais conhecido pelas iniciais CIMNC, é hoje uma grande fazenda que se apresenta desativada no tocante à função para a qual foi criada, desta forma pode-se considerá-la com pouco uso, desempenhando apenas funções de treinamento militar básico, com reduzida guarnição militar e futuro incerto. Em relação ao espaço sob propriedade do CIMNC, que compreende aproximadamente 7.342 hectares, os condomínios rurbanos (utilizando a expressão cunhada por Gilberto Freyre) e a especulação imobiliária se aproximam celeremente tornando-se uma possível tendência

futura. Nas palavras de Bittencourt: “Tamanha área quase sem utilização é tentação irresistível” (Figura 4) (LEITE, s/d; BITTENCOURT, 2013).

Figura 4 - Vista parcial do Campo de Instrução Marechal Newton Cavalcante



Fonte: Elidiane Amâncio, 2016.

As áreas ocupadas pelo centro de treinamento, vistas de certa forma como inutilizadas constitui um importante fragmento florestal. Segundo Bittencourt (2013)

Uma herança totalmente inesperada nasceu na área, fruto da desativação dos trabalhos e do seu pouco uso. Atualmente, quase 70 anos após sua fundação, o CIMNC é agora a maior área de reserva florestal da Mata Atlântica, ao norte do rio São Francisco. Agindo devagar e sempre, a Mãe Natureza foi recuperando as terras degradadas pela monocultura da cana de açúcar. (BITTENCOURT, 2013, s/p).

A área da Mata do CIMNC possui 7.324 ha de remanescentes florestais que representam o maior bloco de florestas ao norte do rio São Francisco. Dentro do cenário atual de conservação da Floresta Atlântica Nordestina, os remanescentes do CIMNC se revestem de extrema importância para a biodiversidade regional (GUIMARÃES, 2008; LUCENA, 2009, BITTENCOURT, 2013).

Após o cessar das atividades dos engenhos e das ocupações para fins militares, configura-se uma nova forma de uso e ocupação do solo que aponta para uma tendência de refuncionalização pela inserção das atividades tipicamente urbanas no meio rural. Os usos e ocupação do solo posteriormente ao período citado baseia-se na divisão dos engenhos em glebas posteriormente subdivididas em granjas e loteamentos, tais transformações ocorrem principalmente a partir da década de 1960. Segundo Andrade (2006),

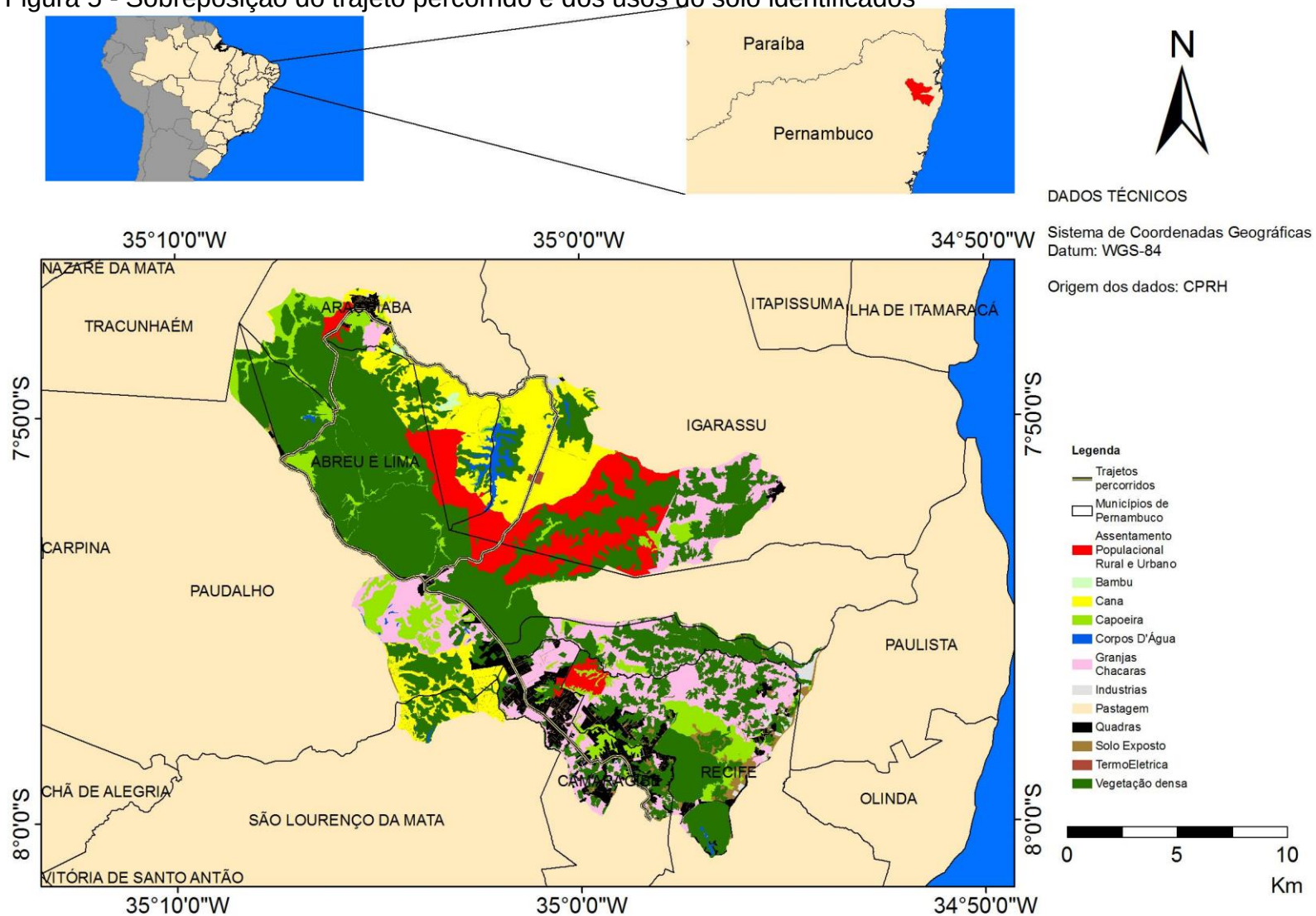
É nesse período que, granjas associadas a pequenas propriedades rurais, destinadas a agricultura e a pecuária foram ganhando novos usos, como para lazer de finais de semana e residências (loteamentos, condomínios e residenciais). (ANDRADE, 2006, p. 141).

As mudanças citadas acima caracterizam o reflexo das transformações espaciais decorrentes da expansão das periferias das cidades em direção às áreas de transição rural-urbana. Através deste movimento os espaços caracteristicamente rurais assimilam novos conceitos e usos como recreação, construção de habitacionais e outros, desta forma novas intencionalidades se impõe à antiga estrutura sob bases coloniais.

A inserção de novas lógicas de uso do solo proporcionou à Aldeia a inserção de equipamentos urbanos que até então não eram acessíveis aos moradores tradicionais e aos visitantes que se deslocava para o local em busca de lazer. Nesta perspectiva, a infraestrutura local foi consideravelmente adaptada à expansão urbana com a instalação de redes de energia elétrica, telefonia, sistemas de abastecimento de água e transporte público. Neste contexto, a pavimentação da principal estrada de acesso, a PE-027 construída na época de instalação do CIMINC foi um ganho considerável, embora ainda hoje seja precária em termos de manutenção e sinalização.

Com o melhoramento das estruturas de acesso e habitação foi observado historicamente, e identificado em campo, um processo de (re)funcionalização espacial de Aldeia, provocada pela crescente urbanização e pela demanda e serviços e equipamentos públicos. Desta forma, foi possível identificar diversas vivências relacionadas aos objetos dispostos espacialmente que se modificaram espaçotemporalmente, por exemplo, atribuindo funções distintas aos espaços, funções distintas das que foram inicialmente criadas (Figura 5).

Figura 5 - Sobreposição do trajeto percorrido e dos usos do solo identificados



Fonte: CPRH, 2012. Organizado por: Elidiane Amancio, 2017.

No tocante à funcionalidade do espaço, a porção municipal de Camaragibe, na área de estudo, corresponde ao marco inicial das observações realizadas, em direção aos demais municípios que em conjunto representam uma extensão territorial de 25.914 ha do total de 31.634 ha que compõe a APA (Tabela 1).

Tabela 1 - Municípios da APA Aldeia Beberibe

Municípios	Área contida na APA	
	ha	%
Abreu e Lima	8.697	69
Araçoiaba	2.756	29
Camaragibe	2.568	47
Igarassu	6.971	23
Paudalho	2.831	10
Paulista	2.091	22
Recife	5.058	23
São Lourenço	662	2,5
Área Total	31.634	

Fonte: CPRH, 2009.

Segundo dados do IBGE (2010), dos municípios percorridos Camaragibe apresenta-se como um município completamente urbano e concernente à APA Aldeia Beberibe. Este possui a sua RPA 5 totalmente inserida dentro dos limites da APA. Em termos de composição, a RPA 5 é formada pelos seguintes bairros: Aldeia dos Camarás, Borralho, Vera Cruz e Oitenta, todos visitados durante os trabalhos de campo.

Atualmente, predomina na 5 RPA do município de Camaragibe a presença de ocupações urbanas constituídas aglomerados edificadas, condomínios residenciais horizontais, chácaras, granjas e sítios que abrigam vastas áreas de remanescente florestais ou áreas de capoeira. As aferições realizadas em campo indicam que a presença de diversas comunidades nesta porção do município constitui áreas ocupadas à revelia dos proprietários legais há aproximadamente 40 anos, nesta perspectiva, tanto habitações de pequeno, quanto de médio porte são encontradas nas localidades mencionadas sem documentação legal.

Segundo relatos orais, o povoamento do bairro Aldeia dos Camarás ocorre por volta dos anos 1950 - 1960 em terras pertencentes ao Engenho Camaragibe e a Fazenda Luzanópolis. A funcionalidade atribuída inicialmente a estes espaços era tipicamente de

segunda residência e/ou lazer. Estes usos com o avanço do tempo cederam lugar para os condomínios horizontais, assumindo assim uma funcionalidade tipicamente residencial. A presença dos condomínios residenciais, bem como das localidades situadas no bairro também provocou o aumento dos estabelecimentos comerciais na localidade tais como farmácias, mercados, escolas dentre outros; verifica-se também na referência na região presença de estabelecimentos de lazer como a Pousada Camará.

O contato com as populações locais revela uma estrutura razoável de acesso a serviços como internet, telefonia, energia elétrica, abastecimento através de poços, transporte, serviços médicos e escolas. Em relação aos serviços médicos, a área encontra-se relativamente próxima da unidade municipal de saúde localizada o bairro de Tabatinga, estando há aproximadamente 1,5 km de distância. No que diz respeito ao serviço de transporte, o bairro, assim como os demais da região, conta com o serviço municipal e com o serviço intermunicipal de transportes, que na opinião dos moradores locais carecem de melhorias significativas.

O bairro do Borralho, cuja origem também está atrelada ao parcelamento das terras de engenhos em granjas e chácaras, apresenta por sua vez uma característica singular, é o que possui menor acesso aos serviços públicos municipais por se tratar de uma área destinada a Zona de Conservação Ambiental – ZCA. Este possui apenas o serviço municipal de transporte, considerado precário pela população, e apresenta uma funcionalidade tipicamente residencial com granjas e sítios utilizados como primeira e segunda residência.

Embora seja uma ZCA, verifica-se neste local a inexistência de equipamentos urbanos destinados ao saneamento ambiental. Cada morador é responsável pela destinação de seus efluentes que, quase sempre, são depositados em fossas sépticas ou lançados diretamente no solo, assim como os resíduos sólidos. Outro problema verificado através do contato com a localidade diz respeito à insegurança em relação a roubos e assaltos, o ambiente de descanso e tranquilidade abriga também a violência tipicamente urbana.

O bairro de Vera Cruz tem suas origens ligadas ao parcelamento de propriedades rurais localizadas nas terras do antigo Engenho Camaragibe na década de 1980, inicialmente foi instituído pelo loteamento Novo Redentor que posteriormente receberia o

nome de Vera Cruz em função da mudança do nome da principal via do bairro por um dos moradores tradicionais, o Sr. Severino Camelo, que também foi o responsável pela criação da associação comunitária de moradores e pelo primeiro grupo escolar do bairro.

Dentro da APA Aldeia Beberibe, Vera Cruz constitui o que merece maior destaque por ser notadamente o maior adensamento populacional abrigando aproximadamente 8 mil habitantes distribuídos no aglomerado urbano e em chácaras e sítios remanescentes no bairro, segundo dados do IBGE (2010).

O Vera Cruz é notadamente o bairro com maior influência do avanço da urbanização sobre o campo na Região de Aldeia, embora esteja inserido em uma Zona de Proteção com Ocupação Restrita – ZPUR por abrigar áreas de proteção dos rios Pacas e Araçá, afluentes do Rio Beberibe. Verifica-se cotidianamente a intensificação da ocupação do bairro, sobretudo a ocupação irregular que resultam em áreas de extrema pobreza como a ZEIS Asa Branca. Nesta perspectiva, o bairro em questão apresenta-se também como um núcleo de pobreza onde predominam a carência de infraestrutura e serviços de qualidade como escolas, hospitais e segurança pública. O bairro em questão expressa nitidamente as desigualdades relatadas por Santos (1993), no que se refere ao modelo de expansão centro-periferia.

A funcionalidade do bairro em questão sempre esteve atrelada ao comércio, onde verificava-se uma inclinação para o abastecimento das necessidades locais e uma forte relação de demanda dos produtos agrícolas oriundos das áreas adjacentes. Com isso, o bairro sempre constituiu, na opinião dos moradores locais, o principal centro comercial de Aldeia, embora carecesse de serviços disponíveis apenas em Camaragibe ou Recife.

A partir da intensificação da funcionalidade residencial, o bairro de Vera Cruz é hoje novamente (re)funcionalizado como uma das principais áreas urbanas da Região de Aldeia. Este oferece os mais diversificados serviços como clínicas, academias, escolas, restaurantes, casas lotéricas, redes de *fastfood*, mercados e lojas em geral, para as populações fixas e flutuantes de Aldeia. Esta nova funcionalidade de centro comercial e de serviços foi intensificada a construção do Boulevard Mall, em 2008, o qual constitui o principal ponto de encontro e lazer para quem opta por residir, visitar ou trabalhar em Aldeia, constituindo também um característico centro de convivência social entre familiares e amigos na região (Figura 6).

Figura 6 - Vista interna e externa do Boulevard Mall



Fonte: Elidiane Amancio, 2017.

Embora os serviços oferecidos tenham sido incrementados visando o atendimento de um segmento social diferenciado, o comércio popular ainda é marcante no bairro e atrai consumidores das mais diversas localidades de Aldeia.

Em relação aos serviços e equipamentos públicos disponíveis neste espaço, as experiências observadas não têm alcançado o mesmo sucesso que o desenvolvimento do comércio. Serviços como o transporte público, saúde, saneamento e equipamentos urbanos como praças são sempre descritos com descontentamento pelos sujeitos que vivenciam este espaço. O Parque dos Dinossauros, projeto de parque pedagógico constitui um exemplo das queixas apresentadas, localizado às margens da PE – 027 no KM 10 atualmente representa uma área degradada e com pouco uso pela população em função dos riscos relacionados a estrutura e segurança (Figura 7).

Figura 7 - Escultura do Parque dos Dinossauros em Situação de abandono



Fonte: Gigapan/EIA, 2015.

O bairro de Vera Cruz assume assim características de espaço comercial e residencial popular, é marcado por serviços urbanos modernos, mas convive harmonicamente com as tradições comuns à região como, por exemplo, o comércio situado às margens da Estrada de Aldeia (Figura 8).

Figura 8 - Comércio popular situado às margens da PE 0-27



Fonte: Jardim Digital, 2016.

Além do núcleo urbano de Camaragibe, verificou-se através dos trabalhos de campo outros pequenos núcleos comerciais como os de Chã de Cruz (Abreu e Lima) e o de Araçoiaba (no município homônimo).

Segundo o Plano Diretor de Abreu e Lima, a porção territorial municipal inserida na Região de Aldeia corresponde à área rural, embora sejam observados em campo núcleos comerciais e residenciais em processo de crescimento. Nesta perspectiva o trajeto realizado neste município concentrou-se prioritariamente no povoado de Chã de Cruz e nos assentamentos distribuídos ao longo da Estrada do Incra/ Engenho Regalo (Figura 9).

Figura 9 - Centro residencial e comercial de Chã de Cruz



Fonte: Elidiane Amancio, 2016.

O povoado de Chã de Cruz embora considerado rural pelos municípios a qual pertence, Paudalho e Abreu e Lima, é caracterizado como urbano no Plano de Manejo da APA. Enquanto espaço urbano o povoado concentra um pequeno comércio local que atende às necessidades de seus moradores. Estes quando buscam algum serviço diferenciado dirigem-se à Vera Cruz ou ao centro de Camaragibe, cidade com quem possuem estreitos vínculos em função do sistema de transporte intermunicipal.

Em relação aos aspectos socioambientais e à infraestrutura, o povoado compreende mais uma área onde a ausência do saneamento ambiental é marcante,

sobretudo por ser uma área de concentração de mananciais hídricos e de reservas florestais como a Mata de Aldeia, de Canoas e a Resex de Miritiba. Outros impactos como a caça, a retirada de madeira das áreas protegidas, a disposição inadequada dos resíduos sólidos, as queimadas e outros também constituem um aspecto marcante no cotidiano dos moradores dessa região (Figura 10).

Assim como as áreas urbanas, as áreas rurais situadas no entorno da estrada do Incra também revelam experiências relacionadas aos ambientes rurais que estão longe de remeter à noção de um ambiente bucólico e equilibrado em termos ecológicos. O contato com os transeuntes, quase sempre pedestres e motociclistas, revela o quão comum se tornou no cotidiano destes a convivência com problemas ambientais de origem tipicamente urbanos como o saneamento, os resíduos, as invasões, aliados à ausência de equipamentos e de serviços públicos como, por exemplo, o transporte público (Figuras 10).

Figura 10 - Resíduos sólidos depositados inadequadamente e invasões no entorno da Mata de Miritiba



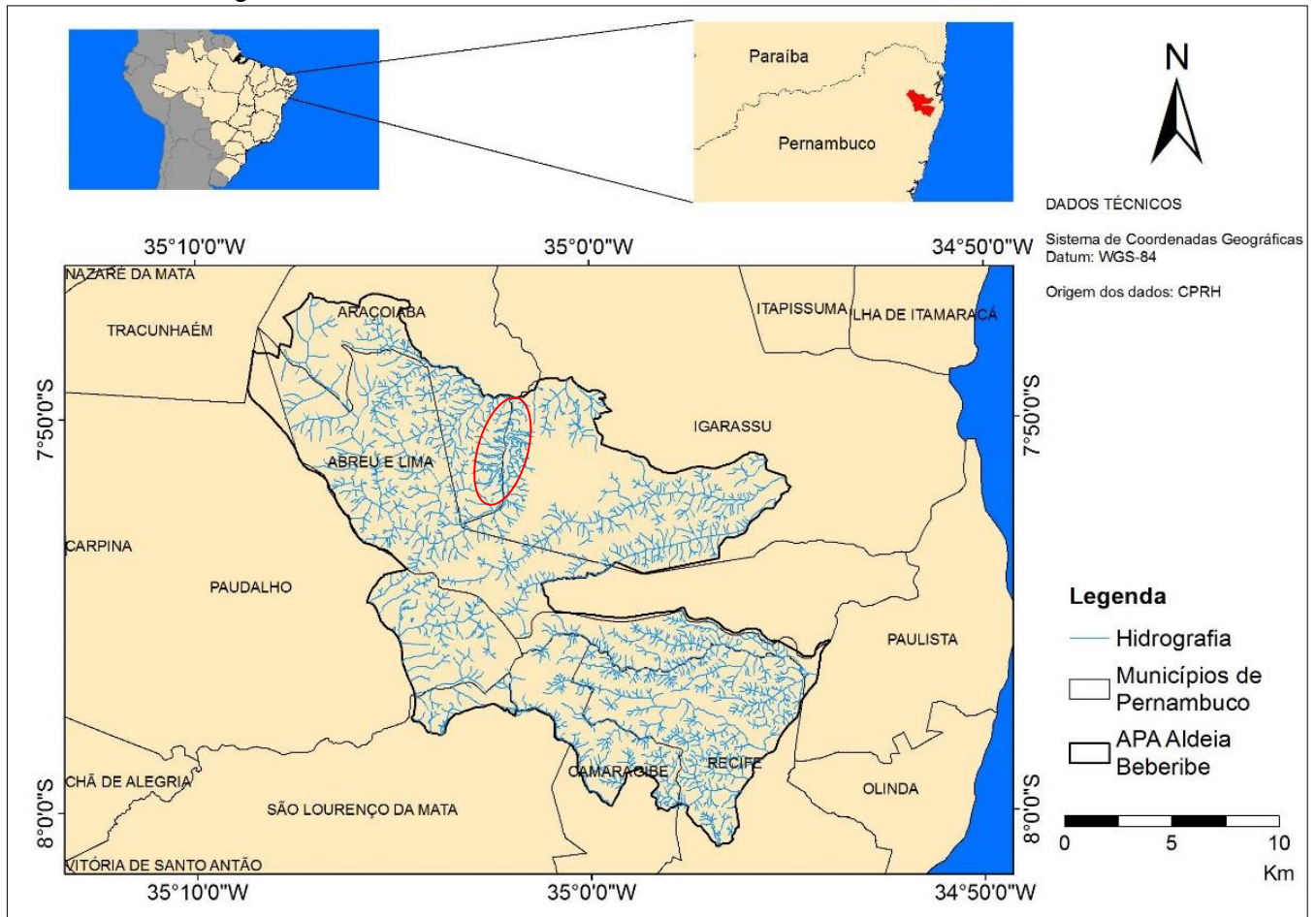
Fonte: Elidiane Amancio, 2016.

A Estrada do Incra encontra-se inserida em um ambiente predominantemente rural e cuja função compreende a produção ligada à pecuária e à agricultura, neste contexto verificam-se ao longo de seu percurso áreas de cultivo de cana-de-açúcar pertencente à Usina São José e pequenas áreas de policultura nos assentamentos rurais que margeiam a estrada. Tanto nas áreas de canavial, quanto nos assentamentos verifica-se a prática agrícola com base no uso de pesticidas, pratica danosa à qualidade ambiental do solo e dos abundantes recursos hídricos presentes na região, e às populações consumidoras da água, dos produtos de origem vegetal, bem como dos que manipulam tais substâncias e da população local.

O prolongamento do percurso através da Estrada do Incra se estende pelo município de Igarassu, onde verifica-se uma diversificação de funções e formas espaciais que contrastam com a realidade tipicamente rural. A função agrícola divide espaço com a função industrial e de serviços através da instalação de um complexo de usinas termo elétricas utilizadas para complementar a demanda de energia da RMR do Recife. A rejeição desta atividade pela população, mesmo sem o devido conhecimento das consequências ambientais, constitui um aspecto que chama atenção durante os diálogos estabelecidos com os moradores do entorno.

Ainda em relação ao município de Igarassu, o percurso realizado abrangeu também as áreas de mananciais inseridas na MZ 1 – Macrozona rural de proteção de mananciais, onde localiza-se o reservatório Botafogo, um dos mais importantes reservatórios de abastecimento público da Zona da Mata Norte de Pernambuco (Figura 11).

Figura 11 - Localização do reservatório Botafogo no mapa hidrográfico da APA Aldeia Beberibe



Fonte: CPRH, 2009. Organizado por: Elidiane Amancio, 2017.

Assim como o município de Igarassu, Araçoiaba também se encontra inserida em áreas de proteção de mananciais. Neste município a porção territorial inserida nos limites da APA Aldeia Beberibe é predominantemente urbana e composta pelos núcleos de Nova Araçoiaba (área de expansão urbana), Araçoiaba Centro e Canaã. As áreas inseridas nos limites da APA Aldeia Beberibe apresentam dinâmicas espaciais cujos usos estão diretamente relacionados aos setores de serviços, principalmente o comércio local, e a agricultura de forma indireta.

As experiências reveladas através dos diálogos com os moradores reforçam a ideia de um ambiente marcado por profundas desigualdades sociais, que se expressam no baixo padrão de vida da população e na deficiência/inexistência de serviços básicos

à população, tais como transporte público, saneamento, pavimentação, acesso à moradia adequada, segurança pública, dentre outros (Figura 12).

Figura 12 - Rua sem pavimentação e saneamento no município de Araçoiaba



Fonte: Elidiane Amâncio.

Embora apresente graves problemas de origem econômica e social, este município abriga tradições culturais como o carnaval que é considerado uma manifestação típica da região de Aldeia.

Em contraste com o município de Araçoiaba, o município de Paudalho está inserido na APA Aldeia Beberibe através de seu espaço rural, porém verifica-se neste ambiente uma forte tendência no sentido de modificação da função deste espaço a partir do aumento expressivo de condomínios horizontais ao longo da PE – 027 e do adensamento de núcleos urbanos como Chã de Cruz.

Além dos condomínios residenciais como Casa Grande de Aldeia, Bosque Águas de Aldeia, Privê Haras e outros, verifica-se também um grande número de residências localizadas em granjas e chácaras na região que dividem espaços com os canaviais do município. Estes são considerados sinônimo de preocupação para os moradores locais que temem pelas queimadas frequentemente realizadas nas proximidades de alguns condôminos. Outro aspecto que constitui fator de preocupação diz respeito à destinação

final dos resíduos sólidos domésticos, uma vez que os mesmos consideram o serviço de coleta precário.

De forma genérica podem-se observar na atualidade alterações espaciais que reforçam a expansão do urbano sobre os ambientes onde as características rurais ainda persistem. Neste contexto a intencionalidade da especulação imobiliária tem exercido um papel fundamental, pois na medida em que aumentam o número de condomínios privados verifica-se também a implantação de equipamentos urbanos diferenciados como galerias com serviços especializados e economicamente diferenciados como, por exemplo, o Aldeia Boulevard, o futuro Shopping Camará (que atualmente encontra-se em fase de instalação nas dependências da antiga CIPER), Escolas bilíngues e outros equipamentos mais sofisticados. Tais estruturas atuam como forças centrípetas atraindo cada vez mais pessoas que optam por residir em áreas exclusivas e com características diferenciadas das metrópoles em termos ecológicos. Esse aspecto é bastante utilizado pelo setor imobiliário como atrativo principal da região, que, embora apresente características bucólicas, é, cada vez mais, dotada das comodidades presentes no urbano, estas transformações verificam-se principalmente nas áreas da região localizadas no município de Camaragibe.

Além das funções comerciais e residenciais, mais ligadas à vivência cotidiana das pessoas, há ainda os usos industriais do espaço periurbano de Aldeia, neste sentido são encontradas atividades ligadas ao setor secundário na produção de álcool e açúcar como, por exemplo, a Usina São José, atividades ligadas à produção energética, exploração mineral de recursos hídricos, dentre outras.

As evoluções espaciais citadas desde o período açucareiro, intensificadas a partir da década de 1960 e em curso atualmente, revelam, tanto a convivência de distintas temporalidades pelas formas (SANTOS, 1985), quanto, o caráter dinâmico e variável das funcionalidades dos espaços periurbanos. Estes envolvem distintas intencionalidades e incentivos oriundos dos agentes produtores do espaço. O poder público e os agentes imobiliários tem significativo poder de modificação dos cotidianos das áreas, porém a presença de outros agentes (como moradores, tradições etc) também resguardam identidades e representações como a de um espaço tipicamente campestre, bucólico e rural.

3 PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO MUNDO VIVIDO PERIURBANO: DIRECIONAMENTO PARA O INQUÉRITO DA APA ALDEIA BEBERIBE

As experiências desenvolvidas em um determinado ambiente permeiam o real e o abstrato, o objetivo e o subjetivo e, nesta perspectiva, necessitam de investigações que permitam o entendimento de ambas as dimensões experienciadas. No domínio da Geografia as aproximações humanísticas permitem ao investigador um olhar sobre o sujeito e os vínculos afetivos e simbólicos que são construídos em sua relação com o ambiente. Mas as possibilidades de diferentes aferições não se esgotam, e é nesta perspectiva que as representações sociais surgem para complementar as relações entre o percebido e o reproduzido através da comunicação e dos comportamentos de diferentes indivíduos e grupos sociais.

A aproximação entre Geografia Humanista e Psicologia Social é tomada neste capítulo com o objetivo de melhor compreender as experiências e fenômenos do mundo vivido, valorizando os sujeitos, suas representações, seus vínculos e subjetividades. Neste sentido, a abordagem teórico-metodológica discutida apresenta como base a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e a Abordagem Societal de Willem Doise, objetivando oferecer direções de como estudar e compreender as percepções sociais, atitudes, comunicação social, os processos de objetivação e ancoragem, das representações sociais de unidade de conservação, mais especificamente, da APA Aldeia Beberibe.

3.1 PERCEPÇÃO SOCIAL E ATITUDES

O contato cotidiano estabelecido entre sujeito e mundo vivido revela inúmeras práticas e condutas que resistem às distintas temporalidades e cristalizam identidades e práticas socioespaciais em um determinado ambiente. Neste contexto a transformação ambiental nas áreas periurbanas através da ação humana, bem como a preservação de suas características físico-naturais e culturais, são percebidas pelos sujeitos através de mecanismos cognitivos e sensoriais que influenciam comportamentos e ações.

O estudo dos processos cognitivos e sensoriais que constituem a percepção e a atitude dos indivíduos em relação a um objeto são importantes ferramentas para o melhor entendimento das inter-relações que envolvem sujeito e meio ambiente fornecendo respostas para melhor compreensão das condutas e ações desenvolvidas com o intuito de conservar ou modificar o ambiente.

Objetivando o esclarecimento dos aspectos subjetivos relacionados à modificação do espaço periurbano de Aldeia será feito uso das concepções de percepção e atitude apresentadas por Schiff (1973), cuja visão estabelece um diálogo com a Psicologia, no sentido de entender a percepção a partir de uma perspectiva social, considerando ainda os aspectos cognitivos e sensoriais deste processo.

Na perspectiva geográfica, a percepção tem sido objeto de investigação da Geografia Humanista, Geografia da Percepção ou ainda da Geografia Cultural, sendo abordados temas como identidade, representações, imagens e simbolismos que constituem processos psíquicos de instauração de sentido da realidade. Desta forma, em termo gerais perceber tem sido tratado como uma atribuição de significado às informações recebidas através dos sentidos que constituem processos psíquicos de instauração de sentido da realidade.

A percepção ambiental, em específico, é inerente ao ser humano, atribuindo sentidos e significações à área imediata de vivência. A respeito desta consideração, Oliveira (1977) ratifica que o fenômeno perceptivo não pode ser isolado da vida cotidiana das pessoas, é uma prática natural e constante que envolve o sujeito da experiência e objeto observado. Desta forma fragmentos florestais, objetos construídos, estradas, campos, lagos, manifestações culturais, monumentos históricos e outros objetos dispostos espacialmente são constantemente percebidos, apreendidos, significados, internalizados e externalizados através das atitudes e representações socialmente construídas.

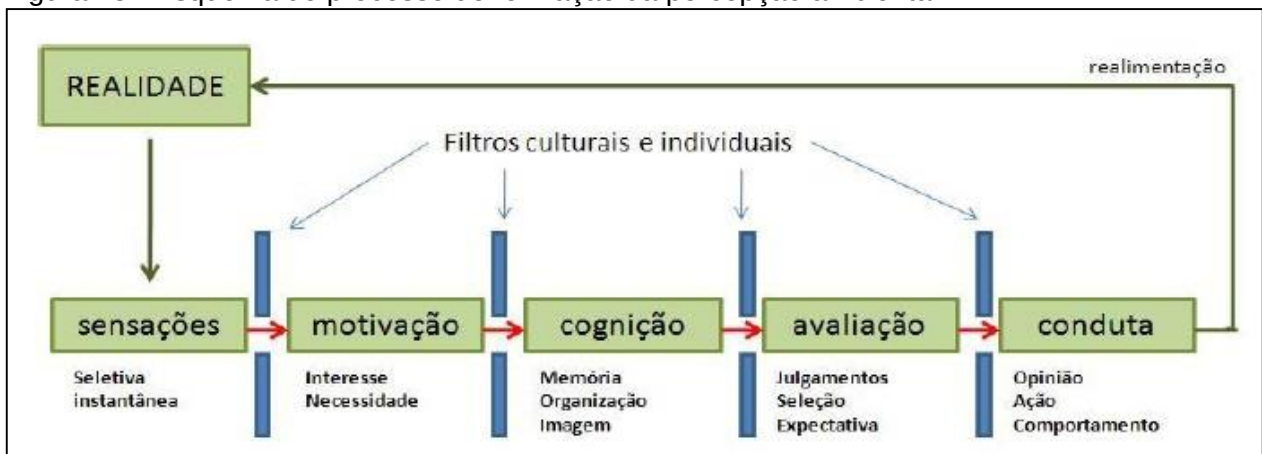
As experiências desenvolvidas pelo sujeito ao longo de sua existência são essenciais para a estruturação dessa percepção, pois a partir do contato direto ou indireto com os objetos é possível a construção de um espaço perceptivo; ou seja, o aspecto histórico é inerente ao processo. Por outro lado, assim como a experiência é importante, a maturação também possui um valor semelhante, uma vez que apenas a experiência e

o recorrência à história não são suficientes para a construção das percepções. É necessário que haja a utilização de um conjunto de mecanismos sensoriais e cognitivos a partir do qual o indivíduo recebe dados sensoriais e os converte em dados perceptivos, desta forma sensação difere de percepção (OLIVEIRA, 1977).

Em relação ao próprio conceito de percepção Del Rio (1996) concebe “[...] a percepção como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos”. Para a percepção ambiental, que é o objeto específico que estamos tratando, Faggionato (2005) define “como uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, ou seja, o ato de perceber o ambiente que se está inserido”.

De forma mais ampla Okamoto (2002) coloca que a formação da percepção se dá através de um processo complexo onde emoções, razão, memórias e os cinco sentidos, principalmente a visão, irão compor o processo mental de estruturação da percepção, mas neste contexto a memória exerce uma fundamental importância contribuindo como arquivo de experiências vivenciadas de ordem física e emocional (Figura 13).

Figura 13 - Esquema do processo de formação da percepção ambiental.



Fonte: Oliveira (1996); Assis et al. (2003).

A partir do esquema apresentado, observa-se que as sensações e percepções adquiridas através das experiências possuem como contexto básico um mundo vivido que é espaçotemporal, ou seja, que está em constante modificação e é através dos mecanismos sensoriais e cognitivos que a consciência de tais transformações é estruturada. Nesta perspectiva a percepção constitui um processo contínuo e em

feedback onde os estímulos sensoriais são transformados, elaborados, armazenados, recordados e usados para influenciar condutas e atitudes para com o meio, que ao longo do processo vai ressignificando as percepções e influenciando as condutas e atitudes (ASSIS et al., 2013).

A definição de Tuan (1980) para percepção se assemelha muito à perspectiva de Schiff (1973) no campo das representações sociais, por isso, cabe menção, para o autor:

Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (SCHIFF, 1980, p.4)

Para o autor a percepção está ligada aos aspectos sensoriais, mas, também, apresenta um conteúdo social relacionado aos valores e às satisfações que fazem parte da cultura do Sujeito. Schiff (1973) tece considerações semelhantes ao definir percepção. Na perspectiva da autora, quando se analisa a percepção ambiental o foco principal deve recair sobre o que ela denomina de percepção social:

A percepção social está relacionada com a impressão que se tem face a um estímulo ou a um conjunto de estímulos sociais, com a maneira pela qual essa impressão é modificada pela experiência anterior daquele que percebe, com sua experiência prévia ligada a esse mesmo estímulo ou a estímulos similares, e com o estado do indivíduo no momento em que entra em contato com o estímulo de interesse. [...] considerando que a percepção individual é função da história da experiência pregressa [...] dois indivíduos com diferentes experiências prévias podem olhar para o mesmo estímulo físico, receber a mesma imagem em sua retina, ter a mesma imagem transmitida para o cérebro e ainda perceber esta imagem de forma diversa (SCHIFF, 1973, p. 47-48).

Em outras palavras, a atividade perceptiva de um determinado estímulo está intimamente ligada às experiências do sujeito e pode ser entendida como uma função do valor atribuído ao objeto pelo sujeito que o percebe, neste caso ocorre a influência de uma experiência prévia, histórica, junto a um estímulo de interesse do sujeito. A experiência e o valor atribuído aos estímulos encontram-se presentes tanto nas considerações de Tuan, quanto nas de Schiff, porém a autora acrescenta uma importante consideração sobre o hábito como um importante fator que influencia a percepção: este

“[...] ocorre quando a apresentação repetida de um estímulo leva ao decréscimo ou desaparecimento da resposta originalmente dada”. Esta consideração aponta para uma possível resposta ao fato de alguns sujeitos se acomodarem e encararem novas percepções de forma natural, sem estranhamento, seja no aspecto físico e ambiental ou até mesmo sentimental (Schiff, 1973).

Em espaços periurbanos, por se caracterizarem como áreas sujeitas a transformações, sejam lentas ou mais intensas, tal naturalidade e não-estranhamento pode ser uma das formas como as percepções dos indivíduos e grupos se expressem, uma vez que as próprias estruturas e ideologias urbanas são cotidianamente vividas – seja pela rotina do trabalho nas cidades, seja na ideologia pregada pelos seus instrumentos (propagandas, mídias etc.).

Por outro lado, assim como a percepção, a atitude também exerce importante influência sob os comportamentos e condutas dos sujeitos nas inter-relações desenvolvidas para com o ambiente. Para Tuan (1980),

Atitude é primariamente uma postura cultural, *uma posição que se toma frente ao mundo*. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. As atitudes implicam experiência e certa firmeza de interesse e valor (TUAN, 1980, p. 4, grifo nosso).

De modo semelhante, Schiff (1973) define atitude como “sentimentos e crenças individuais sobre o objeto da atitude ou [...] ‘a visão de mundo’” que um indivíduo apresenta. A atitude é reveladora do comportamento seja ele corporal ou verbal e no contexto das análises ambientais esta está diretamente relacionada ao modo de pensar e agir dos indivíduos. “Uma atitude, portanto é um conjunto organizado de sentimentos e crenças que influenciarão um comportamento individual” (SCHIFF, 1973).

As atitudes apresentam três componentes em sua estrutura: a) o afetivo, que diz respeito à afinidade que o indivíduo possui para com o objeto, podendo gostar ou não dele; b) o cognitivo, que está relacionado ao conjunto de crenças que o indivíduo possui sobre o objeto; c) o comportamental. A atitude resulta assim do agrupamento de componentes afetivos (sentimentos) e cognitivos (crenças) que predispõe o comportamento de um indivíduo diante de um determinado objeto. Em outras palavras, é

o conjunto das crenças do indivíduo sobre um ambiente, juntamente com sua reação afetiva, culmina em uma atitude.

Com base nos aspectos afetivos e cognitivos e comportamentais das percepções foram realizadas aferições empíricas durante o período de quatro meses na região de Aldeia com o objetivo de identificar os principais estímulos que sensibilizam os sujeitos que experienciam este espaço, e quais comportamentos resultam destas percepções. Para atingir tal objetivo o contato com os sujeitos envolvidos se deu a partir de observação direta, realização de entrevistas e conversas pautadas em uma relação de dialogicidade e empatia, sendo os resultados colhidos analisados e balizados a partir de uma abordagem hermenêutica e interpretativa- tendo as representações sociais como abordagem catalizadora.

As análises das atitudes, de seus componentes afetivo e cognitivo, bem como o comportamento resultante de tais aspectos, foram conduzidas através da realização de entrevistas e conversas informais onde o principal objetivo era avaliar o discurso e o posicionamento dos indivíduos diante do objeto apresentado, neste caso a UC APA Aldeia Beberibe e as transformações socioambientais que ocorrem em seu interior pela expansão da estrutura urbana na área antes tida como rural.

O público-alvo selecionado para realização dos trabalhos de campo, as amostras, foram selecionadas a partir de dois critérios: a) socioeconômico e b) faixa etária. A escolha de tais critérios para análise das atitudes, percepções e, posteriormente, representações sociais se deu pelo interesse de verificar as diferentes condutas e comportamentos provenientes de sujeitos pertencentes a segmentos sociais diferenciados, com histórias, experiências e cotidianos específicos, como, por exemplo, moradores de condomínios residenciais e moradores de comunidades existentes na APA. Seguindo esta sugestão, em relação à faixa etária, procurou-se identificar quais as percepções e atitudes comuns aos grupos de idosos (moradores tradicionais com experiência histórica mais apurada), aos adultos e adolescentes, sendo estes dois últimos segmentos os que já se inseriram na APA em um momento em que as transformações ambientais já eram evidentes.

Em termos de percepção social e ambiental foram verificados através das entrevistas estímulos de ordem visual, auditivos e olfativos, conforme sugere os estudos

do mundo vivido. Tais estímulos atingem os indivíduos inseridos na APA Aldeia Beberibe durante suas vivências e provocam distintas reações em um mesmo indivíduo com base nas suas experiências desenvolvidas. O quadro 2 apresenta os estímulos identificados a partir das entrevistas e das observações em campo.

O primeiro estímulo observado e identificado durante a análise dos dados diz respeito ao visual, este na perspectiva de Tuan (1980) corresponde ao sentido mais forte e valioso que o homem possui. A culminância desse estímulo no mundo vivido se dá a partir da identificação da paisagem, gerando vínculos simbólicos e afetivos que influenciam as condutas humanas de forma positiva ou negativa.

A partir do estímulo visual, Aldeia é percebida como lugar bucólico e familiar. No que se refere à sua característica de ser um espaço em transformação, de transição rural-urbana, pode ser visto como um ambiente sujeito às pressões ambientais geradas pelo aumento populacional e intensificação das características urbano industriais; um espaço de exclusividade pelo setor imobiliário e pelos moradores dos condomínios localizados na região; e, por outro lado, como espaço carente de serviços e equipamentos urbanos, o que a torna espacialmente desigual.

Em seus aspectos auditivos, ainda na perspectiva de Tuan (1980), o ser humano se torna mais vulnerável aos sons porque não pode fechar os ouvidos, a percepção do estímulo sonoro muitas vezes sensibiliza mais do que o estímulo visual. De fato essa constatação pode ser reafirmada a partir do exemplo do funcionamento das usinas termelétricas inseridas na APA Aldeia Beberibe, pois durante o período chuvoso quando estas estão inoperantes os indivíduos circulam próximos a ela e dificilmente esboçam alguma reação, mas no verão quando estas rotineiramente entram em operação, com o seu ruído estridente, todos em sua volta se manifestam, não apenas contra o ruído, mas, também em relação às emissões atmosféricas, impactos causados à fauna local e outros aspectos.

De forma geral a partir do estímulo auditivo Aldeia tem se tornado sinônimo de poluição sonora nas áreas próximas à via de circulação principal e próximo às áreas de instalação de atividades urbano-industriais. Embora este aspecto ambiental (ruído) seja marcante para a percepção ambiental local é preciso considerar também a Aldeia percebida em função da ausência de ruídos e dotada de sons provenientes da natureza.

Este estímulo por sua vez resulta em uma percepção ambiental pacífica, harmônica e ambientalmente equilibrada.

Em relação ao estímulo proporcionado pelo olfato Tuan (1980) esclarece que o odor tem o poder de evocar lembranças vívidas, carregadas emocionalmente de eventos e cenas passadas. Neste aspecto faz-se alusão ao capítulo inicial deste trabalho onde faz-se referência ao cheiro do solo tocado pela chuva e complementa-se esta consideração enaltecendo outros estímulos de natureza olfativa como o perfume dos pomares e jardins muito comuns na região estudada. Porém, nem todos os estímulos olfativos remete a experiências agradáveis. No que se referem aos estímulos sensoriais olfativos de natureza adversa, os aspectos ambientais mais comuns na região estão relacionados ao lixo, devido à ineficácia atual do serviço público de coleta, e, principalmente, às queimadas da cana-de-açúcar dos engenhos inseridos na área de preservação ambiental.

Do ponto de vista dos estímulos sensoriais olfativos, Aldeia é representada no discurso dos moradores como um lugar onde o fogo e a fumaça gera um incômodo durante todo o ano, mas principalmente no verão. A preocupação que esta percepção gera está diretamente relacionada ao receio de que o fogo se alastre para as áreas de mata prejudicando a fauna e a flora local ou atinjam as casas dos moradores próximos aos canaviais.

Em relação às atitudes verificadas através dos discursos analisados, conforme as discussões realizadas já sugeriram, foram identificadas atitudes de ordem positivas, negativas e também neutras, no sentido de posicionar-se diante de um determinado objeto, neste caso a APA Aldeia Beberibe. Em relação aos discursos onde o componente afetivo das atitudes é considerado positivo verifica-se um conjunto de crenças que concebem Aldeia como um ambiente familiar e pacífico, quando se compara com os núcleos urbanos, como um ambiente ecologicamente equilibrado; filtro no que se refere a concepção da região em relação a sua cobertura vegetal, bem como um ambiente místico e que devido aos aspectos sagrados deve ser preservado e cuidado. Em outras palavras, os componentes afetivos (gostar ou não) e os componentes cognitivos (crenças e valores) orientam os indivíduos portadores de tais atitudes para a conservação dos aspectos ambientais objetivos e subjetivos.

Assim como as atitudes positivas, as atitudes negativas onde os indivíduos não estabelecem uma relação de afinidade com o ambiente também são averiguadas nos discursos dos indivíduos entrevistados. Vale salientar que estas atitudes geralmente são externadas por jovens e adolescentes com modos de vida e identidades urbanas, e que concebem Aldeia como um ambiente inerte, parado, sem infraestrutura adequada e que em função disso é sinônimo de desconforto uma vez que suas experiências pregressas e seus laços afetivos são estabelecidos em relação ao urbano – neste sentido, realçando os aspectos ideológicos da expansão urbana na região rural. As atitudes negativas relativas à violência e ao perigo são evidenciadas de forma sutil nos discursos de moradores mais antigos adaptados ao ambiente pacato caracteristicamente rural, mas que agora também começa a ser afetado com maior intensidade pelos problemas comuns às urbes. Neste sentido os comportamentos tendem a ser indiferentes, o desejo de abandono do local às vezes tona-se mais evidente que a esperança em dias melhores frente à expansão irreversível.

Além das atitudes negativas, verifica-se ainda nos discursos de alguns dos adolescentes entrevistados uma atitude neutra, uma escolha por não se posicionar a respeito das transformações socioambientais que ocorrem a APA Aldeia Beberibe motivada pelo desejo de abandonar o local futuramente.

Sobre este direcionamento teórico-metodológico-empírico, no diálogo entre abordagem humanística e representações, as percepções e atitudes identificadas no espaço periurbano de Aldeia são exemplares para o entendimento do quadro atual das áreas periurbanas, bem como para uma possível projeção do cenário futuro. Isso por que ambas, percepções e atitudes, influenciam as condutas e comportamentos dos indivíduos, orientando-os para práticas conservacionistas ou para uma atitude indiferente às modificações socioambientais; o que em termos de salubridade ambiental representa uma ameaça fatal. O quadro a seguir apresenta em termos gerais os estímulos e suas respectivas percepções, bem como as atitudes verificadas a partir dos trabalhos de campo (Quadro 2) – no capítulo 3 aprofundaremos o inquérito a partir das vozes locais.

Quadro 2 - Percepções e comportamentos observados durante as entrevistas e observações empíricas

PERCEPÇÃO (Estímulo → Comportamento)	ATITUDE (Cognitivo + Afetivo → Comportamento)
Visual: • Ambiente bucólico (principalmente para moradores tradicionais); • Ambiente em transformação (recém chegados); • Destruição da natureza e degradação da qualidade de vida (indivíduos tradicionais e recentes); • Comunidade familiar; • Ambiente de exclusividade; • Ambiente carente de equipamentos e serviços urbanos. Auditivo: • Espaço de poluição sonora (percepção frente à intensificação do tráfego na região e em função de atividades industriais); • Espaço de tranquilidade (ambiente ideal para ouvir os sons da natureza). Olfativo: • Degradação ambiental (queimadas dos canaviais e do lixo devido à inexistência dos serviços em algumas áreas. São mais comuns no verão); • Jardins e pomares (aspecto físico e simbólico, presente no cotidiano dos indivíduos que remete à sensação de bem estar).	Positivas: • Paz; • Equilíbrio ecológico; • Oportunidades; • Filtro; • Místico; • Lar Negativas: • Violência; • Perigo e desconhecido; • Inércia; Neutras: • Indiferença

Fonte: Elidiane Amâncio, 2017.

3.2 DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS À ABORDAGEM SOCIETAL: CONSIDERAÇÕES PARA O ESTUDO DO MUNDO VIVIDO PERIURBANO

As transformações espaciais verificadas em Aldeia poderiam ser analisadas à luz de uma abordagem que verificasse apenas o ambiente físico-natural, mas esta postura torna-se insuficiente quando objetiva-se conhecer os processos subjetivos que constituem as relações do indivíduo para com o lugar. A representação que o indivíduo ou a coletividade constrói a respeito de um determinado ambiente é o que orientará suas condutas e comportamentos a partir das percepções e atitudes, neste contexto suas representações é o que o motivará ou impedirá de realizar alguma ação benéfica ou maléfica ao ambiente.

Analisar condutas e comportamentos não é uma tarefa simples, requer uma abordagem multidisciplinar no sentido de enxergar a face objetiva e subjetiva dos fenômenos, neste contexto a Teoria das Representações Sociais surge como alternativa para reunir os aspectos cognitivos, simbólicos e afetivos (que acabam de ser discutidos) pertencente a um indivíduo ou a uma coletividade em suas experiências cotidianas e nos seus processos de decisão para com o meio.

A abordagem da teoria das representações neste estudo será balizada a partir da referência do mundo vivido que congrega os espaços de ação e de percepção de um indivíduo e que constitui o núcleo de identidades de um grupo social, justamente onde são gerados significados e memórias a partir das experiências e apropriação simbólica do espaço enquanto mundo vivido geográfico.

A transformação material e imaterial (física e simbólica) do espaço periurbano pode ser assim ser desmiuçada a partir da análise das representações sociais, partindo da premissa de que elas possibilitam o diálogo entre os aspectos sensoriais e cognitivos das condutas e das relações simbólicas dos grupos sociais que acabamos de destacar no subcapítulo anterior.

A Teoria das Representações Sociais e a Abordagem Societal constituem uma forma sociológica de abordagem da Psicologia Social que apresenta em sua origem uma ligação com o conceito de representações coletivas utilizado por Emile Durkheim. A sua construção se deu de maneira interdisciplinar, permeada por campos como o da

Psicologia e da Sociologia. Neste contexto a influência da sociologia foi fundamental para a afirmação da Psicologia Social após a Segunda Guerra Mundial na Europa e nos Estados Unidos (FARR, 1999). Cabe, assim, uma breve apresentação desta teoria, bem como os aspectos que dela retiramos para o inquérito realizado.

A Psicologia Social Moderna obteve um grande avanço nos Estados Unidos onde eram desenvolvidos estudos relacionados ao comportamento em meio ao predomínio das ideias behavioristas. Em relação aos psicólogos sociais europeus, estes mantinham o foco dos estudos comportamentais com base nos fatores emocionais, inconscientes e irracionais. Posteriormente observa-se nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial o desenvolvimento de uma psicologia social preocupada em evidenciar a consciência; tirando o foco do comportamento e trazendo para o centro do debate os processos mentais subjacentes (SANTOS, 2005).

O avanço dessa psicologia social, proporcionou o desenvolvimento dos estudos ligados às atitudes e à percepção social, como afirma Santos (2005), sendo esta última muito útil para os geógrafos humanistas na década de 1970 como afirma Marandola Jr. (2013):

A Geografia Humanista foi um movimento de renovação da Geografia que eclodiu nos Estados Unidos e no Canadá nos anos de 1970 [...]. Buscava uma aproximação da Geografia com as humanidades no contexto de busca de alternativas ao neopositivismo e às tendências de quantificação predominantes na época. Na esteira do grande debate teórico e metodológico promovido pela nova geografia, alguns geógrafos voltaram-se para a literatura, história, os estudos culturais, a **psicologia** [...] buscando renovar epistemologicamente a geografia com os valores humanistas: a crítica da época era que a geografia, ao buscar ser ciência, estava deixando de ser humana. (MARANDOLA JR, 2013, p.50, grifo nosso).

Segundo Santos (2005), o saber popular, embora extremamente importante para as pesquisas nas áreas de ciências humanas, é menosprezado e colocado em oposição ao conhecimento construído a partir de uma lógica formal. Nesta mesma perspectiva a autora evidencia a importância da Teoria das Representações Sociais na busca pela valorização do conhecimento obtido mediante o senso comum, surgindo a partir desta teoria a possibilidade de resgate das dimensões culturais e históricas, muito importantes

para as pesquisas em Geografia que buscam analisar os processos de construção das realidades socioespaciais.

Nesta perspectiva a Teoria das Representações Sociais apresenta-se como:

[...] um modelo teórico, um conhecimento científico que visa compreender e explicar a construção desse conhecimento leigo, dessas teorias do senso comum. Temos, portanto, a teoria das representações sociais que visa compreender o fenômeno das representações sociais. (SANTOS, 2005, p.21-22).

Moscovici (1976) dedicou-se ao estudo das representações sociais estudando cientificamente o senso comum. Segundo o autor, as representações sociais são formadas a partir dos processos de objetivação e ancoragem; sendo estes justamente as balizas metodológicas que usaremos no inquérito das representações na área periurbana de aldeia.

A objetivação diz respeito a tornar familiar o desconhecido, através desse processo ocorre uma apropriação onde o que era inicialmente abstrato torna-se agora concreto. A respeito deste conceito Moscovici (2003) escreveu:

A objetivação une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então diante de nossos olhos, física e acessível. (MOSCOVICI, 2003, p.71).

A ancoragem, por sua vez, é considerada segundo Santos (2005) COMO:

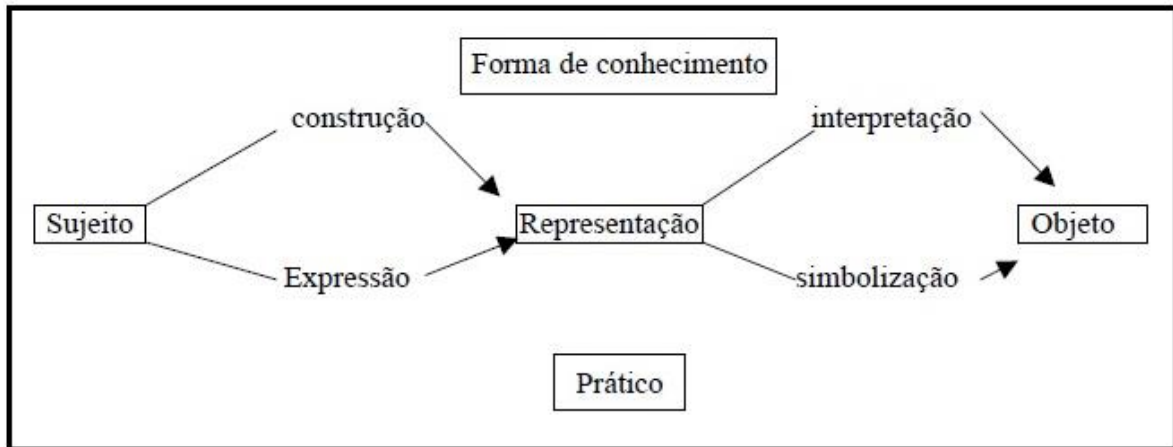
A inserção de um objeto num sistema de pensamentos preexistentes, estabelecendo uma rede de significações em torno do mesmo. É um processo que transforma algo perturbador em algo conhecido, através da comparação com categorias já conhecidas. (SANTOS, 2005, p. 33).

Moscovici (2003), afirma que “ancorar é classificar e dar nome a alguma coisa”. A respeito dos processos de construção das representações sociais, Peluso (2003) afirma que a objetivação e a ancoragem podem ser úteis ao desenvolvimento das pesquisas em Geografia ao passo que a ancoragem permite trabalhar a historicidade do espaço e a objetivação permite classificar, recortar e compreender a descontextualização dos discursos e ideologias.

Em termos práticos as análises das representações sociais revelam duas dimensões distintas. Primeiro, estabelecendo-se como um conhecimento voltado para a

interpretação do mundo e para a comunicação, e, em segundo lugar, atuam como construções elaboradas pelos indivíduos a respeito de objetos socialmente valorizados através da simbolização, representando estruturas cognitivo-afetivas que não podem ser reduzidas apenas ao contexto cognitivo (Figura 14).

Figura 14 - Campo de estudo da representação social



Fonte: Spink, 1994; Jondelet, 1989.

Nesta perspectiva o indivíduo constrói as representações, a partir de seu conhecimento e interpreta o objeto de seu interesse a partir de seu conhecimento socialmente partilhado, e, paralelamente, expressa a mesma representação através de uma relação simbólica. As representações construídas e expressas no cotidiano são, assim, constantemente reelaboradas a partir de processos simbólicos onde o indivíduo estabelece uma ação sobre o objeto. Em outras palavras, as representações sociais atuam modelando o que é dado como exterior no contexto das relações desenvolvidas entre os indivíduos e a coletividade em relação a um determinado objeto, orientando a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos. Na perspectiva de Moscovici a representação social conduz à produção de comportamentos e relações com o meio ambiente a partir da transformação e construção de conceitos que regem a vida cotidiana (MOSCOVICI, 1976).

A grande teoria apresentada por Moscovici tem recebido valiosas contribuições teóricas, merecendo destaque autores como Abric, Jondelet e Doise, sendo segundo Sá (1998) correntes teóricas complementares que não se opõem, mas são complementares.

Destes autores destacaremos as contribuições de Willem Doise ao propor a abordagem societal da Psicologia Social, oferecendo aos pesquisadores em ciências humanas e sociais mais um meio de análise das representações sociais – e, como pretendemos mostrar, úteis no estudo das transformações em áreas periurbanas.

Em 1972 Willem Doise torna-se professor de Psicologia Social Experimental na Universidade de Genebra onde fundou o grupo de pesquisa em Psicologia Social Experimental passando a articular as representações sociais com a sociologia, analisando a inserção social dos indivíduos como fonte de variação dessas representações (ALMEIDA, 2009).

Para Doise (1993), Moscovici foi o responsável pelo desenvolvimento de uma grande teoria das representações sociais, definido conceitos que explicam a origem e o funcionamento de uma representação social, entretanto, as possibilidades de contribuições teóricas não se esgotaram:

Com efeito a teoria das representações sociais pode ser considerada como uma grande teoria, grande no sentido de que sua finalidade é a de propor conceitos de base [...]que devem atrair a atenção dos pesquisadores sobre um conjunto de dinâmicas particulares e suscitar, assim, estudos mais detalhados sobre os múltiplos processos específicos. (Doise, 1990, p. 172)

Tornando-se um advogado de uma abordagem societal da psicologia social, Doise defende a conexão do individual ao coletivo, da compreensão das representações sociais a partir da superação do individualismo, buscando a articulação de explicações de ordem individual às explicações de ordem societal, uma vez que o desenvolvimento das representações de um indivíduo dentro de uma determinada sociedade são orientadas por dinâmicas sociais, tais como o compartilhamento de posicionamentos, valores e crenças gerais (ALMEIDA, 2009).

Ao desenvolver estudos sobre o desenvolvimento social da inteligência, Doise aposta no conflito sociocognitivo, promovido através da interação do indivíduo com a sociedade, como forma de "desconstrução" de uma representação social através de um progresso cognitivo. O conflito ocorre quando, através das interações sociais, há uma confrontação de respostas, representações sociais, para o mesmo problema. É a partir

do conflito que surgem representações aprimoradas de um mesmo problema (DOISE, 1991).

A partir dos estudos sobre o conflito sociocognitivo Doise desenvolve o conceito de marcação social, sendo esta definida de acordo com três aspectos:

1. A marcação social define qualquer situação onde há uma correspondência entre as respostas que derivam das regulações sociais e as respostas que resultam da organização dos esquemas cognitivos [...];
2. Para dar lugar a um desenvolvimento cognitivo, esta correspondência deve levar o sujeito a comparar efetivamente respostas de diferentes naturezas;
3. O mecanismo pelo qual a marcação social garante a elaboração de novas respostas cognitivas é o conflito sócio-cognitivo, ou seja, é a confrontação de respostas contraditórias que podem dar lugar a novas respostas. (DOISE, 1991, p.17)

Este conceito revela a dimensão culturalmente herdada das representações sociais e o questionamento das respostas provenientes dessa herança histórico-cultural.

Para Doise (1982), a análise das representações sociais através do paradigma experimental tradicional implica na cristalização dos fenômenos, isolando-os das dinâmicas sociais mais complexas, desta forma promovem uma representação empobrecida da realidade social. É preciso considerar as normas e as representações construídas nas relações sociais vividas e com as quais os indivíduos interagem.

Objetivando a superação dos postulados teóricos Doise (1982) parte dos estudos do desenvolvimento sóciocognitivo para os estudos das representações sociais geradas a partir das relações sociais entre grupos, sempre asseverado a importância da dimensão social dos processos de representação social. Para ele o estudo das representações sociais deve ocorrer mediante a integração de quatro níveis de análise: o intraindividual; o interindividual e situacional; o intergrupais e o societal. Em relação aos níveis de análise, segundo Almeida (2009),

O primeiro focaliza os processos *intraindividuais*, analisando o modo como os indivíduos organizam suas experiências com o meio ambiente. O segundo centra-se nos processos *interindividuais* e situacionais, buscando nos sistemas de interação os princípios explicativos típicos das dinâmicas sociais. O terceiro refere-se aos processos *intergrupais*, leva em conta as diferentes posições que os indivíduos ocupam nas relações sociais [...]. O quarto, o *societal*, enfoca os sistemas de crenças, representações, avaliações e normas sociais, adotando o pressuposto de que as produções culturais e ideológicas, características de uma sociedade ou de certos grupos, dão significação aos componentes dos

indivíduos e criam as diferenciações sociais, a partir de princípios gerais. (ALMEIDA, 2009,p.724, grifo do autor)

Estes níveis de análise oferecem ao pesquisador informações a respeito do processo de construção das representações sociais que podem variar desde a esfera subjetiva e íntima de um indivíduo até a construção das representações em grupos. Para Almeida (2009) a análise mediante a articulação dos quatro níveis citados são mais completas e conduzem a uma melhor explicação do fenômeno estudado, neste âmbito as representações sociais são tomadas como “princípios geradores de tomada de posição [...] organizando os processos simbólicos que interferem nas relações sociais”.

A partir das considerações teóricas realizadas e através dos procedimentos metodológicos adotados e já revelados na introdução é que ocorre a definição do objeto empírico de representação social desta pesquisa: a APA Aldeia Beberibe enquanto Unidade de Conservação. Tendo em vista a multiplicidade de aspectos que esta noção abriga faz-se uso da problemática deste estudo para investigar qual a representação social de Unidade de Conservação dos indivíduos e como os processos de transformação espacial influenciam na construção de novas representações.

Embora a Teoria das Representações Sociais corresponda à base e marco inicial da investigação das representações sociais e neste sentido não perdendo de vista os processos de objetivação e ancoragem, a perspectiva estabelecida neste estudo adotará a Abordagem Societal como abordagem referência para identificação das representações sociais presentes no recorte espacial investigado. Para o alcance de tal objetivo serão adotados os níveis de interação interindividual e intergrupal, desta forma torna-se possível a compreensão de como se organizam as representações entre os indivíduos e entre os grupos sociais investigados. Torna-se, então, necessário discutir o papel das heranças históricas, das memórias e culturais, da identidade dos lugares, ligadas a tal arcabouço.

3.3 MEMÓRIA E IDENTIDADE NO CONTEXTO DA EVOLUÇÃO ESPACIAL PERIURBANA

O lugar enquanto espaço simbólico gerador de vínculos e identidade é construído através de vivências pretéritas e da experiência cotidiana. Neste sentido, muitas das vivências que fortalecem os laços do sujeito para com o lugar são herdadas culturalmente e integram um quadro de referência cujo fundamento se expressa através das memórias. A memória em seus aspectos individuais e coletivos transmite experiências que se perpetuam através das dimensões espaçotemporais. Ela ancora identidades e representações e, neste contexto, pode-se afirmar que o estudo do periurbano a partir dela representa o resgate socioespacial e ambiental dos elementos que estão sendo constantemente transformados a partir do processo de periurbanização.

A evolução espacial, sobretudo a periurbana, que mescla distintas lógicas de uso do espaço, ocorre dentro de uma perspectiva histórica onde há uma diversidade de temporalidades e, conseqüentemente, de experiências vivenciadas. A região de Aldeia, enquanto espaço periurbano, revela em seu cotidiano memórias pretéritas que se misturam com um passado mais recente e se materializam em relações socioespaciais presentes. As memórias neste espaço podem ser encontradas na paisagem, nos discursos, no imaginário e nas representações sociais dos distintos segmentos sociais presentes.

Os indivíduos inseridos no espaço periurbano citado apresentam experiências outrora vivenciadas e agora transformadas em memórias que estão ligadas aos vários ciclos temporais que a região vivenciou, a saber: o ciclo dos engenhos, das atividades granjeiras, do surgimento dos condomínios e agora da intensificação da urbanização. Neste sentido pensar a identidade dos indivíduos em relação aos lugares onde estes estão inseridos é retomar as memórias que dão suporte a toda uma diversidade de significações e simbolismos desenvolvidos na apropriação do mundo vivido a partir das diversas experiências desenvolvidas ao longo de uma existência. Cabe, assim, uma investigação mais acurada sobre as memórias e as suas relações com as representações na constituição das identidades individuais e coletivas.

Em termos gerais, a palavra memória apresenta uma série de significados distintos, porém aqui adotam-se duas definições que se aproximam dos objetivos deste estudo. Em primeiro lugar a memória será definida como “faculdade de conservar ideias ou noções de objetos”, e em segundo lugar, aproximando-se de uma dimensão mais sensorial e subjetiva, a memória é entendida como “faculdade de reter ideias, sensações e impressões adquiridas anteriormente” (FERREIRA, 2001).

As ideias apresentadas reforçam a noção de que a memória apresenta uma dimensão simultaneamente individual e coletiva. Neste sentido, as representações sociais atuam como mediadoras na construção dos sentidos e significados de um segmento social a fim de construir uma memória social expressa nas práticas cotidianas, nos comportamentos, na cultura de um lugar e na memória social. A investigação das memórias tem como objetivo compreender as identidades resultantes num esforço de redescoberta do passado e, conseqüentemente, o seu reencontro no presente.

Cientificamente, principalmente na perspectiva da Sociologia e da Psicologia Social, a memória é concebida em função de seu caráter sociocultural. Desta forma, a recordação e a memorização são processos culturalmente construídos e que compõem a dinâmica da vida social de um grupo. Neste aspecto, cabe considerar que as memórias tanto individuais quanto coletivas também possuem um componente ambiental e/ou geográfico fundamental na significação do lugar.

A memória humana (individual) é um processo que apresenta-se através de um movimento coletivo, constituído culturalmente e que utiliza como suporte para sua estruturação signos simbólicos como, por exemplo, o discurso oral e escrito, e signos icônicos como, imagens, paisagens, monumentos arquitetônicos e outros. Desta maneira, a memória está presente através de um processo de ancoragem na comunicação cotidiana, na reprodução dos discursos, crenças e valores através de textos e na reprodução estética do espaço, etc. (BRAGA, 2000; GONDAR, 2005).

No periurbano, a memória individual preserva o contato direto dos sujeitos com os aspectos marcadamente bucólicos. Sendo predominante nestes espaços, em temporalidades que antecedem a expansão urbana espraiada, é nessas memórias onde os discursos evocam a funcionalidade de um espaço onde as atividades desenvolvidas remetem ao campo, ao rural e suas práticas, ao lazer e à vida em comunidade.

Semelhantemente à memória individual, a memória coletiva também apresenta-se como um fenômeno social e coletivo submetido a constantes transformações. Nesta perspectiva Pollak(1992) assevera que três elementos essenciais servem de apoio à memória: a) os acontecimentos vividos; b) as pessoas; c) os lugares. É a partir da interação destes três elementos que os vínculos de afetividade entre as pessoas e os lugares se desenvolvem. Esta memória coletiva representa a culminância das experiências espacialmente desenvolvidas no periurbano, as crenças e tradições, as festas, o ritmo de vida, o sentido ecológico presente em meio às urbanidades, dentre outros aspectos.

A respeito das recordações dos fatos registrados pela memória é importante salientar que a memória humana é seletiva e que geralmente os acontecimentos de maior relevância serão sempre evidenciados, podendo ser registros proveniente da própria experiência ou partilhados de experiências relacionadas aos antepassados. Na perspectiva de Braga (2000), os interesses, sentimentos e valores individuais ou coletivos afetam diretamente as recordações e a memória torna-se seletiva na proporção em que os pensamentos, sentimentos e ações de um indivíduo encontram respaldo nos meios e circunstâncias sociais em que o indivíduo estabelece um vínculo de identidade, conhecimento e convivência. Ou seja, a recordação " só é possível se as pessoas fizeram ou ainda fazem parte de um mesmo grupo social." (BRAGA, 2000, p. 51).

As memórias individuais e coletivas são limitadas espacialmente e temporalmente, desta forma os acontecimentos históricos como, por exemplo as transformações espaciais ocorridas em Aldeia, funcionam como auxiliares da memória no sentido de dividir temporalmente as memórias adquiridas durante o desenvolvimento das experiências de um sujeito.

Relembrar o passado implica em relembrar também as histórias de outros indivíduos e uma memória coletiva repleta de sentimentos de pertencimento e identidades. São essas afetividades presentes nas interações e experiências desenvolvidas que fortalecem os vínculos e laços sociais estabelecidos em uma comunidade, e caracterizam os diversos grupos/segmentos sociais. Isso lhes garante a coesão necessária a seus respectivos campos comuns ou quadros sociais da memória. Nesta perspectiva os quadros sociais evidenciam os sistemas de valores, crenças,

interesses e outros aspectos que unem e fundamentam grupos de distintos segmentos: familiares, religiosos, de classe, dentre outros.

A memória enquanto construção social sofre modificações a partir das diversas experiências vivenciadas. A memória torna-se então uma combinação de construções sociais pretéritas que contém aspectos significativos do quadro comum presente de um determinado segmento social e está em constante reestruturação. Neste contexto, a ancoragem atua na transmissão das tradições através das experiências socialmente partilhadas em um grupo e evidenciam a importância de práticas sociais como, por exemplo, festas e costumes, para a construção de uma identidade do lugar.

Esta tradição/identidade transmitida pelas memórias compõe o quadro de referências de valores e sentidos socialmente partilhados e que é reconhecido como parte da cultura de um lugar. No periurbano este aspecto verifica-se nos hábitos culturalmente herdados, as cavalgadas, constituem um bom exemplo desta relação.

Jondelet (2002) afirma que as representações individuais ou coletivas apresentam um contexto espaçotemporal específico em relação a um determinado objeto, nesta perspectiva a autora considera que há três fatores que influenciam a construção de uma representação: a) a cultura; b) a comunicação; c) a inserção nos níveis socioeconômico, institucional, educacional e ideológico. Desta forma as representações representam "[...] uma forma de conhecimento socialmente partilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.". A consideração de Jondelet (2002) deixa claro a utilidade da representação de um segmento social de reafirmar os anseios, desejos e necessidades de um grupo, articulando diferentes saberes e contribuindo para a construção de uma identidade, configurando assim um modo de vida.

Para Moscovici (2003), a cultura e a linguagem estruturam o pensamento e evidencia que a força de uma representação social está diretamente relacionada à sua capacidade de reprodução/compartilhamento e consequente fortalecimento. Nesta perspectiva categorizar um objeto significa recorrer a um conjunto de representações presentes na memória e estabelecer uma atitude negativa ou positiva em relação a este objeto. Neste movimento a ancoragem e a objetivação constituem maneiras de lidar com a memória tornando familiar o que é estranho em um quadro comum e atuando no mundo

exterior ao tornar os objetos conhecidos a partir do que já é conhecido (MOSCOVICI, 2003, p. 63).

Na perspectiva de Sandra Jovchelovitch (2000), as representações sociais nascem e circulam em uma realidade intersubjetiva e é em um espaço de mediação (espaço potencial ou dos símbolos) entre o sujeito e alteridade, objetivando a compreensão do mundo em que as representações sociais se situam. Ou nas palavras de Moscovici (2003), as representações sociais são "[...] elos mediadores entre a causa real (estímulo) e o efeito concreto (resposta).

De forma conclusiva, Gondar (2005) pensa a representação social e a memória como complementares em um processo fundamental para a construção das identidades:

[...] as representações são apenas uma parte: aquela que se cristalizou e se legitimou em uma coletividade [...] é bem mais que um conjunto de representações; ela se exerce também em uma esfera irrepresentável: modos de sentir, modos de querer, pequenos gestos, práticas de si, ações políticas inovadoras [...] podemos articular o afeto e a representação na produção da memória como partes integrantes de um mesmo processo [...] é algo mais que uma ideia genérica e instituída que se impõe a nós: todas as representações são inventadas e somos nós que as inventamos, valendo-nos de uma novidade que nos afeta e de nossa aposta em caminhos possíveis [...] essa invenção se propaga, se repete e transforma-se em hábito. É a partir desses hábitos, os homens se tornam semelhantes. (GONDAR, 2005, p. 24-25).

A memória social e as representações estão incutidas na cultura popular e é a partir da comunicação, da oralidade, que estas são expressas e revelam as identidades que fortalecem e dão sustentação a um mundo vivido onde as experiências geográficas se desenvolvem. O compartilhamento das memórias e representações perpassam gerações sendo transmitidos através do discurso e do senso comum, de pais para filhos, de indivíduo para indivíduo, de um grupo social para outro. Assim através da comunicação a memória social preserva e dá continuidade à identidade e valores culturais presentes em um espaço geográfico.

A respeito da importância da memória para a construção das identidades, Souza (2014) afirma que:

Rememorar é muito mais do que trazer o passado para o presente, trata-se de um instrumento para reavaliações, revisões, autoanálise,

autoconhecimento e é por este caminho que a memória alcança a identidade, sendo fator chave em sua (re)construção. Memória e identidade se juntam no discurso na medida em que ambas são construções discursivas. Ao narrar-se, o sujeito mobiliza seu arsenal de experiências; põe em ação tudo o que o constitui para construir uma narrativa de si e consolidar um novo Eu. Essa narração reorganiza as experiências e os significados, fazendo surgir um Eu ancorado nessa nova ordem. (SOUZA, 2014, p.91).

O Eu, a identidade, construída a partir da interação entre diferentes sujeitos e grupos sociais por meio da reprodução dos discursos, das relações dialógicas, da disseminação do senso comum. Este senso comum mescla experiências distintas e promove o surgimento de novos quadros de referência sendo a expressão da ancoragem, da materialização do que antes era externo e pertencente ao outro, mas que através do movimento realizado entre a memória individual e social, as experiências do mundo vivido, as representações construídas e os sistemas de valores, crenças e interesses de um indivíduo/grupo, permitem a construção de identidades, não uma, mas várias que se (re)constroem ao longo do tempo em um determinado espaço.

A identidade não deve, então, ser investigada a partir de uma ótica individualista do sujeito em que ocorre a constituição de um núcleo interior que acompanha o sujeito ao longo de toda sua existência, mas a partir de uma concepção que permita a interação entre o interno e o externo, entre o eu e a sociedade. A propósito disso Hall defende que

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num dialogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. (HALL, 2006, p. 11-2).

As considerações apresentadas por Hall (2006) dialogam com a perspectiva de Souza (2014) ao afirmar em que no contexto pós-moderno não há identidade fixa, essencial ou permanente, não há um sujeito cartesiano dotado de uma identidade unificada e estável, mas um sujeito “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas”(HALL, 2006, p. 12). Nesta perspectiva, as identidades tornam-se fluidas, continuamente transformadas ao se depararem com os quadros de referências e sistemas socioculturais que cercam os indivíduos e é historicamente construída.

No âmbito das representações sociais, a análise da abordagem societal de Willem Doise sugere a investigação entre os grupos e indivíduos, bem como a análise dos sistemas de crenças, representações, avaliações e normas sociais. As representações reafirmam o caráter de que as identidades se constituem sempre em relação ao outro e ao grupo, sendo a alteridade um elemento constituinte do sujeito, não existindo, portanto identidades consolidadas como afirma Hall (2011), " [...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. É apenas por meio da relação com o Outro [...] que o significado [...] pode ser construído".

3.4 O MUNDO VIVIDO E PERCEBIDO PELAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM ALDEIA: DIRECIONAMENTO PARA O INQUÉRITO DA APA ALDEIA BEBERIBE

Considerando que o lugar contém paisagens e, que o mundo vivido geográfico congrega a dimensão simbólica e afetiva destas paisagens, juntando aspectos físico-naturais e construídos do espaço, pode-se considerar a existência de uma multiplicidade de lugares, no tocante ao sentido mais específico do mundo vivido. O primeiro contato com o objeto investigado, a APA Aldeia Beberibe, corrobora essa consideração, com diferentes lugares surgindo à significação dos diferentes grupos. Em termos de objetivos de UC corresponde a um espaço de proteção ambiental e remete à ideia de equilíbrio ecológico e harmonia. No entanto, na realidade da vivência e percepção material e simbólica apresenta-se muito distinto disso.

Um primeiro lugar que pode ser evidenciado no discurso dos moradores mais antigos da região é a conhecida Estrada de Aldeia ou PE 027. Esta desde sua construção, representa mais do que uma via de circulação. Constitui também um caminho ao longo do qual diversos outros lugares são revelados, a partir deste eixo principal é que se dá o contato inicial com os espaços construídos e equipamentos urbanos. Revela edificações mais antigas e que remetem à época das atividades granjeiras, bem como novos núcleos urbanos. Revela as áreas de produção de cana de açúcar, macaxeira e pequenas culturas familiares, bem como os fragmentos florestais protegidos por lei, mas que constantemente são alvejados pelo fogo e pelas invasões. Expressam-se também

espaços seletivos de exclusividade e lazer e com os contrastes sociais revelados em áreas como a zona rural do município de Araçoiaba onde a estrada termina.

Do ponto de vista do espaço periurbano no que tange à lógica de uso do solo pelas atividades caracteristicamente rurais os discursos e atitudes dos indivíduos entrevistados, revelam um misto de saudosismo com apelo ao bucólico e à negação do estilo de vida presente nas grandes metrópoles como Recife. Esta perspectiva é comumente adotada por indivíduos que vivenciaram os tempos áureos das atividades granjeiras e do lazer proporcionado pelas casas de campo. Desta forma o mundo vivido é evocado sob a referência de campo, tranquilidade, comunidade familiar, espaço produtivo e refúgio.

Chegamos em Aldeia de forma involuntária, pois precisávamos de um lugar para morar e no início da atividade imobiliária na região os preços e tamanho das propriedades eram bem mais atrativos em relação à hoje, naquela época não havia escolas, linhas telefônicas, serviço de coleta de lixo diário e os demais serviços que existem hoje... No comecinho Aldeia era carente de tudo, os vizinhos eram distantes e na estrada os carros demoravam muito tempo para passar... Hoje muita coisa mudou, mas Aldeia continua sendo o lugar de paz e tranquilidade, não tem a correria de Recife e proporciona ar puro e natureza. (Trecho de depoimento de um residente na APA há aproximadamente 40 anos).

Aldeia pra mim é sinal qualidade de vida, porque sempre foi um lugar onde a gente pode plantar, onde a gente acha água limpa e boa de graça, dá pra criar uns bichos, tem fruta o ano todo e a mata deixa os ar mais limpo... Se depender de mim eu nunca quero sair daqui. (Trecho do depoimento de uma moradora há 20 anos na APA).

Assim como os discursos revelam um ambiente bucólico e confortável que persistem na percepção dos moradores mais tradicionais, há também os que percebem a outra face do ambiente periurbano, ou seja, a dos usos cada vez mais acentuados em relação à lógica urbana. Nesta perspectiva o mundo das experiências revela-se como ambíguo e ambivalente, oscila entre a comodidade e o temor da degradação ecológica, crescendo-se a estes aspectos o desconforto com as modificações oriundas da intensificação das atividades comerciais, industriais e do aumento da população residente.

“Antes de morar em Aldeia eu residi na Zona Sul do Recife, era um inferno! Quando compramos uma casa aqui achei que os meus problemas tinham acabado... Ficou meio longe do trabalho, mas não havia o barulho do trânsito, a violência, e os problemas que a gente vê lá embaixo... Hoje as coisas estão mudando. Já tem trânsito, tá ficando perigoso, tão invadindo e queimando as matas e no fim de semana a agitação piorou muito. É bom e ruim ao mesmo tempo.” (Trecho do depoimento de um da APA há aproximadamente 10 anos)

“Quando meu pai comprou uma casa em Aldeia isso aqui era um breu, não tinha nada, a gente ia brincar na casa dos colegas de bicicleta e não tinha problema nenhum. Hoje minha mãe tem medo de me deixar sair porque tá tendo muito assalto.” (Trecho do depoimento de um adolescente residente na APA há 12 anos).

Ainda no tocante ao aspecto periurbano observa-se que Aldeia apresenta-se também como palco de oportunidades, tanto nas atividades caracteristicamente rurais, como nas consideradas tipicamente urbanas.

Desde novo meu pai trabalhava no corte da cana, quando ele arrumou um emprego de caseiro, a gente veio morar aqui... Hoje eu também trabalho aqui Vir para Aldeia foi bom porque a vida aqui é melhor que no interior vivendo do corte da cana. (Trecho do depoimento de um residente da APA há 19 anos).

Além do aspecto periurbano no sentido das práticas espacialmente estabelecidas em função dos usos do solo, o mundo vivido em Aldeia também pode ser percebido em relação ao apelo ecológico, principalmente depois da criação da Unidade de Conservação, este aspecto é revelado através das atitudes dos moradores e visitantes que apresentam uma série de crenças e uma postura afetiva positiva em relação ao meio ambiente.

Quando chegamos em Aldeia há uns quarenta anos fazia tanto frio por causa da mata bem mais conservada que algumas casas tinham até lareira, acredita? Hoje o clima ainda é melhor que Recife, mas tá mais quente... Acho que isso acontece por causa da destruição da mata... Aldeia é o pulmão de Recife, a gente tem que fazer alguma coisa para proteger o meio ambiente aqui. (Trecho do depoimento de um residente na APA há 40 anos).

O último aspecto que evidenciamos em relação ao mundo vivido de Aldeia é completamente relacionado ao aspecto simbólico e afetivo, nesta perspectiva Aldeia foi e continua sendo um aconchegante e acolhedor lar.

Aqui praticamente todo mundo se conhece da igreja, da escola, do boulevard, das festas, principalmente o São João e o Carnaval, do condomínio ou de frequentar algum bairro aqui perto... Pra mim isso é bom porque a gente constrói amizades e isso faz a gente se sentir em casa, mesmo fora de casa... Minha avó mesmo conhece todo mundo aqui! (Trecho do depoimento de uma moradora na APA há 15 anos).

O mundo vivido e experienciado em Aldeia é múltiplo em sentido e significados. Neste contexto, as representações que se constroem a respeito do ambiente experienciado revelam atitudes predominantemente positivas em relação aos lugares identificados, bem como uma crescente preocupação com a manutenção de tais aspectos materiais e simbólicos. Verifica-se no discurso dos indivíduos uma Aldeia que é morada, fonte de subsistência, lugar de oportunidades, sinônimo de tranquilidade e equilíbrio.

Assim, a partir deste primeiro contato fica claro que definir as representações sociais pertencentes a distintos grupos implica em definir claramente as dimensões principais dos discursos analisados. Esta delicada missão será conduzida à luz da Abordagem Societal de Willem Doise e cotejada mediante a concepção de ancoragem fornecida por Serge Moscovici.

Enquanto direcionamento metodológico, o objetivo pretendido é identificar como dois segmentos sociais distintos representam em seus discursos a UC enquanto objeto de investigação, cenário de transformação socioambiental e mundo vivido que abriga aspectos subjetivos e simbólicos essenciais à manutenção de suas representações e identidade. Os segmentos sociais aqui investigados constituem moradores das áreas residenciais de condomínios da região de Aldeia (grupo A) e moradores das comunidades presentes na mesma região (Grupo B).

A divisão da amostra de entrevistados em duas categorias ocorre com a finalidade de estabelecer um perfil mais homogêneo possível no que diz respeito aos comportamentos e atitudes verificadas, partido do princípio de que os processos que o

indivíduo dispõe para funcionar em sociedade são orientados por dinâmicas sociais (interações, posicionamentos, valores e crenças em geral).

O conjunto de crenças, valores, representações, significações, interesses etc, compõe o que os psicólogos sociais denominam de sistemas, estes, por sua vez, abrigam e são constituídos por sistemas cognitivos ou meta sistemas sociais, que atuam dentro do sistema, desta forma a representação social atua como princípio organizador das relações simbólicas e de tomadas de decisões.

Além dos sistemas, o campo/quadro comum de representações é um importante aspecto das representações sociais do ponto de vista da abordagem societal, servindo de base para distintas tomadas de posições. Nesta perspectiva, os indivíduos possuem distintas experiências em um mundo vivido, mas elementos comuns dessas experiências são tomados como pontos semelhantes que irão compor o quadro de referência para o campo comum das representações sociais em um mesmo segmento social. No tocante ao campo/quadro comum das representações socialmente partilhadas, a partir do momento em que as representações são questionadas e submetidas a um conflito surgem novas representações, sendo o conflito o fio condutor na reformulação de novas representações.

Considerando os sistemas e o quadro comum das representações sociais de um grupo, bem como os conflitos ocorridos que geram novas representações, pode-se considerar que as representações sociais coletivas (pertencentes a um mesmo campo comum) criam e reforçam as identidades socialmente partilhadas, são princípios organizadores de tomada de posição, constituindo um mecanismo de regulação social.

A partir da integração dos níveis de análise interindividual e intergrupar percebe-se que tanto no grupo A quanto no grupo B os sistemas e os quadros comuns das representações sociais apresentam características homogêneas relativas a cada um dos grupos investigados a partir de seus respectivos discursos.

Os discursos encontrados no grupo A revelam um sistema e um quadro comum de representações que concebem Aldeia como:

- “Área legalmente protegida”;
- “Meio ambiente submetido a transformações e que necessita de cuidados”;

- “Ambiente portador de identidade afetiva construída a partir de seus atributos naturais”.

As representações elegidas situa-se no nível intergrupar no que se refere ao grupo A e são aqui evocadas por apresentarem um alto nível de repetição dentro de um mesmo grupo social investigado, este aspecto revela uma nítida influência de motivações, significados, crenças, cultura etc, que orientam o desenvolvimento de atitudes positivas em relação ao objeto de representação aqui abordada, a UC. No contexto apresentado a representação positiva, bem como suas condutas apresentam um aspecto intrigante, uma vez que a externalização de atitudes não condizentes com os comportamentos estabelecidos.

A análise intergrupar aplicada ao grupo B revela, de forma semelhante, que os sistemas e quadros comuns das representações sociais presentes neste segmento social estruturam-se a partir de uma perspectiva coerente que possuem como referência os significados, valores, necessidades, características culturais entre outros aspectos. Na perspectiva apresentada as principais representações evocadas que correspondem a UC são:

- “Ambiente protegido por lei”;
- “Área em processo de transformação e que gera oportunidades “;
- “Fonte de subsistência “;
- “Área carente e degradada “.

Verifica-se em B uma maior inclinação para a dimensão socioambiental das modificações ocorridas na UC em uma perspectiva de mundo vivido geográfico que também apresenta espaços construídos e espaços naturais que são modificados gerando uma significativa alteração dos lugares. De forma ampla as representações sociais de B se apresentam como positivas, mas as condutas são fortemente influenciadas por aspectos culturais como a caça e extração ilegal de recursos naturais, desta forma pode-se considerar que a inclinação no sentido de perceber a necessidade de conservação existe, mas a sensibilização ambiental atua como fator preponderante que precisa ser reforçado visando a garantia de hábitos e condutas sustentáveis.

3.5 A complementaridade técnica: a interpretação das subjetividades através da análise de dados textuais

Nesta pesquisa os discursos dos sujeitos constituem a fonte primordial de informações. A princípio o esforço interpretativo é capaz de revelar as subjetividades contidas nas relações socioespaciais, imputando às análises um caráter essencialmente qualitativo, entretanto, ferramentas computacionais podem ser utilizadas para extrair dados de cunho estatístico que reafirmam as conclusões obtidas mediante o esforço hermenêutico. O emprego de ferramentas computacionais neste trabalho reafirma a ideia de complementariedade dos aspectos qualitativo e quantitativo da pesquisa.

Para analisar os discursos coletados foi utilizado o software Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), esta ferramenta realiza diferentes processamentos e análises estatísticas de textos, tais como: estatística textuais clássicas, pesquisas de especificidades de grupos, classificação hierárquica descendente, análise de similitude e nuvens de palavras.

Neste estudo optou-se pela nuvem de dados como forma de processamento dos textos produzidos a partir das entrevistas e diálogos, esta opção ocorreu em virtude de se tratar de uma representação gráfica e estatística de fácil compreensão ao leitor, permitindo uma melhor interpretação dos discursos.

A nuvem de dados agrupa graficamente as palavras de acordo com a frequência em que elas aparecem nos discursos de um arquivo chamado de corpus textual e que é composto pelos textos gerados a partir das transcrições das entrevistas. Assim, mediante a frequência em que as palavras são evidenciadas é realizada a análise lexical dos discursos, ou seja, ocorre o cruzamento de informações de cunho estatístico (quantitativo) e textual (qualitativo), superando as relações dicotômicas.

Partindo destas considerações foi gerada a nuvem de dados relativa aos discursos coletados e selecionados com o objetivo de, através da repetição das palavras e da interpretação, melhor compreender quais as memórias e identidades que caracterizam aldeia enquanto mundo vivido, quais os novos sentidos criados a partir das

transformações observadas e como tais sentidos implicam na reconfiguração das percepções, atitudes e representações dos sujeitos.

A primeira nuvem de dados tem por base o inquérito das relações subjetivas e de afetividades desenvolvidas a partir das experiências pretéritas. É importante salientar que, a nuvem de dados representa o consenso dos diferentes seguimentos sociais aqui analisados e que as palavras que obtiveram maior frequência de repetição, refletem uma forma de conhecimento do senso comum voltada para a interpretação do mundo e que orienta a comunicação e as relações nos níveis grupais e intergrupais.

Na análise de Aldeia enquanto mundo vivido, a partir das experiências pretéritas e das memórias, as palavras que apresentam maior destaque e grau de repetição evocam os sentidos ecológicos, bucólicos e de aconchego, ou seja, reforçam a ideia de Aldeia enquanto lugar, enquanto ambiente onde as relações de pertencimento e de afetividade foram estabelecidas com base nos atributos físicos e culturais criadores de uma identidade e de vínculos afetivos.

Com base nas memórias e experiências vivenciadas percebe-se que o mundo vivido de Aldeia é interpretado e comunicado através das relações afetivas e de comunidades evidenciadas através da palavra “gente”, que assume a posição central no que se refere a frequência de repetição. Assim, Aldeia revela-se como ambiente de vida em comunidade, onde o cotidiano das festas, das tradições familiares, da vida bucólica é reforçado.

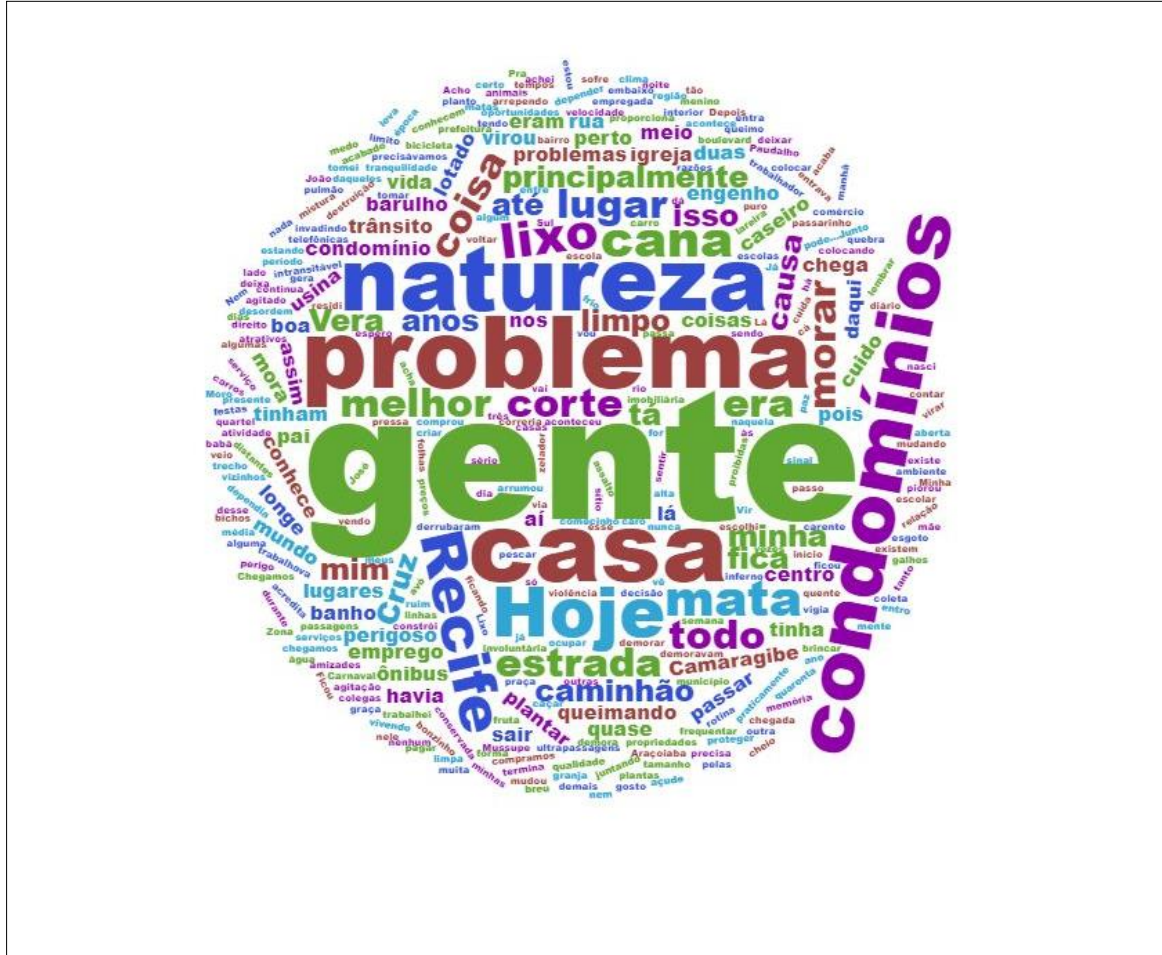
Assim como as relações pessoais cotidianas, a ideia de natureza e o apelo ecológico e bucólico é igualmente reforçado através da frequência de repetição do vocábulo “ambiente”, nesta perspectiva pode-se estabelecer uma relação direta com outros vocábulos, tais como: tranquilidade, qualidade, natureza, dentre outros que evidenciam os sentidos de Aldeia como um refúgio ecológico e como ambiente ligado às tradições campestres.

Ainda no que se refere as formas de conhecimento e interpretação do mundo vivido em Aldeia, ou seja, nas representações sociais construídas através das experiências pretéritas, as palavras “lugar”, “casa” e “viver” estão relacionadas e evocam o sentido de lar, de ambiente seguro e pautado em uma lógica de afetividade.

Novos contextos, como a intensificação da periurbanização, a degradação da qualidade ambiental e outras transformações de cunho socioambiental são evidenciadas através da frequência elevada de palavras como “problema”, “lixo”, “condomínio”, dentre outras com menores frequência de repetição.

Observa-se na nuvem de palavras gerada a partir dos discursos dos sujeitos que experienciam Aldeia, tanto dos espaços de exclusividade, como das áreas periféricas, um consenso para a inserção de novas interpretações espaciais e, conseqüentemente, novas formas de comunicar as vivências cotidianas. Nesta perspectiva, Aldeia adquire paulatinamente os aspectos negativos das urbes, assim, os vocábulos com elevada frequência revelam uma Aldeia que não se restringe apenas ao ambiente ecologicamente equilibrado e bucólico, mas que assume cada vez mais sentidos urbanos em função do movimento de expansão dos limites da cidade em direção ao campo, fato que se comprova com a frequência de repetição da palavra “Recife” (Figura 16).

Figura 16 - Nuvem de dados sobre representações sociais atuais de Aldeia



Fonte: A autora, organizado com base no software Iramuteq

4 PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES DO MUNDO VIVIDO EM ALDEIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS

A síntese das vivências e experiências espacialmente localizadas no recorte investigado se traduz na análise do meio socioambiental, das interações desenvolvidas entre sujeito e ambiente através das percepções, representações e identidades e que resultam em condutas e comportamentos sobre o meio ambiente natural e social.

Balizado nestas considerações, o capítulo é estruturado a partir da interpretação dos discursos e comportamentos verificados no inquérito das relações socioambientais desenvolvidas no interior da APA Aldeia Beberibe. Tem como referência o percurso realizado nos levantamentos empíricos, a abordagem das representações sociais, associados às diversas formas e funções identificadas no mundo vivido de Aldeia.

4.1 MEMÓRIAS, IDENTIDADES E PERCEPÇÕES DOS GRUPOS SOCIAIS ANALISADOS

A análise das memórias e das experiências dos indivíduos inseridos no espaço periurbano de Aldeia, e que vivenciaram as transformações espaciais aí ocorridas em diferentes níveis de intensidades dialogam com os referenciais teóricos apresentados. A região de Aldeia em toda sua extensão abriga inúmeras representações e identidades constituídas a partir de das relações sociais cotidianas desenvolvidas entre os sujeitos que vivem neste espaço. Desta forma, verificam-se distintos segmentos sociais cujos valores e interesses se comunicam através da reprodução dos discursos, legitimam identidade e criam novas com base nas memórias e nas experiências do presente.

No sentido de encontrar uma ou várias identidades para esta região, alguns questionamentos foram levantados objetivando o alcance destas identidades e a partir delas a observação dos valores, sentimentos e condutas dos sujeitos; que, por sua vez, implicam em comportamentos de ordem física e simbólica, seja no sentido de preservar ou de alterar as condições físicas e naturais deste espaço. Neste aspecto, partindo do princípio de que as identidades contribuem, ou não, para a preservação do ambiente torna-se indispensável o conhecimento das seguintes questões: a) Quais as memórias individuais e coletivas presentes nos grupos sociais investigados na área? b) As

memórias dos grupos se comunicam no sentido de reafirmar uma representação e então construir uma única identidade? c) Como, através das memórias, o passado permanece incutido no presente?

Ao questionar as memórias dos grupos sociais estudados observou-se uma afinidade com as representações sociais investigadas, de forma que no grupo A verifica-se uma forte inclinação para as memórias que remetem às experiências relacionadas à vida no campo e que dizem respeito às atividades dos engenhos, fazendas e granjas, bem como às atividades relacionadas ao lazer e contato com a natureza no sentido ecológico e imobiliário. Tais memórias estão relacionadas a uma funcionalidade tipicamente rural/bucólica do periurbano e parte de indivíduos cujas experiências são resultados de uma descoberta da Região de Aldeia motivada pela dinâmica centrífuga da metrópole Recife em busca do campo. Dinâmica esta que, com o passar do tempo, incorporou a necessidade da exclusividade espacial e das comodidades urbanas.

No grupo B predominam as memórias de Aldeia enquanto espaço de oportunidade, tanto no aspecto rural das atividades desenvolvidas nos engenhos, usinas, fazendas e granjas, quanto nas áreas urbanas a partir das transformações proporcionadas pela intensificação da urbanização no ambiente. Além desse aspecto também são frequentemente relatadas as memórias relacionadas à natureza e ao sentido ecológico, constituindo assim um espaço de subsistência e lazer. É interessante ressaltar que neste grupo a origem dos indivíduos está em sua maioria relacionada aos ambientes periféricos da região, como as áreas rurais de Araçoiaba, Paudalho, Igarassu e municípios vizinhos. Nesta perspectiva, o fator de atração para os centros tipicamente urbanizados constitui a oportunidade de emprego e moradia a um preço acessível. Estes aspectos impulsionam o movimento das bordas em direção ao centro gerando pressões ecológicas e sociais como as apresentadas no capítulo 1.

Em ambos os grupos investigados memórias relacionadas à acessibilidade da região foram registradas a partir de diferentes perspectivas. Em um primeiro momento, tanto o grupo A quanto o B, rememoram Aldeia com saudosismo da época em que a “estradinha de terra”, e posteriormente de pedras, margeada pela mata era tranquila e não se ouvia o barulho do tráfego intenso dos veículos. A acessibilidade era considerada difícil por se tratar de um ambiente em que poucas pessoas tinham residência fixa. O

transporte público não era um serviço disponível e as caminhadas e o uso de animais para transporte eram uma realidade comum na região. Em uma outra perspectiva, o início das transformações urbanas na região reforçou a noção de local de difícil acesso, fato que foi e é evidenciado através do aumento populacional na região e da precarização do serviço público de transporte.

Verificou-se em campo a existência de duas alternativas de transporte público para os moradores inseridos no recorte estudado. A primeira alternativa é o transporte intermunicipal representado pelas linhas Vera cruz – TI Camaragibe, Chã de Cruz – TI Camaragibe e Araçoiaba – TI Camaragibe. No município de Araçoiaba verificam-se outras alternativas de transporte intermunicipal cujo fluxo não percorre a totalidade dos municípios presentes na APA. A segunda alternativa verificada diz respeito ao transporte complementar municipal. Em Camaragibe, município que concentra maior parte da população, até o ano de 2016 o transporte era realizado através de kombi e microônibus, atualmente a frota foi renovada operando apenas com ônibus, fato que gerou melhoria significativa para os usuários.

Tanto em relação ao transporte municipal quanto ao intermunicipal as queixas e preocupações apresentadas nos diálogos se assemelham. A espera, as condições de manutenção e o acesso precário em algumas áreas, como na Zona Rural de Araçoiaba, constituem os problemas mais relatados (Figura 15).

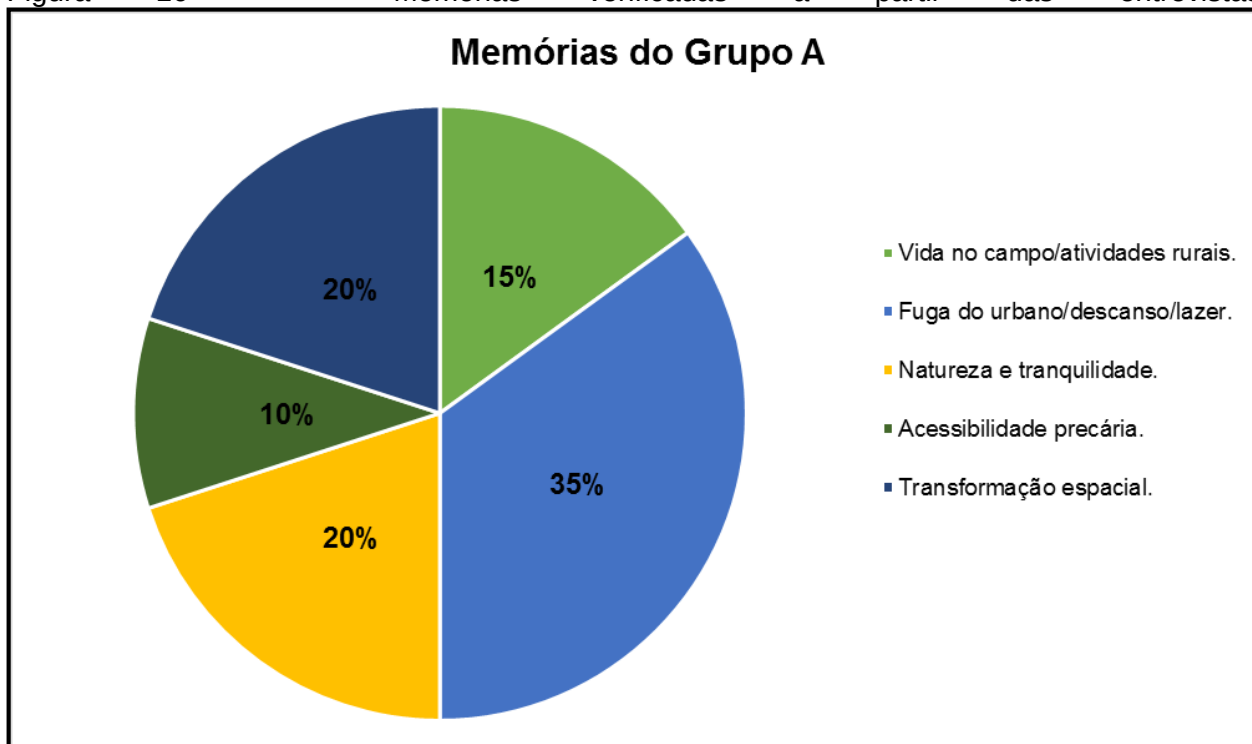
Figura 15 - Ponto de ônibus e transporte intermunicipal na zona rural de Araçoiaba



Fonte: Elidiane Amancio, 2016.

As memórias registradas no grupo A estão relacionados a temas como: vida no campo e atividades rurais; fuga do urbano, descanso e lazer; natureza e tranquilidade; acessibilidade precária e transformação espacial. As memórias foram relatadas por moradores de condôminos e granjas da região cujas experiências variam no sentido histórico-temporal. Desta forma há vivências que se desenvolvem há aproximadamente 45 anos e experiências recentes de indivíduos inseridos na região há aproximadamente 2 anos. Com isso, as memórias averiguadas através dos discursos neste grupo revelam uma forte inclinação para questões relacionadas à recreação e lazer e ao potencial ecológico da região como evidenciado no gráfico abaixo (figura 16).

Figura 16 - Memórias verificadas a partir das entrevistas



Organização: Elidiane Amancio, 2017.

No grupo A foram entrevistados 20 indivíduos pertencentes a um mesmo segmento social e que partilham de valores, crenças e interesses semelhantes. As respostas obtidas em relação às memórias individuais durante os diálogos apresentam uma forte relação com as representações sócias de Aldeia, apresentadas no segundo capítulo. Ou seja, enquanto área protegida e ambiente com atributos naturais diferenciados, no sentido de ambiente exclusivo; área “rural e natural” que evidencia o papel das representações, atuando como mediadora na construção de uma memória social ou coletivas como defende Gondar (2005).

Ao serem questionados sobre as memórias que guardavam de Aldeia a partir das experiências desenvolvidas, pode-se verificar que a memória do rural atribuída no passado, onde predominavam os usos tipicamente rurais ainda influenciam fortemente as experiências desenvolvidas no presente, bem como as memórias relacionadas ao lazer:

“Cheguei em Aldeia muito pequeno e pude observar as várias transformações que esse lugar passou... antigamente aqui tinha muita

fazenda e a vida da gente era ligada a essa rotina do campo... Sempre gostei desse ambiente mais quieto e limpo, se dependesse de mim eu nunca sairia daqui, nem para ir ao Recife...Aldeia pra mim é essa tranquilidade, é meus pássaros, minhas plantas, o ar puro... É essa paz aqui.” (Depoimento de morador de granja residente na área há 36 anos).

“Hoje eu estou com 27 anos e decidi morar aqui, embora meus pais morem em Recife, então tenho duas casas... O que me trouxe pra cá, além do trabalho, foram as memórias que eu construí na minha infância, pois meu pai tinha casa em um condomínio aqui e todos os finais de semana estávamos aqui e era ótimo, pois tinha o contato com a natureza e o lazer, coisa que não era possível em um apartamento” (Depoimento de moradora da região há aproximadamente dois anos).

Os relatos citados ilustram as frequentes memórias e as tradições construídas e que são ancoradas nos quadros de referências atuais. As análises dos discursos entre os indivíduos revelam que embora as mudanças ambientais sejam significativas e na atualidade o apelo ao luxo e a exclusividade tenha sido colocado em destaque, os sentimentos, os anseios e os laços afetivos estabelecidos para com o lugar inserem o passado no presente a partir da reafirmação das memórias e experiências desenvolvidas. Em contrapartida pode-se considerar a união entre os laços afetivos desenvolvidos e as transformações relacionadas às funcionalidades residenciais um fator de propulsão para o desenvolvimento cada vez mais crescente de espaços que unam a ideia do bucólico/campestre ao residencial/exclusivo – fato que se observou de forma intensiva no município de Paudalho (Figura 17).

Figura 17 - Vista dos aspectos bucólicos de condomínio localizado em Paudalho



Fonte: Elidiane Amancio, 2016.

Enquanto ambiente periurbano, as transformações espaciais e a intensificação da urbanização não foram, pelos discursos locais, suficientes para suprimir o aspecto campestre da região estudada. Esta memória construída com base em um quadro de referência onde os valores ecológicos e os interesses, quase sempre imobiliários predominam, reforçam o sentimento de pertença e fortalecem os sistemas de crenças, valores. Tais sentidos lembra as considerações de Pollak (1992) para quem as memórias, como as apresentadas, são individuais e tomadas para referenciar o quadro de representações de um grupo específico e, neste sentido, dão sustentação às memórias coletivas deste grupo.

No tocante à coletividade das memórias e das representações, percebe-se que a memória social pertencente a este grupo é construída a partir de distintas temporalidades, como na perspectiva de Jondelet (2002). Desta forma, representações pretéritas, como as de um ambiente rural/campestre, e atuais, como a de um ambiente em transição com múltiplos usos e funções, se mesclam resultando em discursos que evidenciam um espaço híbrido, mas que necessita de proteção, pois é singular e

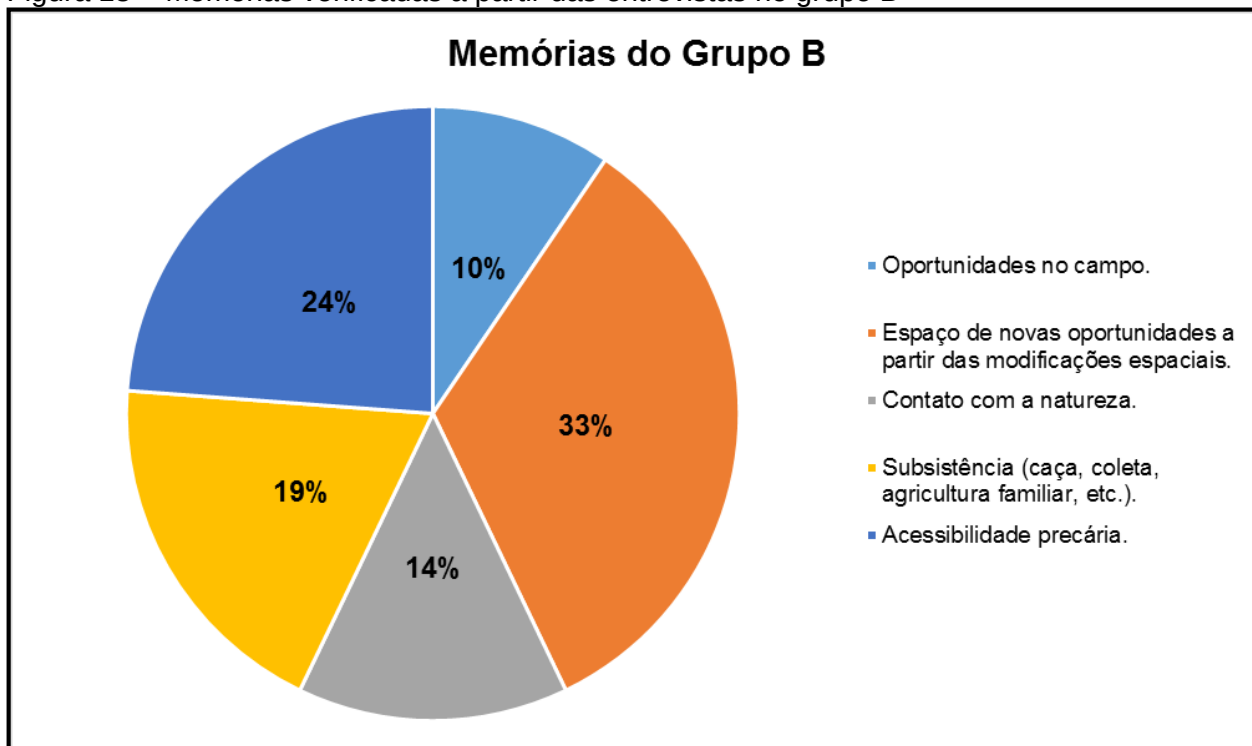
mantenedor de serviços ambientais indispensáveis a uma boa qualidade de vida. Neste sentido, há sim uma memória coletiva pertencente a este grupo, uma memória que é construída a partir de várias memórias e que resulta em identidades por vezes contraditórias.

O mesmo questionamento apresentado ao grupo B revela diferentes respostas, uma vez que os sistemas que servem de base e referencial para as experiências, representações e memórias são distintos. Porém ainda verifica-se neste grupo a ancoragem de representações apropriadas a partir das relações socioculturais desenvolvidas e das memórias comunicadas e que reforçam as tradições campestres e ecológicas locais.

Assim como no primeiro grupo investigado, neste a amostra analisada totalizou 20 indivíduos e a coleta das informações ocorreram através de conversas informais pautadas em uma relação de empatia para com os entrevistados.

O grupo B é notadamente mais diversificado. Neste inserem-se pessoas em busca de oportunidades oriundas de áreas do Agreste Pernambucano e da Zona da Mata, bem como da Região Metropolitana do Recife. Além dos que chegaram a este espaço em busca de oportunidades, verifica-se também um pequeno grupo, que, assim como o primeiro, opta por esse espaço motivados pelo desejo de vida em um ambiente com melhores condições ambientais, mas que diante da impossibilidade de se instalar em áreas onde predominam os espaços dos condomínios residenciais optam por residir nas comunidades presentes na região. Nesta perspectiva, as principais memórias verificadas estão relacionadas às oportunidades surgidas a partir do processo de periurbanização e aos atributos físicos naturais da região.

Figura 18 - Memórias verificadas a partir das entrevistas no grupo B



Organização: Elidiane Amancio, 2017.

Os indivíduos inseridos no grupo B, quando questionados sobre suas memórias em relação ao lugar apresentaram respostas que remetem a distintas representações, dentre as mais frequentes destacam-se os espaços de oportunidade, os recursos naturais e o potencial ecológico da região.

“A memória que eu tenho de Aldeia é da natureza no meu tempo de menino tomei muito banho de açude aqui... era tudo limpo, a gente entrava na mata para caçar passarinho, pescar, tomar banho de rio... Hoje ainda é limpo, mas a gente não entra mais porque agora ou é condomínio ou virou granja e o que ainda é mata aberta ficou perigoso... Mesmo estando mais agitado eu ainda gosto de Aldeia assim.” (Trecho do discurso de morador da região de Aldeia há 40 anos).

A partir do discurso apresentado é possível observar que mesmo diante das transformações físicas e ambientais, a memória do ambiente rural ainda apresenta uma forte marcação afetiva na memória individual construída. Esta memória construída a partir de um espaço de percepção segundo a perspectiva de Gomes (2006) é ancorada em um espaço de ação onde verifica-se cada vez mais a modificação das funções e

consequentemente das formas, sem necessariamente resultar na destruição das memórias pretéritas.

“Eu trabalhei muitos anos pra o engenho Mussupe com o corte da cana e hoje planto minhas coisas em casa e cuido das plantas aqui... Nem o engenho, nem o lugar da gente existe mais... Depois que virou a usina São José derrubaram tudo pra plantar a cana... Hoje eu cuido da igreja pra ocupar a mente e me lembrar daqueles tempos” (Trecho do discurso de um trabalhador da atual Usina São José).

O relato apresentado revela experiências que acompanham a evolução espacial da região, retorna ao período dos engenhos hoje refuncionalizados em usinas de açúcar e etanol, e exprime as memórias do homem cujas raízes estão nas atividades do campo, ou melhor, no meio ecológico manejado conforme Santos (1985). Neste contexto, o espaço em questão abriga fixos/formas que atuam como marco e referencial para a ancoragem do tradicional em um rural cada vez mais marcado por aspectos urbanos. O depoimento transcrito pode ser melhor entendido ao observar a imagem registrada durante as atividades de campo onde o relato acima foi registrado (Figura 19).

Figura 19 - Jardineiro e ex-funcionário da Usina São José



Fonte: Elidiane Amancio, 2016.

Além das memórias relacionadas ao campo no período das atividades dos engenhos, também verifica-se no discurso dos indivíduos a presença de memórias relacionadas às oportunidades proporcionadas pelos usos tipicamente urbanos, tais como as ofertas de empregos nos condomínios e granjas da região.

“A chegada dos condomínios foi a melhor coisa que aconteceu aqui... antes a gente dependia do corte da cana na usina e hoje a gente tem outras oportunidades pra ser caseiro, vigia, zelador, empregada, babá... Os trabalhador dos condomínios é tudo daqui! E outra coisa, o comércio aqui em cima só é bonzinho hoje por causa dos condomínios e também gera emprego pra gente.” (Trecho do discurso de um morador de Aldeia há 32 anos).

A memória individual de Aldeia enquanto espaço de oportunidade é construída a partir de experiências que se desenvolvem baseadas em um sistema social onde prevalecem os interesses individuais e coletivos de usufruir as oportunidades geradas visando à obtenção de uma melhor qualidade de vida (GONDAR, 2005; BRAGA 2000). Neste aspecto verifica-se um compartilhamento de representações entre indivíduos de grupos distintos que proporcionam a inserção de novas representações a partir do convívio e dos discursos disseminados pela comunicação. Assim, dentro de um quadro onde a princípio a preocupação com outras causas como, por exemplo, a valorização das causas ecológicas era colocada em segundo plano, muitas vezes por falta de informação e conhecimento, começam agora a assumir uma posição mais central no quadro comum deste grupo e é ancorada através de uma memória individual e coletiva que imprime ao presente as tradições ecológicas características das memórias antigas.

“Na minha memória eu tinha Aldeia como um lugar bom para descansar porque sempre foi muito calmo, mas eu gostava mais de Camaragibe onde eu estudava, pois lá tinha mais coisas para fazer... Eu não cheguei aqui por causa da natureza, mas por meu pai ser chamado para tomar conta da granja que a gente mora... Foi quando eu comecei a trabalhar em uma escola daqui que tive outra visão desse ambiente, pois se falava muito que era uma área importante por causa da natureza e foi isso que mudou o meu jeito de pensar em Aldeia.” (Depoimento de uma moradora de Aldeia há 14 anos).

Assim, os discursos apresentados entre indivíduos de um mesmo grupo apresentam observável coesão e reafirmam os sistemas de crenças que estes adotam. Verifica-se uma postura onde memórias individuais convergem para a construção de uma memória coletiva em que, mesmo com interesses não tradicionais ao lugar, o significado ecológico e a relação de afetividade para com a área tornam-se cada vez mais crescentes em função do compartilhamento de conhecimentos em um nível interindividual.

Assim como as temporalidades revelam distintas paisagens e experiências, também as memórias são mutáveis e não necessariamente se encontram fixas e consolidadas no imaginário dos grupos investigados. Este aspecto já foi evidenciado através das considerações teóricas tecidas por Hall (2006) e Moscovici (2003). Numa leitura periurbana, as interações entre pessoas através das relações socioespaciais, os acontecimentos do mundo vivido, tais como festivais, celebrações e a cultura local, e os lugares experienciados, como centro de compras, feiras e escolas, culminam na construção de uma memória intergrupar coletiva, uma vez que os indivíduos de distintos grupos convivem diariamente nos espaços de consumo/ação e nos espaços percebidos. No periurbano de Aldeia estas relações verificam-se cotidianamente nos espaços públicos como, por exemplo, no centro de compra Boulevard Mall que constitui um característico ponto de encontro para segmentos sociais do grupo B.

A memória coletiva gerada a partir das interações entre os elementos evidenciados por Pollak (1992) e descritos acima nos dois grupos, externam uma tendência de consolidação de uma identidade individual e coletiva onde Aldeia é apropriada no sentido afetivo e rememorada em função de seus atributos físicos e naturais. Mas as memórias recentes moldam paulatinamente esta identidade e indica uma possível transformação futura no sentido de uma identidade mais urbana, onde os aspectos bucólicos e ecológicos não possuiriam uma centralidade absoluta.

Em linhas gerais, as memórias comunicadas entre os grupos disseminam as representações pertencentes a eles e corroboram para a construção de uma identidade intergrupar. Assim, por um lado, o passado registrado na memória permanece vivo no discurso e na representação dos grupos sociais e encontram-se ancorados nas memórias, e por outro, sentidos urbanos adentram cada vez mais as significações dessa área. Estas memórias e novas significações evidenciam os valores, as significações, as

metas, os anseios dos sujeitos inseridos em um mundo vivido de experiências cotidianas onde a transformação do periurbano se expressa através da mistura do natural e do sociocultural, como na perspectiva de Hursel (1970) e Merleau-Ponty (1962), resultando em um espaço simbólico e em constante modificação.

4.2 EXPERIÊNCIAS, INTENCIONALIDADES, CONFLITOS E SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL

O mundo vivido é complexo e dinâmico, nele se desenvolve uma série de experiências sensoriais, cognitivas, afetivas e concretas no sentido material. As experiências desenvolvidas no mundo vivido geográfico estão associadas às distintas temporalidades e conseqüentemente se apresentam diante de nossos sentidos através de diferentes paisagens, sons ou ruídos, perfumes ou odores, texturas e sabores, tudo que nos rodeia é passível de ser experienciado.

As experiências não se desenvolvem de forma pura e alheia às influências externas, elas ocorrem em um contexto sociocultural determinando onde os indivíduos e/ou a coletividade se encontram, e é a partir dos sistemas sociais, dos campos comuns de representações, das memórias e das identidades que as experiências humanas encontram um sentido e uma significação em nossa existência. As experiências humanas são na perspectiva humanista fundamental para a definição das relações desenvolvidas entre o ambiente e o sujeito, é a partir destas que distintas formas de apreender e se relacionar com o meio são verificadas no contexto periurbano. Estas correspondem às perspectiva do sujeito em relação ao ambiente, ou seja, correspondem as distintas intencionalidades circunscritas nos espaços periurbanos que geram distintas formas de ocupação e uso espacial.

A diferenciação entre os usos do solo e as práticas espacialmente desenvolvidas exprimem as intencionalidades incutidas nas relações socioespaciais desenvolvidas neste ambiente. Neste contexto elas sintetizam os anseios, o afeto, os interesses, as atitudes, os comportamentos e, de uma forma geral, a perspectiva do sujeito em relação ao espaço geográfico.

As interações desenvolvidas no espaço vivido inevitavelmente resultarão, em maior ou menor grau, algum impacto ambiental. Entende-se por impacto ambiental:

“[...] qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente afetam: I – a saúde, a segurança e o bem-estar da população; II – as atividades sociais e econômicas; III - a biota; IV – as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; V – a qualidade dos recursos ambientais.”
(RESOLUÇÃO CONAMA 01/86)

Sanchez (2006) entende impacto ambiental como “[...] qualquer alteração da qualidade ambiental que resulta da modificação de processos naturais ou sociais, provocada por uma ação humana”. Neste sentido, o impacto ambiental pode ser classificado em relação a sua: - magnitude que compreende a diferença qualitativa ou quantitativa entre os valores que provavelmente assumiria um determinado parâmetro após uma dada ação, e os valores que seriam observados caso tal ação não tivesse ocorrido; - importância que compreende uma ponderação do grau de significação de um impacto em relação ao fator ambiental afetado e a outros impactos; - valor, podendo ser negativo ou positivo; - características de ordem podendo ser direto ou indireto; - características temporais ou dinâmicas, podendo ser imediato, de médio ou longo prazo, temporário ou permanente.

Os impactos ambientais são produtos das ações humanas e atingem não apenas a qualidade ambiental, mas o bem estar das populações e na perspectiva deste estudo as identidades ancoradas em memórias; neste caso, de um espaço pensado para ser saudável, equilibrado e sinônimo de conservação ambiental. A região de Aldeia revela-se, neste panorama, como um ambiente de impactos que estendem-se pelas esferas ecológicas, socioeconômicas e culturais evidenciando a necessidade urgente de ações voltadas para a sensibilização e conscientização ambiental, bem como as ações que garantam a fiscalização e proteção das áreas legalmente protegidas.

Por se tratar de uma região de grande extensão territorial as soluções para os problemas identificados, e que serão expostos adiante, estão longe de serem tornadas realidade, e esbarram constantemente na burocracia típica dos ambientes periurbanos. Estes aspectos burocráticos correspondem a coexistência de mecanismos legais e institucionais diversos que apresentam perspectivas de ação distintas e não se comunicam, como no caso do povoado de Chã de Cruz que está dividido entre dois

município (Abreu e Lima e Paudalho). Assim, abre-se espaço para o desenvolvimento de ações poluidoras ou potencialmente poluidoras em um ambiente carente da eficaz proteção garantida pelos mecanismos legais quando devidamente aplicados. Esta realidade foi averiguada na Estrada do Incra e relatada no capítulo 1 deste estudo.

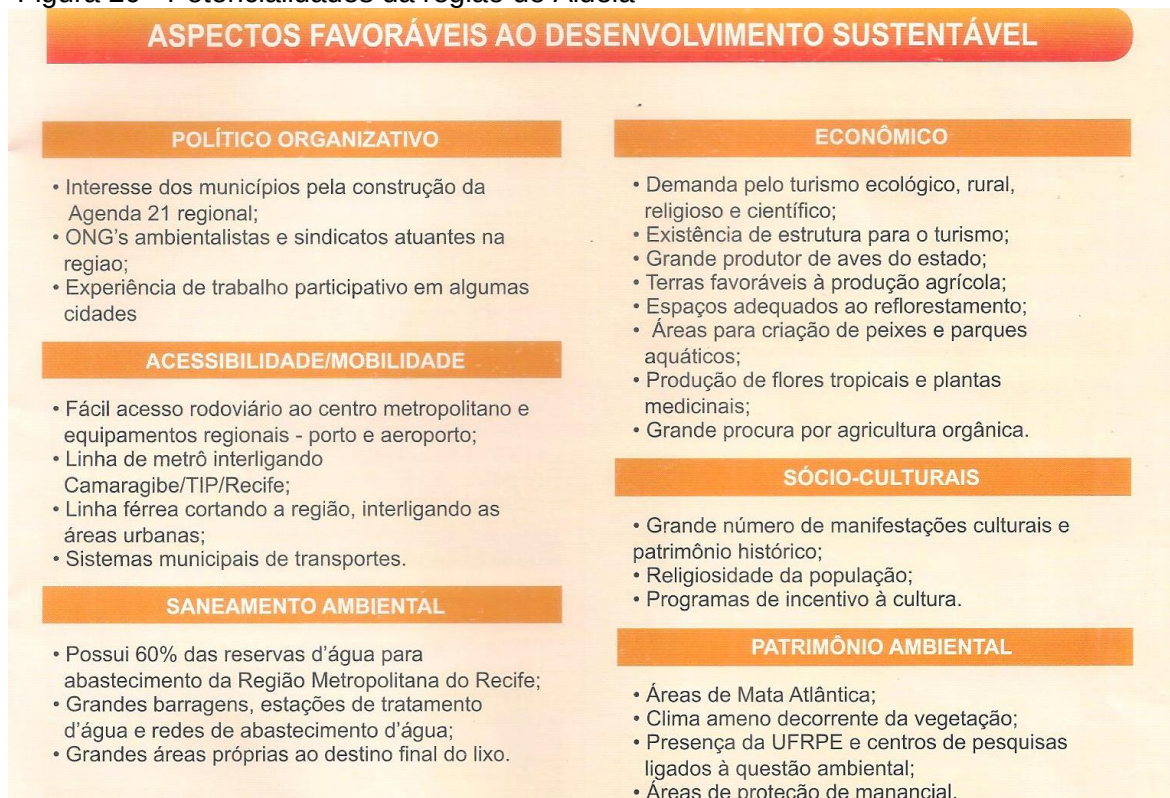
Em termos de ações coordenadas, visando a garantia de um ambiente ecologicamente equilibrado, verifica-se que a região em questão apresenta um importante plano de ação para coordenar os esforços voltados para a promoção de um “desenvolvimento sustentável”: a Agenda 21 da Região de Aldeia.

A agenda 21 surge a partir da Conferências Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – Rio 92, e objetiva a justiça social, a proteção ambiental e a eficiência econômica. Neste sentido é aconselhável que cada município ou região elabore sua própria agenda, levando em consideração suas culturas, identidades, particularidades de uma forma geral e principalmente suas prioridades. A Agenda 21 de Aldeia começou a ser estruturada no ano de 2001 e foi oficialmente publicada em 2008 após uma paralização das atividades em função das mudanças na gestão dos municípios envolvidos, esta apresenta como principais objetivos:

- A formulação de políticas públicas integradas que conduzam ao desenvolvimento sustentável;
- Proteger, preservar, conservar, e valorizar o patrimônio natural, cultural e construído;
- Criar relações de parceria entre a sociedade e governo, fortalecendo o exercício da cidadania.

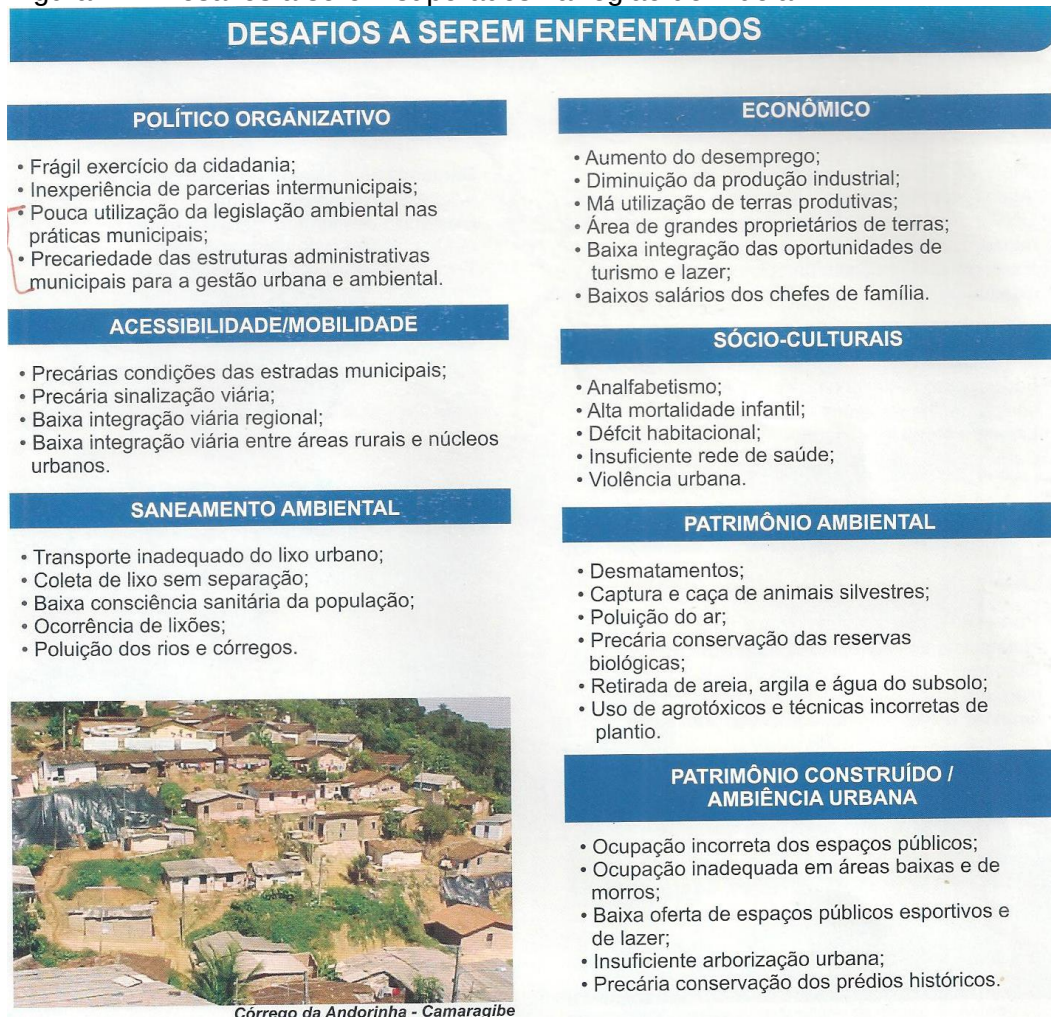
Na perspectiva dos objetivos apresentados foram definidos planos de ações e elencadas prioridades para o alcance de tais metas, estes aspectos foram pensados com base nos desafios e potencialidades identificados na região (Figura 20 e 21).

Figura 20 - Potencialidades da região de Aldeia



Fonte: Camaragibe, 2008.

Figura 21 - Desafios a serem superados na região de Aldeia



Fonte: Camaragibe, 2008

O quadro ambiental de potencialidades e desafios definidos na Agenda 21 permanece atual e cada vez mais presente no cotidiano e nas experiências desenvolvidas neste espaço. Nesta perspectiva, foram definidos eixos prioritários de ação que deveriam coordenar a gestão territorial e ambiental deste espaço, principalmente nos eixos de sustentabilidade ecológica e espacial, aspecto que dialoga com os objetivos deste trabalho (Quadro 3).

Quadro 3 - Prioridades ecológicas, espacial e de gestão sustentável

SUSTENTABILIDADE ECOLÓGICA	
Implantação/ ampliação da rede de esgoto	• Incentivo à projetos e pesquisas voltados para a questão; • Implantação de rede de esgoto e abastecimento; • Reestruturação e avaliação das redes já existentes.
Educação Ambiental	• Promover ações de sensibilização; • Conscientizar a população em relação ao uso de agrotóxicos e poluição dos recursos hídricos; • Criar núcleos de educação ambiental nas escolas e municípios; • Criação de agendas 21 escolares.
Ampliação/ implementação, conservação/proteção das áreas verdes	• Identificação e mapeamento das áreas verdes; • Criação de uma legislação específica; • Incentivo à construção de hortas e pomares urbanos; • Ações de reflorestamento e criação de corredores de biodiversidade.
SUSTENTABILIDADE ESPACIAL	
Espaço público de qualidade	• Manutenção e requalificação dos espaços públicos.
Implantação da Via-Parque na PE- 027	• Implantação de ciclovias e mirantes.
Melhoria da acessibilidade	• Melhorar as condições de circulação para pedestre e pessoas portadoras de necessidades especiais.

Fonte: Camaragibe, 2008. Organizado por: Elidiane Amancio.

A partir do quadro apresentado é possível a identificação de experiências/práticas socioespaciais desenvolvidas no espaço periurbano de Aldeia que demonstram que após nove anos de publicação da Agenda 21 da região os problemas relacionados à qualidade ambiental dos espaços urbanos e rurais acentuam-se e estão longe de alcançar uma solução.

Através de entrevista concedida à revista Algo Mais, cujo tema bastante sugestivo era: “Problemas atingem o paraíso”, o presidente do CODEAMA afirma que, no que se refere aos ambientes urbanos, os principais conflitos experienciados estão diretamente relacionados a dois fatores: a especulação imobiliária e o aumento das comunidades subnormais.

“Aldeia hoje é um caos urbano, tem mais de 40 condomínios. Só do lado esquerdo existem 25 de Camaragibe à Paudalho. Alguns são verdadeiras favelas elitizadas da especulação. Estima-se entre 20 mil a 25 mil pessoas morando em condomínios, afora loteamentos antigos e outras ocupações urbanas. Os córregos são tomados de moradias e as encostas também. [...] Estamos diante de um desastre. [...] Quando se compra um lote a primeira coisa a fazer é derrubar a jaqueira ou a mangueira para construir piscina.” (Algo Mais, 2016, p. 14-15).

Nesta perspectiva, os espaços urbanos da região de Aldeia carecem de serviços relacionados à coleta e destinação final de seus resíduos sólidos, sendo este um aspecto comumente evidenciado nos discursos dos entrevistados. O problema da destinação incorreta dos resíduos sólidos é percebido pelos indivíduos que convivem com este tipo de problema como uma prática danosa ao meio ambiente, mas que diante da falta de alternativa apresenta-se como única medida a ser adotada (Figura 22).

Figura 22 - Disposição de resíduos no limite municipal de Camaragibe e Paudalho.



Fonte: Elidiane Amancio, 2016.

A realidade ilustrada na imagem acima pôde ser verificada de forma ampla nas comunidades rurais e urbanas visitadas, constituindo uma das principais queixas apresentadas devido ao aspecto visual, ao odor gerado pela decomposição dos rejeitos e por contribuir para contaminação do solo e recursos hídricos na região. As atitudes e percepções referentes ao estímulo olfativo tem sido em geral verificada como negativa.

“Moro em Aldeia desde que nasci, hoje estou com 35 anos e o lixo sempre foi um problema presente na minha rotina, pois a minha casa está no limite entre Camaragibe e Paudalho, se eu colocar o lixo no outro lado da rua o caminhão não leva por ser outro município... O caminhão demora passar e a gente fica juntando o lixo em casa aí termina queimando ou colocando na rua o que também não é certo” (Trecho do depoimento de moradora de Aldeia há 35 anos)

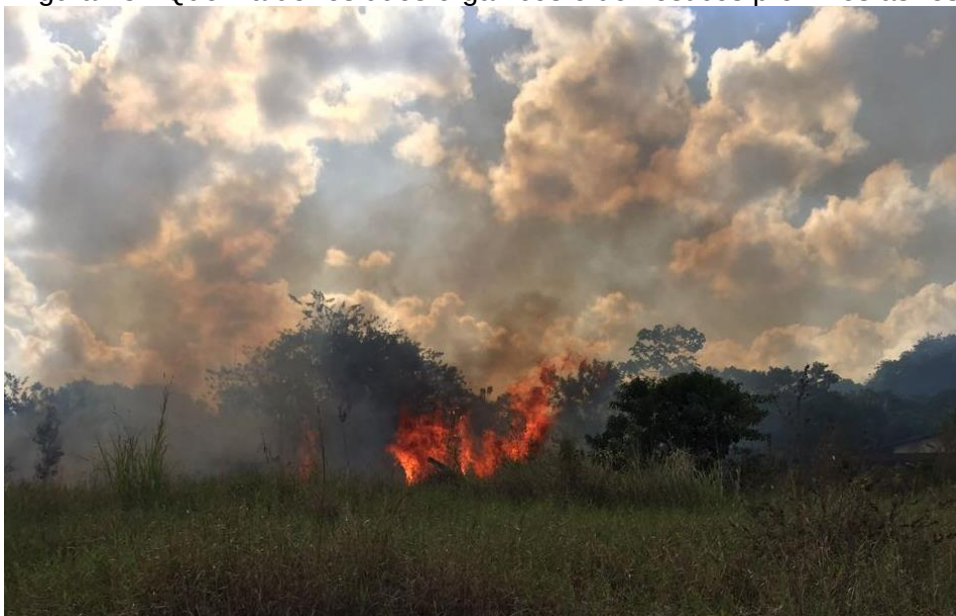
“Lixo e esgoto aqui em Aldeia é um problema sério, cada um cuida do seu... Lá no centro no Vera Cruz e nos lugares perto o caminhão ainda passa direito, mas a gente que mora em sítio ou nos lugares longe da estrada tem que se virar mesmo, cada um faz como pode...Junto tudo, folhas, galhos, o lixo de casa e queimo, sempre foi assim.” (Trecho de depoimento de morador residente em Aldeia há 40 anos).

Assim como a destinação inadequada dos resíduos sólidos, a queima dos rejeitos é uma realidade bastante comum na região constituindo uma prática quase que cultural. Durante as visitas realizadas, sobretudo nos fins de tarde, foi comum a percepção do odor causado pela queima dos rejeitos. Esta prática é comum mesmo nas áreas onde existe coleta pública dos resíduos e quando questionados os indivíduos corriqueiramente respondem que é normal, que sempre agiram assim.

As queimadas no entanto não se limitam apenas aos espaços rurais e aos resíduos sólidos. Embora sejam mais frequentes nos canaviais afastados do perímetro urbano, verifica-se na proximidade de alguns condomínios frequentes incêndios intencionais gerados para a posterior colheita da cana de açúcar. Tanto os incêndios dos canaviais, quanto a queima dos rejeitos pontuam entre os aspectos negativos mais percebidos na região, fazem parte das experiências desenvolvidas neste espaço e revelam atitudes negativas em relação à percepção obtida (Figuras 23 e 24).

“Quando eu penso em Aldeia uma das primeiras coisas que me vêm à mente são as queimadas...É raro o dia que eu não vejo! As pessoas reclamam das cidades por causa da poluição, mas aqui não está sendo muito diferente... No verão, por exemplo, dificulta até a visão em alguns pontos da estrada, sem falar do mal cheiro, principalmente para quem tem doença respiratória” (Trecho de depoimento de residente em Aldeia há 8 anos).

Figura 23 - Queima de resíduos orgânicos e domésticos próximos às residências



Fonte: Elidiane Amancio, 2016.

Figura 24 - Queimada em canavial próximo ao condomínio



Fonte: Elidiane Amancio, 2016.

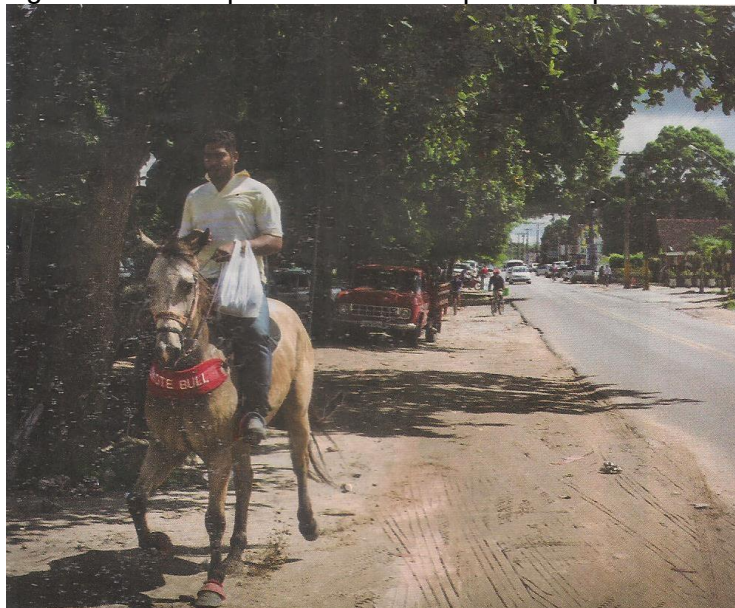
Verificam-se, assim, dois tipos de preocupação constantemente evidenciados, um relacionado puramente ao desconforto causado pela fumaça e, em segundo plano, a preocupação com o lugar, com a ameaça que fogo representa para a flora, que é a principal referência de identidade da região.

Afora os problemas cotidianos relacionados à destinação dos resíduos e às queimadas, a mobilidade urbana também constitui um aspecto central cuja percepção resulta de experiências quase sempre negativas. Principalmente em seu perímetro urbano, os problemas relacionados à intensificação do trânsito na região são constantemente relatados e, neste contexto, as experiências relacionadas à violência e à ocorrência de acidentes trágicos são frequentes.

De forma geral, o acesso principal à região corre através da PE- 027 também conhecida como Estrada de Aldeia. Nesta observa-se cotidianamente o tráfego de veículos de pequeno e grande porte por uma via com uma só faixa para cada sentido do tráfego, com carente sinalização, acostamento inexistente em alguns pontos e com o desenvolvimento do comércio ambulante ao longo de toda sua extensão. A Estrada de Aldeia é também a principal expressão das transformações vivenciadas em Aldeia, ao

longo dela as paisagens e as tradições se fundem em uma perspectiva que une o urbano e o rural e o tradicional ao moderno (figura 25).

Figura 25 - Transporte a cavalo frequente no perímetro urbano



Fonte: Algo Mais, 2016.

A respeito das difíceis condições de circulação averiguadas ao longo da PE – 027 os discursos revelam percepções negativas, tanto para os que utilizam veículo particular, quanto para que recorre ao transporte público.

“Trabalho em Recife e escolhi morar em Aldeia pelas razões que todos conhecem, mas às vezes me arrependo da decisão... De manhã a estrada fica intransitável, principalmente durante o período escolar. À noite todos têm pressa de voltar para casa e a gente acaba vendo de tudo, gente em alta velocidade, ultrapassagens proibidas e até animais na via. É uma mistura de perigo e desordem... Sem contar com o barulho, todos os dias passo em média três horas dentro do carro e boa parte desse tempo é no trecho que vai da praça de Camaragibe até o Vera Cruz.” (Trecho do discurso de moradora residente há 11 anos em Aldeia).

“Quem mora em Aldeia e precisa de ônibus sofre, principalmente se for o Araçoiaba, esse aí chega a demorar quase duas horas quando não quebra lá na estrada do quartel... Quando ele chega aqui no centro de Vera Cruz já está lotado, quando eu tenho tempo espero outro, mas quase sempre entro nele cheio mesmo... O ônibus da prefeitura é melhor, mas usar ele todo dia e pagar duas passagens fica muito caro, então tem que

pegar o lotado mesmo.” (Trecho do discurso de morador residente em Aldeia há 23 anos).

Os discursos mencionados acima exprimem as limitações referentes à infraestrutura presente nos espaços periurbanos, em Aldeia esta realidade também é verificada e é representada como sinônimo de perigo e precária acessibilidade pelos moradores.

Embora a região seja frequentemente procurada em função de seus aspectos bucólicos e de seus atributos ecológicos ocorre a ausência de equipamentos voltados para proporcionar lazer à população local, principalmente um lazer que inclua a dimensão ecológica. No entanto, não significa a ausência de projetos nem a falta de desejo por parte da população. O projeto da Estrada-Parque e do conhecido Parque dos Dinossauros são exemplos de equipamentos urbanos que constituem apenas promessas futuras à população local.

Chamado de Parque dos Dinossauros pela população, devido à existência de esculturas no interior do terreno, a área que hoje abriga apenas remanescentes da vegetação nativa e áreas desmatadas no processo de planejamento e implementação de um parque pedagógico na região, é ponto de encontro diário de pessoas que utilizam este espaço para realizar caminhadas e trilhas. Porém, diante do abandono e da falta de segurança no local as visitas tornam-se cada vez menos frequentes, restando apenas a memória de um espaço amplamente utilizado pelos moradores locais (Figura 26).

Figura 26 - Vista de parte do Parque dos Dinossauros



Fonte: Google imagens, 2017.

A imagem ilustrada acima é melhor justificada através do discurso e das memórias dos indivíduos que experienciam este espaço e que possuem memórias atreladas a ele:

“Me lembro da época em que o parque era cheio de árvores e jaqueiras, era lindo! Era comum encontrar os amigos fazendo caminhadas no local andando de bicicleta... Hoje, depois que a prefeitura disse que ia construir um parque pedagógico tá assim... A obra parada, o mato crescendo, derrubaram as árvores... a única coisa que tem é gente usando droga! Bom mesmo seria se o espaço fosse recuperado para a população usar, pois hoje a gente se arrisca no acostamento pra fazer as nossas caminhadas” (Trecho de depoimento de residente na área há aproximadamente 20 anos).

As experiências diárias desenvolvidas nas áreas onde predominam os usos espaciais tipicamente rurais também apresentam estruturas espaciais que confundem o observador e até mesmo os sujeitos que convivem neste espaço, reforçando a ideia de avanço de intencionalidades tipicamente urbanas no espaço rural. Nesta perspectiva, em meio à núcleos de povoamento tradicionais, observa-se a instalação de fixos industriais que destoam da paisagem e reafirma a ideia de um espaço de aproveitamento de

recursos, de expansão metropolitana e de grandes obras de circulação, como o pretendido Arco Metropolitano.

No contexto acima mencionado, as duas principais preocupações dos indivíduos residentes ou que atuam na conservação de Aldeia, dizem respeito à operação do complexo termoelétrico situado na Região de Aldeia, mais precisamente no município de Igarassu. Este complexo é constituído por três usinas movidas a óleo diesel e operam principalmente nos períodos de estiagem para complementar a oferta de energia elétrica que a RMR demanda. De acordo com o Fórum Socioambiental de Aldeia (FSA), os moradores tomaram conhecimento deste empreendimento já em sua fase de operação, devido ao ruído dos motores, cujo som assemelha-se ao barulho de helicópteros sobrevoando constantemente um mesmo lugar, causando frequentes transtornos aos moradores locais humanos e aos animais.

Esta atividade resultou em impactos ambientais expressos por meio da poluição sonora de maneira que pessoas residentes até 12 km de distância das usinas eram afetadas pelo ruído. Este também constituiu uma preocupação do FSA em relação às aves nativas, uma vez que Aldeia abriga um importante centro de endemismo. Em fase da operação o combustível necessário para o funcionamento dos motores era transportado por caminhões que circulavam pela principal via de acesso à região (PE – 027), sendo registrado um fluxo diário de 150 a 200 caminhões. Estes impactos de cunho socioambiental foram mitigados através da proibição da circulação dos caminhões no horário das 7h às 19h e em relação à poluição sonora foram instalados silenciadores nos motores das usinas. Ambas as ações são provenientes das reivindicações do FSA, as ações mencionadas amenizam os impactos, mas não resolve definitivamente o problema.

“Tomei um susto quando ouvi o barulho pela primeira vez, sabia que vinha de perto das matas, mas ninguém sabia onde era e o barulho era tão alto que a gente não conseguia nem dormir direito, parecia um helicóptero sobrevoando a casa da gente o tempo todo... Era terrível, o barulho e os caminhões transformaram a rotina da gente em um inferno. A estrada já era apertada e como o volume de caminhão que passava era pior ainda, o trânsito que já é ruim ficava ainda mais lento e perigoso” (trecho de depoimento de residente em Aldeia há 8 anos).

A operação e ampliação do complexo de usinas termoelétricas em um ambiente delimitado para compor uma área de proteção ambiental preocupa residentes, ativistas e

pesquisadores, pois os impactos ambientais negativos causados afetam a qualidade do ar, a fauna local e o bem estar da população (Figura 27).

Figura 27 - Vista da usina termoeletrica Pau Ferro em operação



Fonte: Fórum Socioambiental de Aldeia, 2015.

Assim como a operação do complexo de termoeletricas, outro empreendimento que preocupa os moradores da região é o Arco Metropolitano, obra idealizada e em fase de planejamento pelos governos estadual e federal com o objetivo de atrair investimentos e indústrias para a Zona da Mata Norte de Pernambuco. O Arco Metropolitano constitui uma via expressa que faria a conexão entre a Mata Norte e Sul de Pernambuco, cortando a APA Aldeia Beberibe. Em seu trajeto original a estrada cortaria as matas ciliares e o vale do rio Pitanga, passando pelo parcelamento do Incra, no Km 16, em direção a Paudalho, até atingir a BR 408. Neste aspecto, o impacto ambiental seria negativo e irreversível atingindo diretamente o refúgio de vida silvestre e reserva ecológica da mata de Miritiba (Figura 28).

Figura 28 - Traçado do Arco Metropolitano



Fonte: Jornal do Commercio, 2012.

O sentimento de preocupação e à luta do CODEAMA (Conselho de Defesa Ambiental de Aldeia) e do FSA diante da magnitude dos impactos a serem causados podem ser melhor compreendidos em forma de verso através de trechos do cordel *O Arco Metropolitano de Bartolomeu de Sá*, divulgado pelo FSA:

O ARCO METROPOLITANO

*Leitor deste meu cordel
Peço toda a sua atenção,
Pois o tema que abordo
Requer muita reflexão.
E devido a sua importância
Exige concentração.*

*O caso é que querem alterar
De maneira irreversível
Um pedacinho da Terra,
E o efeito será horrível.
Voltar ao que era antes
Sabemos que é impossível.*

[...]

*Neste cordel vou mostrar
O motivo da intervenção.
E também enfatizar
Que haverá devastação.
Não só no primeiro impacto
Mas com a continuação.*

*É necessário uma estrada
De Suape até Goiana,
Cidade que há muito tempo
Vivia de plantar cana.
Agora vai fazer carro
De uma fábrica italiana.*

[...]

*Mas se a estrada passar
Pelo local escolhido,
O último reduto da mata
Será em dois repartido,
E o coração de Aldeia
Mortalmente atingido...*

(Bartolomeu Leal de Sá)

A poesia popular parcialmente descrita acima resume o sentimento dos indivíduos presentes na APA Aldeia Beberibe, não apenas em relação aos impactos a serem causados pela construção do pretendido Arco Metropolitano, mas por todas as transformações ambientais e sociais geradas a partir da intensificação da dinâmica de periurbanização local, este sentimento de ameaça é presente nos discursos de adolescentes e adultos que, mesmo sem conhecerem as reais proporções dos impactos a serem causados pelo projeto, externam sua preocupação.

“Eu já ouvi falar dessa estrada na televisão e na escola... Na TV falaram que era bom, mas aqui a professora mostrou o contrário. Eu não entendo direito como funciona, mas acho que vai ser ruim para a mata, para os rios e para os animais que sempre morrem atropelados... Acho que essa estrada devia passar por outro lugar, pois aqui já tá ficando muito movimentado” (Treco do discurso de morador de Aldeia há 8 anos).

“Eu não concordo com a construção deste projeto, pois não vai resolver o principal problema do trânsito, mas pode gerar consequências sérias para a Aldeia que já carece de ações de proteção e não de ações que piorem a qualidade ambiental... Bom seria se todos se unissem contra esse projeto e não apenas o CODEAMA e o Fórum” (Trecho do discurso de morador de Aldeia há 24 anos).

Ainda no contexto das experiências desenvolvidas nos ambientes tipicamente rurais e que resultam em impactos/conflitos ambientais, as atividades agrícolas relacionadas ao agronegócio (cana-de-açúcar) e as práticas de agricultura familiar pautadas na utilização de agrotóxicos constituem outra preocupação de quem escolhe Aldeia como ambiente para viver:

“Eu sei que aqui tem uso de veneno no canavial e isso me deixa assustada pois tá praticamente dentro do condomínio, a gente sabe que isso causa doenças sérias e teme pela saúde da nossa família... Eu mesma já observei os aviões que passam no canavial e molham tudo, parece chuva... Acho que a gente respira esse veneno todinho.” (Trecho do discurso de moradora de Aldeia há 8 anos).

A preocupação expressa no depoimento citada é semelhante à preocupação verificada nos sujeitos que manipulam os defensivos agrícolas. Nestes verificam-se preocupações centradas principalmente no que tange à saúde física:

“Aqui no assentamento todo mundo usa pra não dá bicho na macaxeira, a gente bota com a bombinha mesmo... Eu sei que o certo é não usar e não pegar do jeito que a gente pega para não adoecer né, mas já me acostumei, já conheci gente que guardava até a garrafa, pelo menos até hoje eu estou viva (risos)” (Trecho do depoimento de moradora de assentamento rural há 12 anos).

Como já mencionado, a área abriga um importante grupo de nascentes e bacias hidrográficas responsável grande parte do abastecimento público da RMR. Neste aspecto, o uso intensivo de defensivos agrícolas gera a contaminação do solo e dos recursos hídricos, causando medo na população que em geral consome a água oriunda dos poços e fontes da região. Mas estas pessoas não possuem acesso à informação necessária a respeito dos danos causados pelo consumo das águas contaminadas. Este problema é ainda mais grave nas áreas de agricultura familiar. Nelas, verifica-se a contaminação dos recursos naturais atrelado aos riscos à saúde devido ao manuseio incorreto dos produtos químicos (Figura 29).

Figura 29 - (1) Áreas de dispersão de pesticidas em usinas; (2) Plantão de macaxeira com uso de pesticidas



Fonte: Elidiane Amancio, 2016.

Os danos causados aos recursos hídricos através da poluição pontual e difusa (dispersão de larvicidas e pesticidas por aviões nos canaviais e em pequenas plantações) são complementados pela supressão da cobertura vegetal em áreas de nascentes e em locais onde deveria existir a mata ciliar. Estas realidades são comuns em áreas de usinas como no município de Igarassu (Figura 30).

Figura 30 - Áreas de ausência de mata ciliar e nascentes reflorestadas com bambu em Araçoiaba e Igarassu



Fonte: Elidiane Amancio, 2016

Nesta perspectiva, as experiências dos indivíduos inseridos em Aldeia revelam um ambiente marcado por conflitos gerados a partir de interesses distintos relacionados às intencionalidades relacionadas aos usos do espaço. Estas funcionalidades se traduzem em processos (re)estruturadores do espaço que intensificam as mudanças de formas e funções numa perspectiva espaçotemporal no ambiente periurbano. Embora hoje bombardeada por pressões ambientais provenientes das atividades humanas, Aldeia emerge na consciência dos sujeitos que a vivenciam como ambiente puro e sagrado, portador de uma identidade ecológica e bucólica que se materializa nas memórias e nas relações desenvolvidas neste espaço. Contudo, da mesma medida que é segura também carece de cuidado e proteção para que o sentido bucólico não se perca em relação às urbanidades cada vez mais próximas.

De forma genérica, o espaço pensado para representar um reduto de tranquilidade e equilíbrio ecológico, assemelha-se a uma quebra-cabeça onde as peças encaixadas que compõe a totalidade espacial assumem formas distintas, mas que se comunicam. Isso reforça a ideia do *contínuum rural-urbano* de Kayser, atribuindo ao espaço os sentidos do periurbano: prestação de serviços ambientais, residenciais, comercial, agrícola, industrial e etc.

As memórias individuais e coletivas se unem em um contexto de identidade que reforçam a necessidade de conservação das características ecológicas que ainda restam neste espaço, bem como a necessidade de maior atenção em relação aos descompassos sociais presentes na área. Assim, independente da motivação, seja por manutenção de um espaço de exclusividade bucólico, seja por questões de subsistência ou até por consciência dos serviços ambientais prestados por esse ambiente, a sensibilidade aflora nos discursos e representações individuais e coletivas podendo ser verificado no cotidiano através das conversas informais, das manifestações culturais e da tradição do campo que resiste às marcas da urbanização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço periurbano é caracteristicamente um espaço que, visto a partir dos sujeitos e de suas relações para com o meio, congrega uma enorme variedade de paisagens, lugares e experiências que atribuem a este ambiente funcionalidades e intencionalidades distintas. As diversas formas de relacionamento espacial desenvolvidas se constituem com base nas relações simbólicas e implicam em diretas transformações das formas e objetos dispostos numa perspectiva espaço temporal, podendo ou não impactar no equilíbrio socioambiental característico dos ambientes periurbanos. Neste direcionamento a região de Aldeia conserva seu sentido de periurbano, balizada nas experiências campestres ancoradas no imaginário e no cotidiano dos sujeitos.

As áreas de transição constituem ilhas de amenidades em meio ao ritmo frenético das urbes e por esse motivo são tomadas como objeto de desejo por sujeitos preocupados com a comodidade, mas avessos ao caos comum aos centros urbanos, esta tradição está incutida nos ambientes periurbanos de forma genérica e em Aldeia não é diferente. Como averiguado nos inquéritos deste estudo, o sentido ecológico e campestre é de maneira ampla a primeira funcionalidade destes ambientes e encontra-se ancorada nas práticas cotidianas. Estas, quando conjugadas com as demais funcionalidades espaciais, resultam em processos socioespaciais como o surgimento de novos núcleos urbanos verificados no recorte investigado e crescente inserção das urbanidades na rotina pacata das novas periferias.

A complexidade das áreas de transição rural-urbana, cotejada a partir do referencial humanista na Geografia, traduz-se no lugar enquanto núcleo gerador de sentidos e afetividade. Neste contexto o periurbano evoca sentimentos e sentidos contraditórios, ora revela-se como refúgio que precisa ser preservado, sendo constantemente associado à ideia de lar, e ora é sinônimo de perigo, desconhecido e alheio às afetividades. Esses entendimentos apenas foram revelados quando o foco das atenções desviou-se dos processos socioespaciais para o sujeito, o ser que anima e significa os vários lugares de Aldeia, permitindo a identificação dos lugares de oportunidades, dos lugares da memória, dos lugares bucólicos, dos lugares das

urbanidades, dentre outros, que figuram no imaginário dos sujeitos que experienciam o mundo vivido periurbano.

O mundo vivido no periurbano de Aldeia verificou-se através de espaços revelados a partir da comunicação, do discurso e dos comportamentos, como espaços percebidos, e através das interações interpessoais e intergrupais verificadas nos espaços da ação. Este mundo congrega o natural, o social e o cultural e suas experiências podem revelar-se como diametralmente opostas, ou seja, são experiências que remetem a um mundo vivido ideal, bucólico e ecologicamente equilibrado, mas em outra perspectiva transmuta-se em um mundo vivido das agressões geradas pelo agronegócio ao ambiente, pelo aumento das disparidades sociais nos aglomerados urbanos, pelas pressões oriundas do setor imobiliário sobre os recursos hídricos e florestas e pelo incremento dos típicos problemas urbanos como a violência urbana, o trânsito caótico, a ausência de serviços e equipamentos, a poluição atmosférica e sonora, dentre outros aspectos que são verificados espaço periurbano de Aldeia no contexto de mundo vivido geográfico.

O mundo vivido revelado através das formas físicas (o rural, o urbano, o industrial, os aglomerados de exclusão), estruturam-se sob a égide das funcionalidades desenvolvidas a partir de intenções oriundas dos agentes produtores do espaço, e dos sujeitos que o experienciam, nesta perspectiva o periurbano de Aldeia comporta funcionalidades que contrastam com os objetivos de proteção da região, são elas: o uso residencial indiscriminado, as atividades industriais, o comércio de produtos e serviços em constante expansão, o desenvolvimento de bolsões de pobreza caracteristicamente urbano, as atividades agropecuárias danosas ao meio ambiente.

As funcionalidades espacialmente reconhecidas geram impactos diretos nas estruturas subjetivas que unem os indivíduos ao periurbano, em Aldeia as intenções averiguadas desde os antigos engenhos, perpassando pelas granjas e chácaras até os usos comerciais e residências, promoveram mudanças nas representações sociais do periurbano no sentido da percepção das urbanidades inseridas neste espaço, mas não configuram fatores determinantes para que o elo de identidade balizado nas tradições e memórias ecológicas e/ou bucólicas seja superado.

As funcionalidades e seus desdobramentos no periurbano são averiguadas pelos sujeitos em face de seus estímulos sensoriais, estas ao serem ressignificadas atuam

conjuntamente com as atitudes positivas em relação à um objeto, que neste caso compreendeu a APA Aldeia Beberibe. De forma conclusiva as funcionalidades tipicamente urbanas influenciam na promoção de atitudes e comportamentos negativos em relação ao periurbano, no contexto da degradação ambiental, hoje vivenciado e em conjunto com as percepções culminam em condutas predatórias ao equilíbrio ambiental. Ainda no tocante às percepções e atitudes, estas revelam-se positivas diante de situações onde o quadro ambiental apresenta-se como estável.

As representações sociais averiguadas a partir da comunicação em nível individual e intergrupar reforçam os valores dos grupos e atuam como reguladores sociais dentro do contexto periurbano, neste sentido, pautados nos sistemas de crenças dos distintos grupos o periurbano de Aldeia emerge como espaços de oportunidade e subsistência para indivíduos inseridos neste ambiente a partir das dinâmicas centrípetas de produção espacial, como ar puro, água em abundância, vegetação protegida, dentre outros. A definição das representações grupais orienta o inquérito das transformações uma vez que estas constituem reguladores sociais de condutas e comportamentos desenvolvidos com base nas experiências individuais, grupais e intergrupais.

A materialização das representações e das memórias expressa-se no periurbano através das tradições que constituem o pilar de formação das identidades. Desta forma, a memória que ecoa no imaginário dos sujeitos inseridos no periurbano está intimamente relacionada com o rural e suas amenidades. Neste sentido, mesmo em face dos desdobramentos periurbanos, o sentido do ambiente bucólico prevalece como marco de identidade coletiva.

O avanço metodológico apresentado neste estudo constitui o emprego das representações sociais através da Teoria das Representações Sociais e da Abordagem Societal visando a discussão do mundo vivido de Aldeia, de como ele é reproduzido nos discursos individuais e como os grupos sociais investigados regulam suas condutas e atitudes em face das representações que possuem em relação à UC enquanto objeto de investigação.

A partir do referido avanço metodológico as memórias reveladas nos discursos reafirmam os sistemas de crenças e valores pertencentes a distintos quadros comuns em relação aos segmentos investigados. De imediato o segmento cuja origem está

relacionada com o movimento centrífugo de produção espacial, apresenta memórias relacionadas à vida no campo e aos aspectos ecológicos, à fuga do urbano, ao ambiente tranquilo, à acessibilidade e em última perspectiva à inserção das comodidades urbanas nos espaços caracteristicamente rurais. O segmento social oriundo da dinâmica centrípeta, cuja origem está atrelada aos limites rurais da região investigada, relatam memórias que apontam para a Aldeia como um espaço de oportunidade, no rural ligado às atividades agrárias e no urbano às práticas comerciais e aos condomínios residenciais, como fonte de recursos necessários à subsistência pessoal e familiar, como ambiente onde outrora se estabeleceram vínculos e contatos com a natureza e como ambiente carente de serviços e equipamentos.

As memórias apresentadas se comunicam em aspectos que tangem à questão dos elementos rurais no cotidiano dos sujeitos e no que diz respeito à intensificação cada vez mais crescente das funções urbanas no ambiente instituído para ser sinônimo de campo, de meio ecológico. Tal observação deve ser apreciada com bastante atenção no que tange ao planejamento, uma vez que estas memórias são consideradas relativamente recentes e podem revelar os espaços carentes de atenção e investimentos, bem como de intervenções no sentido de mitigar ou evitar danos sociais e ambientais de caráter irreversível.

A intersecção das memórias e representações com o quadro de gerenciamento deste ambiente indicam aspectos positivos e negativos. O aspecto positivo a ser considerado diz respeito à existência de instrumentos legais, metas e órgãos destinados a cuidar da região em prol de sua sustentabilidade ecológica, social e cultural como, por exemplo, o Comitê Gestor da APA Aldeia Beberibe. No entanto, o aspecto negativo supera a existência de tais mecanismos uma vez que estes assumem um papel de atuação figurativo não havendo articulação de gestões políticas e territoriais. Nesta perspectiva, o principal mecanismo criado para proteção da área, a Agenda 21 da Região de Aldeia, representa apenas um projeto sonhado, mas sem efetividade.

Enquanto ação coordenada para alcance de um meio ambiente ecologicamente equilibrado a Agenda 21 de Aldeia apresentava como principais objetivos a formulação de políticas públicas integradas que conduzam ao desenvolvimento sustentável; proteger, preservar, conservar e valorizar o patrimônio natural, cultural e construído, bem

como criar relações de parceria entre sociedade e governo, fortalecendo o exercício da cidadania. Este panorama, infelizmente encontra-se longe de ser alcançado e as diferenças neste ambiente apenas se intensificam.

A ausência da articulação territorial em termos de gestão da região de Aldeia é percebida de forma prática através dos discursos que revelaram neste trabalho os mundos vividos de Aldeia, repletos de conflitos/impactos ambientais que se utilizam da fragilidade do gerenciamento ambiental para degradar a qualidade ambiental causando impactos que a médio e longo prazo podem se tornar irreversíveis.

No âmbito dos conflitos e impactos ambientais observados no inquérito dos mundos vividos a partir dos discursos dos sujeitos, observa-se que as disparidades entre o idealizado e a realidade presente neste ambiente constitui um fator de degradação ambiental e social que se expressa na rotina diária através da ausência de fiscalização e controle das atividades poluidoras e potencialmente poluidoras e da carência de infraestrutura e serviços básicos à população nas áreas de saneamento, saúde, lazer, acessibilidade, segurança, dentre outros.

Em linhas gerais, figuram entre os conflitos mais expressivos na região a ampliação dos condomínios residenciais e paralelamente das comunidades. Os primeiros avançam sobre as áreas de especulação imobiliária, sem estrutura de saneamento e suprimindo a vegetação nativa da região. As segundas multiplicam-se em áreas de reservas florestais sem as mínimas condições de saúde e saneamento ambiental necessárias. Os desdobramentos oriundos desta forma de ocupação refletem-se nos mais diversos tipos de impactos ambientais (atmosféricos, hídricos, florestais, do solo, fauna e flora, dentre outros).

Em relação aos impactos atmosféricos, a poluição oriunda das emissões geradas pelas queimadas, tanto do lixo quanto dos canaviais, figura entre os impactos mais significativos encontrados no periurbano e registrado neste trabalho. Trata-se de uma prática prejudicial às populações e às áreas protegidas que, no que tange às comunidades rurais, principalmente, está atrelado aos modos de vida das comunidades. Neste aspecto, sugere-se o desenvolvimento de trabalhos que visem o fortalecimento de uma consciência ecológica que promova uma maior sensibilidade para os impactos relativos à saúde humana e do meio ambiente.

De maneira intermitente às emissões atmosféricas, também podem ser averiguadas através do complexo de usinas termoelétricas inseridos na região, principalmente nos períodos de estiagem, a este impacto soma-se a poluição sonora que prejudica a fauna local e as comunidades vizinhas.

Referente à circulação no território de Aldeia, as queixas apresentadas estão relacionadas à intensidade do fluxo de veículos e às condições de sinalização e manutenção das vias. Neste sentido, recomendam-se ações de educação no trânsito e intensificação das fiscalizações, que são verificadas em maior quantidade apenas em feriados prolongados e em finais de semana esporádicos.

Referente aos equipamentos urbanos e à ausência de infraestrutura adequada, tais como ruas saneadas, praças, acostamentos de qualidade, dentre outros, é responsabilidade dos poderes públicos municipais e estaduais providenciar tais estruturas. No entanto, é indispensável a mobilização da sociedade civil organizada no sentido de cobrar a efetividade das ações, bem como de fiscalizar os projetos, para evitar desfechos como o verificado no Parque dos Dinossauros, gerando um espaço de periculosidade e abandono em vez de um equipamento urbano de qualidade.

Assim como as reivindicações relacionadas às obras de infraestrutura observa-se também um comportamento passivo dos sujeitos inseridos na Região de Aldeia em face da utilização de defensivos agrícolas que contaminam as áreas de proteção de mananciais e comprometem a qualidade ambiental e a saúde humana. Neste sentido é indispensável a organização popular para a mitigação dos impactos gerados.

Os conflitos apresentados foram identificados em função do contato estabelecido com a Região de Aldeia numa perspectiva humanista onde procurou-se conhecer as intencionalidades e funcionalidades locais através dos sujeitos, de suas experiências, memórias, representações sociais e identidades, nesta perspectiva os desdobramentos apresentados pontuam no sentido de alterações da qualidade ambiental e social que podem gerar transformações futuras irreversíveis que resultem numa descaracterização das áreas de amenidades a partir da ampliação das urbanidades trazidas pelo movimento centrífugo de expansão metropolitana.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE MEIOAMBIENTE. **Plano de manejo da Área de proteção Ambiental Aldeia Beberibe**. Recife: CPRH, 2009.

ALGO MAIS. **Problemas atingem Aldeia**. Disponível em: <<http://www.revistaalgomais.com.br/noticias/problemas-atingem-aldeia>>, Acesso em: 22 Dez. 2016.

ALMEIDA, A.M.O. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 713-737, set./dez. 2009

ANDRADE, A.K. N. **O lugar em Aldeia significados, percepções e atitudes dos moradores dos condomínios de Aldeia, Camaragibe – PE**. 2006. 299 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

ARAÚJO, M. L. G. **Ciência, Fenomenologia e Hermenêutica: Diálogos da Geografia para os Saberes Emancipatórios**. Belo Horizonte, 2007. 226 f. Tese (doutorado em geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais.

ASSENSIO, P. J. **Pnce. Cambios sociales e espacios periurbanos del pais valenciano** (Trabalho de fim de curso). 2005. <http://mural.uv.es/pepona/principal.html>(Acesso em: 18 de dez de 2016).

ASSIS, *et al.* O papel da hermenêutica na concepção da percepção ambiental. In: **Revista de Geografia (UFPE)**. Recife, Vol. 30, nº 2: 17-31, 2013.

BACHELARD, G. **The Poetics of Space**. Boston: Beacon Press, 1969.

BRAGA, E. S. **A construção social da memória: uma perspectiva históricocultural**. Ijuí: Unijuí. 2000.

BRASIL. Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução nº 001, de 23 de janeiro de 1986. **Dispõe sobre critérios básicos e diretrizes gerais para o Relatório de Impacto Ambiental RIMA**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 17 fev. 1986.

BITTENCOUR T, A. **A FEB e o campo de instrução do Engenho Aldeia**. Disponível em: <http://albertobittencourt.blogspot.com.br/2013/10/a-feb-e-o-campo-de-instrucao-do-engenho_29.html>. Acesso em: 12 de jan. 2017).

BITOUN, J. Impactos socioambientais e desigualdade: vivências diferenciadas frente a mediocridade das condições de infraestrutura das cidades brasileiras: O exemplo de Recife. In: **Impactos socioambientais urbanos**. Curitiba: UFRPR, 2004.

BUTTIMER, A. Social space in interdisciplinary perspective. **Geographical Review**. 59 (4) : 417-426, 1969.

CARLOS, A. F. **A crise urbana**. São Paulo: Contexto, 2015.

CORRÊA, R.L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995

CORETH, E. **Questões fundamentais de hermenêutica**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. 202p.

DARDEL, E. **L' Homme et la Terre: nature de la réalité géographique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Carlos: Studio Nobel, Editora da UFSCa, 1996. 265 p.

DONNE, M. **Teoria sobre a cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

DOISE, W. **L'explication en psychologie sociale**. Paris: P.U.F., 1982

_____. Les représentations sociales. In: GHIGLIONE, R.; BONET, C.; RICHARD, J. F. (Eds.). **Traité de psychologie cognitive**, Paris: Dunod, 1990. p. 111-174.

_____. La doble dinámica social en el desarrollo cognitivo. **Anthropos – suplementos**, n. 24, p. 12-19, 1991.

_____. Debating social representation. In: BREAKWELL, G. M.; CANTER, D. V. **Empirical approaches to social representations**. Oxford: Oxford University Press, 1993. p. 157-170.

DOWNS, R.M. Geographic space perception. Past approaches and future prospects. In: **Progress in greography**, 1970.

ENTRIKIN, J. N. O humanismo contemporâneo em geografia. **Boletim de Geografia Teorética**. Rio Claro, São Paulo, vol. 10, nº 19: 5-30, 1980.

_____. Attitudes toward environment: themes and approaches. In: Lowenthal, . (ed.). **Environmental perception and behavior**. Chicago, Univ. of Chicago Press, 1967, p. 4-17.

FALCÃO, R. B. **Hermenêutica**. São Paulo: Malheiros Editores, 1997. 281p.

FAGGIONATO, S. **Percepção Ambiental**. Programa Educ@r. USP: São Paulo. 2005. Não
Paginado. Disponível em<
http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html#percepcao >. Acesso em 18 de
junho de 2011.

FARR, R. Theory and method in the Study of social representations. In: **G. M. Breakweell e D.V. Canter. Empirical approaches to social representations**, Oxford: Oxford University Press. P. 113-161.

FERREIRA, A.B.H. **Miniaurélío século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GADAMER, H. **Verdade e método II: complementos e índice**. Tradução Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002. 621 p.

GUIMARÃES, H.B. 2008. **Gestão ambiental em áreas sob a tutela do Exército Brasileiro: O caso Campo de Instrução Marechal Newton Cavalcante-Pernambuco-Brasil** /. – Recife: Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Gestão e Políticas Ambientais, 2008.

GOMES, E. T. A. **Recortes de paisagens: abordagem histórico-geográfica do espaço urbano do Recife a partir do estudo das representações**. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/1969/1932> > Acesso em: 29 set. 2014.

GONDAR, J.; DODEBEI, V. (orgs.). **O que é Memória Social?** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, J. G. **O novo rural brasileiro**. Campinas: Unicamp, 2002.

GRONDIN, J. **Introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HISSA, C. E. V., CORGOSINHO, R. R. Recortes de lugar. **Geografias**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 7-21, jan.-jun. 2006.

HOLZER, W. **Um Estudo Fenomenológico da Paisagem e do Lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 1998. 242 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

HORTON, F.E e REYNOLDS, D.R. Effects of urban spatial structure on individual behavior. In **Economic Geography**. Worcester: Vol. 47, nº 1: 36-38, 1971.

HUSSEL, E. **The Crisis of European Science and Transcendental Phenomenology**. New York: Northwestern University Press, 1970.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 1991; Censo Demográfico 2000; Censo Demográfico 2010 (resultados preliminares); Contagem de População 2007; Cidades; Estados; Produção Agrícola Municipal - PAM; Banco de dados SIDRA**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes cidades**. São Paulo: Martins Fonte, 2000.

JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações Sociais e Esfera Pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KAYSER, B. **La renaissance rurale. Sociologie des campagnes du monde occidental**. Paris: Armand Colin, 1990.

LACERDA, N. M. **Metropolização e subdesenvolvimento: o caso do Recife**. Recife: Sudene, 1978.

LEFEBVRE, H. A revolução urbana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

LUCENA, M. F.A. 2009. **Flora da Mata do CIMNC, Pernambuco, Brasil**. Relatório Técnico. Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste, Recife, PE.

LOWENTHAL, D. Introduction: environmental perception and behavior. In: Lowenthal, D. (ed.). **Environmental Perception and Behavior**. Chicago, Univ. of Chicago Press, 1967 b, p. 1-3.

MARANDOLA JR. E. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, Rio de Janeiro, 3, jun. 2013. Disp.: <http://www.uff.br/posarg/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/123>. Aces: Dez 2014.

MATORÉ, G. **L'Espace Humain**. Paris: La Colombe, 1962.

MERLEAU-PONTY, M. **The strucutre of behavior**. Beacon Press: Boston, 1962.

MELLO, J. B. F. A humanística perspectiva do espaço e dos lugar. In: **Revista ACTA Geográfica**, Vol. V, nº 9, jan/jun, p. 07-14, 2011.

MIRANDA, L. I. B. **Produção do espaço e planejamento em áreas de transição urbana-rural: o caso da Região Metropolitana do Recife – PE**. 2008. 334 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

MOSCOVICI, S. **La Psychanalise, son image et son public**. Paris: P.U.F, 1976

_____. **Representações sociais. Investigação em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

OKAMOTO, J. **Percepção ambiental e comportamento**: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação. São Paulo: Mackenzie, 2002. 261 p.

OLIVEIRA, L. **Estudo metodológico e Cognitivo do mapa**, 1977, Tese (Livre Docência) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1977.

PARSONS, J. J. Toward a more humane geography. **Economic Geography**. 45 (3) : guest editorial, 1969.

PELUSO, M.L. **O potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental**. Estudos de Psicologia. V. 8, n.5, p. 231-237. 2003

POLLAK, M. (1992). Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 5 (10), 200-212.

RELPH, E. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. **Canadian Geographer**. 14 (3) : 193-201., 1970.

RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**. v. 4, n.7, 1979.

SÁ, Celso Pereira. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTOS, M.F.S., ALMEIDA, L.M. **Diálogos com a teoria da representação social**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: UCITEC, 1993.

SAQUET, M. A.; Silva, S.S. Milton Santos: Concepções de geografia, espaço e território. In: **GeoUerj**, Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2008. P. 24-42

SAUER, C. The Morphology of landscape. In: Leighly, J. (ed.). **Land and Life – a election from the Writtings of Carl Ortwin Sauer**. Berkeley, Univ. of California Press, 1983, p. 315-350.

SCHIFF, M. R., Considerações teóricas sobre percepção e atitude. In: **Boletim de Geografia Teorética**. RioClaro, Vol. 3, nº 6, 1973.

SILVA, J. G. da. **O novo rural brasileiro**. Campinas: Unicamp, 2002.

SOUZA, M. J. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. In: **Revista Graphos**, vol.16, nº 1, 2014.

SOUZA, M. L. **ABC do desenvolvimento urbano**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 194p.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

TUAN, Yi Fu. Humanistic Geography. In: **Annals of the Association of American Geographers**. Washington, Vol. 66, n. 2, p. 266-276, Jun 1976.

_____. Ambiguidades nas atitudes para com o meio ambiente. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, 245(33) p. 3-5, 1975.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo, DIFEL, 1980.

_____. **Espaço e lugar.** São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Dominance and affection: the making of pets.** New Haven: Yale University Press, 1984.